



UNIVERSIDADE D  
COIMBRA

Isadora Oliveira Lemos

**INFLUÊNCIA DO FEMINISMO NO DESENVOLVIMENTO  
DA IDENTIDADE DE ADULTAS EMERGENTES NO  
CONTEXTO UNIVERSITÁRIO**

**Dissertação no âmbito do Mestrado  
em Temas de Psicologia do Desenvolvimento orientada pela Professora  
Doutora Luiza Isabel Gomes Freire Nobre Lima e apresentada à Faculdade de  
Psicologia e de Ciências da Educação**

Fevereiro de 2020

## **Resumo**

Com este estudo, de caráter qualitativo e exploratório realizado com base na metodologia *Grounded Theory*, pretendeu-se analisar a influência que o feminismo tem na construção da identidade de mulheres, adultas emergentes, que se encontram a frequentar a universidade. Participaram do estudo onze estudantes universitárias, com idades entre os 23 e 34 anos, a grande maioria a frequentar o mestrado em várias áreas científicas, e que se identificam com o movimento feminista. A análise das suas narrativas permitiu alcançar uma compreensão sobre o entendimento que elas têm do feminismo, a percepção que possuem acerca das diferenças entre géneros, o modo como identificam estas diferenças no contexto universitário e sobre a construção de uma identidade feminista. Concluiu-se que o feminismo funciona como fator protetor para o desenvolvimento identitário, pois, possibilita que adultas emergentes façam explorações e tracem o caminho de vida que desejam para si. Apesar de o contexto universitário reproduzir e manter um paradigma que não visa a igualdade entre os géneros, o mesmo se apresenta como espaço de diversidade e identificação aliado ao movimento feminista

Palavras chave: Feminismo, Identidade, Adulter Emergente, Universidade, Mulher

## **Abstract**

This qualitative and exploratory study based on Grounded Theory methodology sought to analyze the influence of the feminism on the construction of identity of adult emergent women, attending university. Eleven college university students involved with the feminist movement, aged between 23 and 34 years old, the majority enrolled in a master's course, participated in the study. From the analysis of their narratives emerged a reasonable understanding about their definition of feminism, the perception they hold about gender differences, the way they identify these differences in the university context and about the construction of a feminist identity. It was concluded that feminism works as a protection factor for the identity development, allowing emerging adults to explore and trace the path of life they desire for themselves. Although the university context reproduces and maintains a paradigm that doesn't aim gender equality, it presents itself as a space for diversity and identification allied to the feminist movement.

Keywords: Feminism, Identity, Emerging Adulthood, University, Woman

Conteúdo	
<b>Resumo</b> .....	1
<b>Abstract</b> .....	1
<b>Capítulo 1</b> .....	4
<b>Introdução</b> .....	4
<b>Adulter Emergente</b> .....	5
A Identidade na Adulter Emergente .....	7
<b>Capítulo 2</b> .....	8
<b>Desenvolvimento da Mulher</b> .....	8
<b>Feminismo</b> .....	11
História do feminismo.....	11
Vertentes do feminismo .....	16
Feminismo e desenvolvimento Identitário .....	19
<b>Objetivo</b> .....	24
<b>Capítulo 4</b> .....	25
<b>Metodologia</b> .....	25
Participantes.....	25
Instrumento de pesquisa.....	26
Procedimentos.....	27
Recolha de dados .....	27
<b>Capítulo 5</b> .....	29
<b>Resultados</b> .....	29
Diagrama 1.....	31
Definição de Feminismo .....	31
Diagrama 2.....	55
Reconhecimento das diferenças de tratamento entre géneros .....	55
Diagrama 3.....	75
Perceção das diferenças de género .....	75

Diagrama 4.....	109
Diferenças no contexto universitário.....	109
Diagrama 5.....	134
Identidade Feminista .....	134
<b>Discussão</b> .....	158
<b>Conclusão</b> .....	166
<b>Referências</b> .....	169
<b>Anexos</b> .....	172
Anexo 1 – Guião de entrevista .....	172
Anexo 2 – Termo de consentimento.....	174

## Capítulo 1

### Introdução

Quem sou eu? Talvez tenha sido este um dos maiores questionamentos feitos na humanidade a fim de descobrir o sentido a vida. Ao discorrer sobre tornar-se pessoa, Carl Rogers (1987) diz que cada indivíduo tem o direito de utilizar sua experiência da maneira que lhe é própria e de descobrir seu significado. Para ele, isto representa uma das potencialidades mais preciosas da vida. Segue seu raciocínio afirmando que,

Qualquer pessoa é uma ilha, no sentido muito concreto do termo; a pessoa só pode construir uma ponte para comunicar com as outras ilhas se primeiramente se dispôs a ser ela mesma e se lhe é permitido ser ela mesma (p. 32)

Neste sentido, a constituição da identidade passa pela definição de quem se é, pela consolidação de valores pessoais e crenças que juntas orientarão os passos que serão dados ao longo da vida para que o indivíduo ganhe seu espaço e se reconheça na sociedade.

É um processo que acontece tanto individual como socialmente, passando então por interferências internas e externas, ou seja, dependem do desenvolvimento psicológico da sociedade na qual se está inserido (Campos, 1991).

Entende-se que a formação da identidade acontece na relação do indivíduo com diferentes instituições e que no processo de formação da identidade, a sociedade oferece possibilidades e campo de exploração para que indivíduos reconheçam quem são e, conseqüentemente, tracem seus projetos de vida.

Questões relacionadas a identidade são comumente relatadas no discurso de jovens, adolescentes e adultos. No caso, este estudo, centra-se na análise deste constructo no desenvolvimento de adultas emergentes. Ao serem questionados sobre quais questões estão mais presentes em sua mente, adultos emergentes demonstraram preocupação com questões relacionadas ao futuro (Kroger, 2006), particularmente no âmbito da estabilização da carreira profissional e das relações afetivas, da constituição familiar.

No caso particular de adultos emergentes, a identidade consolidada durante os anos finais da adolescência é colocada em teste nas demandas sociais e de trabalho da vida adulta (Kroger, 2006). Destaca-se que o género cumpre um importante papel nos compromettimentos identitários a nível vocacional e interpessoal (Kroger, 2006). Com foco nas diferenças do desenvolvimento identitário dos géneros, o presente trabalho, preocupar-se-á em explorar as implicações do movimento feminista na constituição da identidade de adultas emergentes, especificamente no contexto universitário.

Para isso, será brevemente apresentada uma contextualização sobre a adultez emergente e sobre as questões de género na sociedade.

### **Adultez Emergente**

Entende-se por Adultez Emergente o período de desenvolvimento humano entre a adolescência e a idade adulta. Esta fase do desenvolvimento tem características e demandas próprias, devendo assim ser compreendida e respeitada em suas particularidades. Ao propor esta nova concepção de desenvolvimento para o período dos 18 anos aos anos finais da terceira década de vida, por volta dos 25 anos, Arnett (2000) evidencia que a Adultez Emergente é um período distinto em termos demográficos,

subjetivos e identitários, que permite mudanças e explorações para diferentes caminhos de vida.

Ao longo da história, marcos sociais ajudaram a definir a posição do indivíduo no curso do seu desenvolvimento. No caso da adolescência, o fim ficou atrelado a conclusão dos ciclos de ensino básico e a atribuição de novas responsabilidades, como sair da casa dos pais e se engajar em uma vida a dois com o companheiro de sua escolha. Contudo, mudanças nas sociedades ocidentais e industrializadas possibilitaram prolongamento dos estudos, adiando por vezes a saída da casa dos pais, independência financeira e engajamento em relacionamentos afetivos estáveis. Com a saída do ciclo básico de estudos aos 18 anos o indivíduo encontra-se então em uma realidade que não se adequa a adolescência e nem as responsabilidades da vida adulta.

A adultez emergente é distinguida por uma relativa independência de papéis sociais e expectativas normativas (Arnett, 2000), Indivíduos deixam a dependência da infância e da adolescência e não assumem as responsabilidades duradouras que são normativas da idade adulta. Assim, o período entre os 18 aos 25 anos é marcado pela experimentação sem a supervisão e cobrança da adolescência e sem o comprometimento esperado da vida adulta. Não é mais normativo que o fim da adolescência esteja atrelado a necessidade de se fixar a papéis adultos de longo prazo (Arnett.2000).

Observa-se atenção da comunidade científica para a fase da adolescência, que dura até os 18 anos, entretanto, pessoas entre 18 e 25 anos não se reconhecem adultas e igualmente não se encontram na adolescência. Destacam-se entre os estudos alguns fatores que são levados em consideração para que uma pessoa se perceba ou não como adulta. Dentre eles estão a capacidade de tomar suas próprias decisões, autonomia financeira e a capacidade de ser auto-suficiente (Arnett, 2000).

Ressalta-se que o fenômeno da adultez emergente é percebido em contextos favoráveis à exploração e moratória. É suposto que o ambiente onde o indivíduo está inserido permita que esta escolha e viva diferentes cenários e situações, sem necessário comprometimento. Em um contexto onde recursos sejam escassos, por exemplo, no âmbito financeiro, esta exploração se torna mais difícil, uma vez que o indivíduo precisará se comprometer e estabelecer vínculo com determinada instituição para garantir outros recursos priorizados.

Distinguir a adultez emergente da idade adulta é complexo, visto que não existe um caminho normativo para que esse desenvolvimento aconteça em termos demográficos, subjetivos e identitários. Arnett (2000) relembra que a maioria dos jovens adultos, entre 18 e 25 anos não acreditam ter entrado na idade adulta, enquanto aqueles com trinta anos acreditam que sim. O mesmo autor salienta que pessoas nesta fase da vida, 18 aos 25 anos, ainda estão no processo de capacitação educacional e treinamento para ocupações a longo prazo, enquanto pessoas com 30 anos, maioritariamente, já possuem um caminho ocupacional estável (Arnett, 2000). Entretanto, algumas pessoas não se consideram adultas até terem uma estabilidade financeira

#### A Identidade na Adultez Emergente

Este período do desenvolvimento, é o momento em que adultos emergentes desvendam suas identidades e aprendem mais sobre o que eles desejam para suas vidas (Arnett, 2004). Destaca-se que as condições desenvolvimento da adultez emergente oferecem as melhores oportunidades para exploração identitária, pois, é durante este intervalo de anos que as pessoas podem experimentar diferentes formas de vida (Arnett,

2004), uma vez que não estão comprometidas com diferentes papéis da vida adulta. Contudo, este é um período de instabilidade. Arnett, (2004) afirma que os adultos emergentes sabem que é suposto terem um plano que de algum modo trilhará da adolescência até a idade adulta. A adulez emergente é marcada por contínuas reformulações deste plano, como consequência da oportunidade de explorações. A cada revisão do plano, os adultos emergentes acabam aprendendo mais sobre eles próprios. Esperançosamente, avançarão no sentido de compreender melhor qual futuro querem para si (Arnett, 2004).

A liberdade para explorar a identidade torna-se então fator importante na fase da adulez emergente. Existem diferentes contextos que podem favorecer a exploração e consequente caminho para o comprometimento com projeto de vida. Por exemplo, participar do contexto universitário permite teste de habilidades, novos relacionamentos e evoca sentimento de autonomia e competência (Faye & Sharpe, 2008). Entretanto, vale destacar aqui, para o próximo capítulo a análise de Weil (2017) sobre liberdade individual. Esta explica que nos sistemas políticos e junções sociais, a liberdade é na verdade, questionada, é um paradoxo e a opressão é uma fatalidade.

## **Capítulo 2**

### **Desenvolvimento da Mulher**

Como visto, o desenvolvimento humano é plurideterminado e multifacetado, ou seja, são muitos os fatores que influenciam a trajetória de vida, seja para o desenvolvimento biológico, psicológico, cognitivo e social. De entre os estudiosos da psicologia do desenvolvimento destaca-se a proposta de Urie Bronfenbrenner (1979), na qual o desenvolvimento é concebido pela interação entre a pessoa e o ambiente. Este

autor propõe que o desenvolvimento da criança se dá a partir de sua interação com micro e macrosistemas que influenciam o curso do desenvolvimento e ao mesmo tempo são influenciados pelo mesmo processo.

Cumprindo o papel de estudar e descrever as mudanças que ocorrem ao longo dos anos nos comportamentos e processos mentais, a psicologia do desenvolvimento enfatiza a participação do meio neste processo. Neste trabalho o enfoque dado a psicologia do desenvolvimento se refere ao âmbito do desenvolvimento da identidade individual, mas, compreendendo a influencia da sociocultura na formação do self, este constructo estará relacionado ao desenvolvimento de uma identidade social, referida aqui pela influência do feminismo. Dessa forma, o self pode se referir tanto a um sujeito familiar quanto a ação de um sujeito social (Deschamps & Devos, 1998).

Assim, é importante olhar com mais atenção para o contexto no qual essas identidades são formadas. Apesar da psicologia compreender o ser humano a partir de sua interação com o meio, a pesquisa e a prática psicológica ainda são marcadas por preceitos metodológicos cartesianos (Fávero, 2010). De entre as ideias difundidas ao se propor uma leitura do ser humano nesta perspectiva, está a manutenção da dualidade mente e corpo, o que acaba por manter também, a dualidade entre indivíduo e sociedade, pensamento e linguagem, razão e emoção, e sobretudo o dualismo que opõe homem e mulher (Fávero, 2010).

A manutenção de uma compreensão dual da realidade reforça e é reforçada na sociocultura. No caso da separação entre géneros, o patriarcado é um dos paradigmas que funciona para a manutenção desse status quo. Entende-se que o patriarcado é a ideia que acarreta um modo particular de se pensar a vida, e que compreende os filhos, meninos e meninas, e as mulheres sob autoridade de um pai (Fávero, 2010).

Simone de Beauvoir (1976) busca responder como a mulher foi historicamente colocada em posição de submissão e o homem na posição de superioridade. Em sua obra, a autora relembra que as crianças não eram valorizadas como hoje são, e que por essa razão, ter uma criança não era sinónimo de bênção, mas sim, infortúnio. Com isso, o trabalho da mulher do cuidado e da amamentação são entendidos como um destino biológico que não representam um projeto além disso (Fávero, 2010). Ademais, as mulheres acabaram por serem limitadas a um trabalho específico e doméstico passível de ser compatibilizado com tarefas maternas (Fávero, 2010). Em contrapartida, aos homens são atribuídas atividades que vão além de uma condição biológica, lhe atribuindo ação e transformação da sua própria realidade. Ao homem é dada a opção de escolher seus caminhos, desenvolver projetos, alcançar metas e provar seu poder (Fávero, 2010). Nesta perspectiva, a natureza do homem passa a ser de superação, no sentido de se transformar ao longo do tempo e de valorizar a sua própria existência. Já o destino da mulher passa a ser o mesmo durante o tempo, o de repetir sua condição animal. Deste modo, a existência valorizada do homem subordina a natureza da mulher (Fávero, 2010).

Posta esta condição, às mulheres passam a ser atribuídas atividades voltadas para o doméstico, para o privado. Assim, perpetuando a dualidade, ao homem é atribuída a perspectiva da ação, do externo e do público. Este entendimento de oposição entre homem e mulher é refletida em diferentes práticas no mundo social e relações de poder são estabelecidas, de modo que, este sistema é confirmado, legitimado por essas mesmas práticas, e ao mesmo tempo a dualidade as legitima (Fávero, 2010).

Fávero (2010) após analisar aspetos reforçadores de um entendimento da mulher como submissa, salienta que,

O intuito não é apenas procurar raízes, mas, sobretudo, evidenciar que as nossas práticas pessoais e sociais têm um fundamento de significados, isto é, tem um conteúdo que foi construído na história da interação do ser humano com a sociocultura e que se reconstrói no nosso dia a dia. Tomar conhecimento dessas raízes pode nos possibilitar o questionamento dos significados que fundamentam nossas práticas de modo a reelaborá-los ( p.54).

Frente ao determinismo do que é ser masculino e do que é ser feminino, o movimento feminista surge em resposta a opressão patriarcal e busca questionar justamente significados e práticas que mantêm a mulher no lugar de submissão. Arendt (2007) chama atenção para a divisão social entre a esfera pública e a privada, estabelecida anteriormente entre a família e a política. Ressalta que a ascensão da esfera social, sem caráter público ou privado restrito, é um fenômeno novo que toma forma política no estado nacional. Nesta lógica, movimento feminista é uma ideologia política que surge no século XIX. Entretanto é apenas na cultura pós-moderna que o interesse pelas teorias feministas e a identificação da presença de uma voz feminista são evidenciados (Hollanda, 1994).

## **Feminismo**

### História do feminismo

A história do feminismo é compreendida na existência de três vagas, ou seja, períodos de tempo que possuem circunstâncias sócio-histórico-políticas específicas, bem como estratégias de ação que as caracterizam (Nogueira, 2001). A primeira vaga do

feminismo surge em meados do século XIX. As preocupações centrais desta vaga são da emancipação da mulher no âmbito do estatuto civil, por exemplo o voto, e a inclusão no mercado de trabalho.

Nogueira (2001) ao discorrer sobre esta época do feminismo, entre a revolução industrial e as duas grandes guerras, chama atenção para o fato de que os objetivos que fizeram surgir o feminismo foram distintos em função das classes sociais e realidades dos países. A autora lembra que mulheres em situações económicas mais favoráveis buscavam igualdade no mundo do trabalho e no âmbito da liberdade individual, enquanto as mulheres da classe trabalhadora, almejavam melhoria de seu nível económico pós revolução (Nogueira, 2001).

Ainda nesta vaga, devido a conjuntura da segunda guerra, às mulheres foram dadas oportunidades de trabalho, uma vez que os homens se encontravam em situação de combate. Entretanto, com o fim da guerra, o sentimento geral de volta à “normalidade” demonstrou um falso alcance dessas oportunidades, pois apesar de receberem incentivo de emprego, eram bombardeadas com mensagens da mídia e das sociedade em geral para retornarem para seu verdadeiro lugar do trabalho doméstico e do cuidado com a família (Nogueira, 2001). Depois de alcançar determinada emancipação, a mulher passou a conviver com estas pressões opostas, de ocupar espaço público e permanecer no espaço privado. Esta contradição desperta sentimentos de culpa e ansiedade para aquelas mulheres que escolheram viver diferentes papéis sociais.

Apesar das pressões para manter as mulheres presas ao dito destino biológico, os avanços económicos do pós-guerra incentivaram e favoreceram a presença das mulheres no mercado de trabalho, sob a nova propaganda de que elas eram capazes de fazer tudo aquilo que um homem fazia (Nogueira, 2001). Esta época, entre finais dos anos 60 aos

anos 80, caracterizou a segunda vaga do feminismo. Nesta vaga, o feminismo ganha expressividade por meio de movimentos estudantis, literatura, e avanços científicos, por exemplo o controle de natalidade via pílulas contraceptivas. Este último, apresentou às mulheres uma possibilidade de controle de seus corpos, antes, inconcebível (Nogueira, 2001).

Surge nesta vaga a consciência da desvantagem da mulher (Nogueira, 2001) e busca-se fazer perceber a opressão feminina no trabalho e na família. Uma das grandes referências do pensamento feminista nesta época foi a escritora Simone de Beauvoir. Em sua obra, a autora discorreu sobre a complexa trajetória da mulher, ao se construir adequando-se ao que é imposto e sugerido como ser mulher em uma sociedade de caráter patriarcal. Beauvoir diz:

Ninguém nasce mas, torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume na sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto, intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino (p. 249)

Munidas deste pensamento, vale ressaltar que nesta vaga do feminismo as mulheres foram muito ativas, promovendo revoltas e lutando por seus direitos. Apesar das diferentes expressões do feminismo nos diferentes países e contextos sociais, observou-se grande sentimento de irmandade entre as mulheres (Nogueira, 2001). É importante destacar que em alguns países, como foi o caso de Portugal, nos anos 60 a 80, devido a regimes ditatoriais de cunho facista, as mulheres ainda viviam movimentos característicos da primeira vaga (Nogueira, 2001).

Foram muitos os ganhos das mulheres ao longo destes períodos de luta, busca por liberdade e direitos iguais. Na década de 80, o feminismo surge como força de expressão política, promovendo grandes mudanças neste contexto. As mulheres passaram a controlar seus corpos com o controle de natalidade, obtiveram mais 10 anos de escolaridade obrigatória e mais liberdades formais e cívicas (Nogueira, 2001), por exemplo, voto, direito a propriedades, a viajar, etc. Contudo, ainda se encontra presente na sociedade a ideia de que a mulher é responsável pelos cuidados dispensados à família e às crianças (Nogueira, 2001).

Assim, surge a terceira vaga do feminismo que tem como objetivo principal transpor para o plano do real e do dia a dia os direitos sócioeconômicos conquistados pelas mulheres. É importante destacar que as conquistas também se configuraram como desafio ao movimento feminista, pois, ao passo que direitos foram conquistados, também é veiculado que as jovens já estavam indiferentes ao feminismo. Surge então, o movimento *Backlash*, reativo ao feminismo (Nogueira, 2001).

Este movimento parte do pressuposto que a igualdade já foi alcançada e se mantém na postura de ridicularização do feminismo, seja pela mídia, por autores opositores e pelo discurso tradicional para manutenção de uma normatividade patriarcal. Nogueira (2001) destaca que o *Backlash* tem diversas facetas, apresentadas em diferentes discursos, que agem contra o feminismo quando: valoriza e busca retorno aos papéis tradicionais de gênero; quando valida argumentos de que as mulheres conquistaram tudo que haviam de conquistar; ao afirmar que o feminismo gerou mulheres exaustas e sobrecarregadas; e quando o feminismo é inimigo da mudança necessária, porque dar poder as mulheres dificulta a participação do homem em decisões

da esfera privada, por exemplo, como citado pela autora, na custódia de filhos (Nogueira, 2001).

O feminismo é um movimento que propõe mudanças profundas nas relações e configurações de papéis na sociedade. É alvo de críticas porque as mudanças propostas pelo movimento provocam, além de tudo, disrupção nos papéis tradicionais da vida familiar (Nogueira, 2001). Ao ir ao encontro da ideologia dominante, O *Backlash* pode ser entendido como o medo masculino em reação a essas mudanças estruturais, causado pelo pouco conhecimento acerca do movimento feminista e de uma visão deliberadamente distorcida das orientações feministas (Nogueira, 2001).

Desta forma, revela-se que mudanças relacionadas ao tratamento da mulher encontram como obstáculo a imagem distorcida do feminismo e de uma mulher feminista. Esta imagem é veiculada pela comunicação social e por qualquer meio que busque manter o controle e o poder de uma ideologia dominante masculina. Verifica-se um discurso tradicional acerca da mulher feminista. Discurso este que promove a imagem de uma mulher mal amada, desinteressante sexualmente, com problemas de relacionamentos interpessoais, de orientação sexual homossexual (Nogueira, 2001), e reacionárias e violentas, devido as revoluções históricas do movimento.

Como validação desta imagem da mulher feminista, surge como argumento a imagem da mulher verdadeira, ou seja, a mulher que não assume o feminismo para si, mas reconhece que o tratamento deve ser igualitário entre homens e mulheres. Esta não identificação de um grupo de mulheres acaba por enfraquecer o movimento feminista, pois, passa a ideia de que o movimento não é necessário. Percebe-se daí uma diferença importante da terceira vaga para as vagas anteriores.

Inicialmente, justamente porque as reivindicações do movimento feminista supriam as necessidades de um grupo maior de mulheres, a consciência grupal nas vagas anteriores era maior (Nogueira, 2001). Entretanto, o feminismo busca igualdade para todas as mulheres, em todas suas particularidades de classe social, raça, orientação sexual e cultural e que apesar dos avanços na esfera pública, muito ainda precisa ser feito para que as mulheres tenham condições para assumir, de fato, as oportunidades que lhes são oferecidas e asseguradas legalmente. Retrata-se de forma simples uma das lacunas ainda a serem preenchidas, quando se pensa nas mulheres que escolheram seguir carreira profissional e estão sobrecarregadas com suas tarefas e com o cuidado familiar e trabalho doméstico. Esta sobrecarga é uma crítica ao feminismo, mas, é importante frisar que o movimento feminista percebe que a essas mulheres foi dada a oportunidade do trabalho mas a elas não foi dada condição de administrar estas duas realidades, igualmente carregadas de demandas. Por exemplo, não surgiram mais creches, assim como não houve mudanças suficientes nas políticas de apoio a família para dar conta de todas as realidades de mulheres, sejam elas brancas, negras, ricas ou pobres.

#### Vertentes do feminismo

Esta pluralidade é marcante no feminismo, seja em termos das mulheres às quais o movimento dá voz, seja em termos das vertentes que dão subsídios para entender o fenómeno do feminismo e dão orientações para a ação feminista. As vertentes ou teorias feministas pretendem incitar alterações na forma de se pensar o mundo social, entretanto, a extensão e a direção dessas mudanças diferem entre si (Haste, 1993).

Destacam-se entre as teorias feministas a vertente socialista, radical, liberal, cultural e interseccional. Estas vertentes têm em comum a crítica ao paradigma

dominante e a busca por autonomia e independência, e diferem quanto à importância das diferenças sociais, a sua natureza e origem; ao que é ser mulher, as relações entre sexos; aos problemas relevantes e as soluções desses problemas (Nogueira, 2001).

A vertente socialista entende que a posição de submissão das mulheres em relação aos homens advém de uma pressão capitalista, se opõe a definição de família ligada à organização do trabalho e afirma que a luta entre os sexos é sobretudo uma luta de classes (Nogueira, 2001). Para esta vertente, o comunismo seria a forma de superar o capitalismo e o problema do patriarcado (Nogueira, 2001). O feminismo radical propõe uma cultura feminina. Entende que é necessária a exclusão subjetiva de uma cultura masculina, principalmente da definição do self. Esta vertente entende que as diferenças sexuais baseadas na biologia são importantes e que a cultura serve apenas para apoiar e justificar uma natureza masculina (Nogueira, 2001). Já o feminismo liberal entende que os problemas da desigualdade de género serão resolvidos com leis e reformas progressistas. Para esta vertente, a ocupação de lugares de prestígio por mulheres é sinónimo de igualdade, no entanto, esta vertente acaba por se caracterizar elitista e individualista (Nogueira, 2001). A vertente cultural reconhece que os problemas da desigualdade estão contidos na linguagem, pois é esta que cria sentido nas relações. Por isso, esta é uma vertente que baseia suas preocupações nos sistemas de significados culturais (Nogueira, 2001). Nesta vertente, acredita-se que as diferenças entre os géneros surge de uma produção de significado cultural que se mantém por meio do discurso e da linguagem. Por fim, a vertente do feminismo interseccional considera outros pontos de diferentes identidades sociais, género, raça, sexualidade, capacidade, entre outras. Neste entendimento, os vários pontos de opressão destes grupos sociais são sobrepostos, tem uma intersecção, e precisam ser levados em consideração. Esta

vertente compreende a opressão de forma multifacetada e complexa, estando associada principalmente ao feminismo negro.

Todas as teorias tem suas contribuições. É importante destacar que estas foram surgindo ao longo das vagas do feminismo e por isso são marcadas pelo contexto de reivindicações da época, apesar de persistirem até hoje. Chama-se atenção para a necessidade de um feminismo que envolve além de questões de gênero, identidade e política. Nomeadamente, um feminismo que trava uma luta, contra um preconceito orgânico que entre outras coisas, promove a invisibilidade da mulher como pessoa na sociedade (Adichie, 2015). Assumindo o caráter cultural e inteseccional do feminismo pretende-se entender melhor como as mulheres participantes deste movimento se percebem como parte dele e como o movimento atua na identidade destas mulheres, na imagem que tem de si e no projeto de vida.

Contudo, parte do feminismo, especificamente uma teoria feminista pós-moderna, entende que não é suposto reduzir a pluralidade das mulheres a um único grupo. Deve-se substituir uma noção de mulher e identidade de gênero únicas por concepções complexas e plurais de identidade social (Nogueira, 2001). Esta ideia permite uma vantagem política para o feminismo, uma vez que esta perspectiva permite uma ideia de aliança, reconhece a diversidade das necessidades e experiências de mulheres (Nogueira, 2001), em termos do gênero, raça, idade, classe e orientação sexual. Desta forma, o feminismo pode contribuir com um prisma pluralista, já que o modelo da racionalidade e da verdade sempre foi pautado em uma maneira masculina do conhecimento (Nogueira, 2001). É importante destacar, também, o argumento de Martha Nussbaum (2001), sobre o entendimento das diferenças de gênero. Para a autora, o pensamento político e económico internacional deve ter sensibilidade diante das

diferenças de género, passando a compreender a disparidade como um problema de justiça. Para além desta compreensão, a autora sugere a atuação do feminismo como urgente às causas das mulheres de países do terceiro mundo.

#### Feminismo e desenvolvimento Identitário

O feminismo contemporâneo passa, então, por uma contradição em âmbito teórico e prático relativa a construção de uma identidade da mulher, ora se vê a necessidade de construir uma identidade única do grupo de mulheres para solidificar atuação política, ora é necessário desconstruir a categoria mulher (Nogueira, 2001). Desta forma, chama atenção a mesma autora, para o fato de que as mulheres feministas vivem uma relação complexa neste âmbito, pois é preciso fazer negociações psicológicas e sociais a respeito de quão genderizadas, ou seja, o quanto se determinarão a partir dos constructos sociais de género, vão escolher ser (Nogueira, 2001).

Partindo do pressuposto de que o género é construído socialmente, é importante considerar que este é um constructo carregado de significados que funciona em três níveis, sócio-estrutural, interpessoal e individual (Nogueira, 2001). Como exposto por Nogueira (2001): o nível sócio-estrutural diz respeito ao género como estrutura de poder, na qual a maioria dominante (cultura masculina) controla governo, leis, discursos públicos e académicos. Assim, discursos diferentes acerca das relações de género e o grupo de mulheres são abafados, tratados como invisíveis e impossibilitados de emancipação.

A nível interpessoal, a representação do género fornece instruções sobre como o comportamento diante dos outros deve acontecer. Nogueira diz que o género funciona como uma profecia auto-realizadora, pois, ao se criarem diferenças e relacioná-las ao

sexo, a crença da diferença sexual é confirmada. Assim, as mulheres passam a se comportar de forma genderizada, porque estão inseridas em um contexto igualmente genderizado. A questão levantada pela autora é a de que a diferenciação entre homens e mulheres acontece porque as pessoas acreditam ter traços específicos que orientam a maneira como interagem socialmente. Por fim, a nível individual, o discurso de gênero proporciona uma representação de quais comportamentos, atitudes e interesses são apropriadas para pessoas de determinado sexo.

Nesta perspectiva, as pessoas desenvolvem seu self através das instruções fornecidas a elas, portanto, homens e mulheres acabam aceitando estas orientações e acabam por assumir traços de comportamento e papéis normativos para seu sexo (Nogueira, 2001). No caso das mulheres, não só são internalizados esses traços, mas também a subordinação construída a partir da diferenciação dos sexos.

A internalização de papéis específicos de gênero está diretamente ligada a construção identitária. A partir do momento em que as mulheres e a sociedade de maneira geral assumem um discurso hegemônico, este discurso passa a fazer parte das narrativas que constituem a subjetividade. Deste modo o eu é formado em relação com as narrativas culturais (Nogueira, 2001).

Nesta perspectiva a desconstrução de um paradigma patriarcal proposta pelo feminismo pode possibilitar às mulheres uma nova versão de quem elas desejam ser. A mediação entre a linguagem e a sociocultura representa um espaço de resistência feminista.

Determinar uma identidade feminista pode ser excludente, já que se cai-se no risco de desconsiderar o caráter plural das diferentes realidades das mulheres. Entretanto, o feminismo também pode servir para apresentar um novo caminho para a

formação do self, diferente dos discursos já estabelecidos. Neste sentido, alguns estudos têm sido realizados sobre os efeitos de se autodenominar feminista.

Downing e Roush (1958) propõem um modelo de desenvolvimento para uma identidade feminista. Postulam a existência de cinco estágios pelos quais as mulheres passam para assumir tal identidade. O primeiro estágio seria o da Aceitação Passiva, no qual as mulheres aceitam os papéis tradicionais de gênero e não questionam sua inadequação. O segundo, o da Revelação, quando tomam consciência da desigualdade e sentem raiva e desilusão. O terceiro estágio seria um período em que a mulher manteria mais aproximação com o grupo de mulheres com ideias semelhantes às dela e certo afastamento e cautela com o grupo de homens. No quarto estágio, Síntese, espera-se que as mulheres tenham uma identidade feminista formada, pela qual rejeitam papéis tradicionais de gênero. Já o quinto estágio, seria o do Comprometimento ativo, no qual as mulheres atuam em prol dos direitos das mulheres e se comprometem individualmente para mudar a sociedade. Estes estágios seriam, originalmente, progressivos, mas, são compreendidos por alguns estudiosos como dimensões atitudinais da identidade feminista (Moradi, Subich & Phillips, 2002; Liss & Erchull, 2010).

Estudos nesta perspectiva tem demonstrado que denominar-se feminista, não implica necessariamente ter um identidade feminista consolidada como suposto no estágio da Síntese (Liss & Erchull, 2010). Contudo, as mulheres que assim se denominam, atestam com mais frequência a existência do sexismo, vêem o sistema de diferenciação de gênero como injusto e acreditam que as mulheres devem trabalhar juntas para promover mudanças na sociedade (Liss & Erchull, 2010).

Mulheres são apontadas como grupo de risco para depressão, ansiedade e queixas somáticas quando comparadas aos homens (Watson, et al., 2018). Os mesmos autores lembram que mais investigações têm sido feitas para compreender as causas desta susceptibilidade de mulheres para questões de saúde mental, incluindo nestas análises, fatores estressores baseados no gênero. Frisam que o tratamento opressivo e discriminatório apresentado na sociedade pode moldar experiências de mulheres e que a forma de enfrentamento desta desigualdade precisa ser compreendida em uma matriz complexa de opressão e privilégio a depender de fatores como gênero, raça, poder aquisitivo, orientação sexual, nacionalidade e experiências prévias com a discriminação (Watson, et al., 2018).

Em estudo acerca dos mecanismos utilizados por mulheres feministas para o enfrentamento da discriminação (Watson, et al., 2018), pesquisadores expõe que para algumas participantes, a identidade cultural, por exemplo, minoria religiosa, sexual, e de raça, e suas interseções, as expuseram a uma variedade de discriminação que as deixaram mais alerta a múltiplas formas de opressão. Esta percepção da desigualdade modela e fortifica a identidade feminista, e acaba por tornar o feminismo mais urgente e relevante (Watson, et al., 2018), a depender da consciência que cada mulher tem dos possíveis pontos de interseção de formas de opressão.

Destaca-se também que algumas participantes (identificadas como feministas), relataram sentir-se, algumas vezes, à margem da comunidade feminista. Apresentaram certa frustração e sentimentos ambivalentes quanto ao movimento (Watson, et al., 2018). As pesquisadoras atribuíram este fato a uma falta de consciência, de algumas participantes, da interseccionalidade de alguns assuntos com a própria luta feminista. Relativamente as estratégias de enfrentamento da discriminação, as autoras

evidenciaram que identidades feministas e culturais utilizam recursos como, defesa, suporte social, processos cognitivos que incluem reprocessamento, fazem elogios a si mesmas, falam coisas boas de si, contextualizam e buscam explicações para suas próprias experiências, promovem autocuidado, desengajamento preventivo (evitam discussões em prol do autocuidado), conexão com feminilidade e espiritualidade (Watson, et al., 2018).

Além disso, estes mecanismos de enfrentamento foram identificados como promotores de bem-estar no geral. Sugerem que a identidade feminista contribui diretamente para seu bem-estar por promover melhoras na auto-estima, autocompaixão, empoderamento, empatia e melhores relações interpessoais (Watson, et al., 2018). Em alguns casos, a identidade feminista foi associada a angústia porque aumentam a consciência sobre a desigualdade e a opressão (Watson, et al., 2018).

Outra proposta de conceitualização de uma identidade feminista é baseada na teoria da identidade social, na qual identificar-se com um grupo específico afeta pensamento e repertório comportamental a nível individual (Leaper & Arias, 2011), ou seja, ao denominar-se feminista, a mulher está alinhando ela mesma, seus valores, crenças, preocupações, objetivos a um grupo específico. Neste sentido, Leaper e Arias (2011) propõe três componentes para um modelo multidimensional da identidade feminista, sendo eles: Experiência com sexismo e feminismo; Crenças sobre gênero; Avaliações estereotipadas de feministas. Para elas, cada um destes componentes contribui para a identificação da mulher com o feminismo.

Em termos do primeiro componente, Experiência com Sexismo e Feminismo, ou seja, experiências de vida com o sexismo e aprendizado sobre feminismo, as autoras afirmaram encontrar resultados significativos em termos do contato e aprendizagem

sobre o feminismo. Destaca-se que a exposição ao feminismo é necessária para a identificação como feminista (Leaper & Arias, 2011), mas, a vivência de episódios sexistas não promove, necessariamente, a identidade feminista, mas está associada ao aumento do comprometimento da mulher com crenças relativas a equidade entre os géneros (Leaper & Arias, 2011; Nelson, et. al., 2008).

O segundo componente, Crenças relacionadas ao género, assenta a ideologia da identidade feminista na importância que as mulheres dão ao seu próprio género e na presença de atitudes igualitárias de género (Leaper & Arias, 2011), ou seja, mulheres que compartilham a ideais e valores pautados na igualdade de género.

As autoras lembram, portanto, que algumas mulheres sustentam estas ideologias para serem feministas, mas, lidam com o lado negativo dos estereótipos associados a ser feminista. Como terceiro componente, a avaliação dos estereótipos são preditores da autoidentificação das mulheres como feministas (Leaper & Arias, 2011). Para as autoras, os estereótipos são o fator principal para o fenómeno, “eu não sou feminista, mas” (Leaper & Arias, 2011), que diz respeito as mulheres que se identificam com a busca da igualdade de género mas não se reconhecem como parte do movimento.

## **Objetivo**

O presente estudo tem como objetivo investigar como o movimento feminista influenciou e influencia o desenvolvimento da identidade de mulheres adultas emergentes, que estão inseridas no contexto universitário e estão fora do país de origem.

Pretende-se elucidar, a partir de narrativas de mulheres, quais são os aspetos do movimento feminista que influenciaram e continuam a influenciar o entendimento que elas têm de si próprias, bem como entender a qualidade e o significado atribuídos por

elas a esta influência. Espera-se que as mulheres entrevistadas reconheçam o movimento como fator positivo para o processo de desenvolvimento identitário.

## **Capítulo 4**

### **Metodologia**

#### Participantes

Participaram nesta investigação, adultas emergentes que estão frequentando cursos de ensino superior. Concederam entrevista à investigação 11 estudantes da Universidade de Coimbra do sexo feminino, com idades entre os 23 e os 34 anos ( $M = 25.6$ ;  $DP = 3.44$ ), dos cursos de Direito, Psicologia, Farmácia, Marketing, Relações Internacionais, Economia e Engenharia Civil, a maioria inscrita no mestrado, com exceção de duas participantes, uma cursando doutoramento e a outra no quarto ano do curso de direito. As entrevistadas eram solteiras à época da investigação e uma delas tem uma filha e reside com seu companheiro na cidade de Coimbra. Com relação a orientação sexual, duas participantes disseram ser bissexuais e as demais heterossexuais. Já com relação à raça, as participantes, em sua maioria, se reconhecem como brancas, uma delas se reconhece como negra e outra não especificou. Com exceção de uma participante caboverdiana, todas as outras eram brasileiras. Sete participantes não exerciam atividade remunerada enquanto realizavam seus estudos e quatro delas exerciam atividade remunerada concomitante no modelo part-time. Levantou-se também, o grau de escolaridade dos pais das estudantes. Apresenta-se, de seguida, uma tabela, que sintetiza toda a informação sobre as participantes deste estudo.

Tabela 1.

*Características gerais das participantes*

Idade	Nacionalidade	Opç.	Raça	Estado	C. Estudos	Curso	Exrc.	Escolaridade	Escolaridade
		Sexual		Civil				Remunerada Mãe	Pai
24	Brasileira	Hétero	N especf.	solteira	mestrado	Engenharia Civil	não	mestrado	superior completo
23	Cabo Verdiana	Hétero	negra	solteira	mestrado	Farmácia	não	mestrado	especialização
23	Brasileira	bissexual	branca	solteira	mestrado	Psicologia	não	especialização	especialização
27	Brasileira	Hétero	branca	solteira	mestrado	marketing	part time	especialização	n especf.
25	Brasileira	hétero	branca	solteira	mestrado	Relações internacionais	não	especialização	Ensino secundário incompleto
29	Brasileira	Hétero	branca	casada	mestrado	Psicologia	part time	pósdoctorado	mestrado
23	Brasileira	hétero	branca	solteira	mestrado	economia	part time	superior incompleto ensino	superior completo ensino
34	Brasileira	Hétero	branca	solteira	doutoramento	Psicologia	não	secundário completo	secundário completo
27	Brasileira	Hétero	branca	solteira	mestrado	marketing	não	superior completo	especialização
24	Brasileira	Hétero	branca	solteira	mestrado	Direito	part time	especialização	superior completo
23	Brasileira	bissexual	branca	solteira	licenciatura	Direito	não	superior completo	superior completo

## Instrumento de pesquisa

Para o estudo foram conduzidas entrevistas semiestruturadas, que tiveram por base um guião organizado em cinco blocos de perguntas (cf. Anexo 1).

O primeiro bloco de perguntas buscava investigar o tema do feminismo, questionando as participantes sobre o conhecimento acerca da história do movimento, seu sentido histórico e seu papel na sociedade atual. O segundo bloco de perguntas incentivou narrativas sobre a percepção das mulheres quanto ao tratamento desigual desempenhado pela sociedade para os géneros feminino e masculino. As mulheres entrevistadas foram convidadas a falar sobre o que observam. Refletiram, também, sobre o início, a causa e a forma de manutenção de um tratamento diferenciado na sociedade para homens e mulheres. Seguindo a temática das diferenças de género, no terceiro bloco de perguntas as entrevistadas foram questionadas sobre como sua própria história de vida foi influenciada por estas disparidades e como este facto fez parte da construção das mesmas enquanto indivíduo. O quarto bloco de perguntas deu ênfase ao

contexto universitário, e buscou levantar informações sobre como o tema do feminismo e das diferenças de gênero é vivenciado e entendido neste cenário. O quinto e último bloco de perguntas possibilitou a discussão sobre identidade, feminismo e projeto de vida. O objetivo das perguntas deste bloco era o de entender qual o papel do feminismo na construção da identidade das adultas emergentes entrevistadas.

## Procedimentos

### Recolha de dados

Dada a natureza qualitativa deste estudo, o mesmo foi realizado com recurso à Grounded Theory. Esta metodologia foi escolhida porque viabiliza a criação de novos conhecimentos pautados nas aspirações feministas. É importante que o conhecimento científico produzido em prol do feminismo valorize o ponto de vista das mulheres, uma vez que estas, por estarem em situação marginalizada, apresentam uma “dupla consciência” (Brooks, 2007). Acredita-se que assim, as mulheres são capazes de perceber tanto as suas perspetivas de vida, quando as perspetivas do grupo dominante. Esta consciência dá credibilidade ao discurso das mulheres para reportar as condições que afetam suas vidas (Watson, et al., 2018).

Portanto, o processo de coleta de dados, consistiu em uma entrevista semiestruturada baseada num guião com cinco blocos de perguntas. As mulheres foram convidadas a participar do estudo no ambiente da universidade e as entrevistas foram executadas e gravadas neste contexto. Entretanto, como o estudo priorizava a participação de mulheres feministas, foi utilizado o método bola de neve para recolha de dados. Este foi um estudo de caráter exploratório, por isso, o uso da amostragem de bola

de neve cumpre o objetivo de oferecer melhor compreensão sobre a temática explorada (Vinuto, 2014). Este método consiste em utilizar da rede social das participantes para chegar até novos sujeitos que cumprem o perfil exigido para a investigação. Após localizar uma participante com perfil necessário para a pesquisa, solicita-se que esta indique novos contatos, da sua própria rede, para compor o grupo a ser pesquisado. A localização de sujeitos para a amostragem ocorreu de forma sucessiva até que o quadro de amostragem se mostrou saturado, ou seja, até os nomes oferecidos para participação não trouxeram novas informações para análise (Vinuto, 2014).

Ao início das entrevistas, as participantes foram esclarecidas sobre os objetivos do estudo, preencheram questionário sociodemográfico para caracterização da amostra e foram orientadas a assinar um termo de consentimento para participação. Todas as participantes estavam cientes que o áudio da entrevista seria gravado para posterior transcrição e análise para fins da investigação. As entrevistas duraram em média cerca de 40 minutos cada. As participantes foram orientadas a responder de forma livre, sem julgamentos de valor sobre as considerações por elas apresentadas, e a responder apenas aquilo que lhes era confortável. Todas as entrevistas foram realizadas em tom amigável, uma vez que as entrevistadas demonstraram satisfação em fazer parte da coleta de dados. Análise de dados

Após coleta, as entrevistas foram transcritas e posteriormente analisadas por meio da Grounded Theory. Esta metodologia foi proposta por Glaser e Strauss (1967), como parte da investigação qualitativa em sociologia. Entretanto, o uso da Grounded Theory como metodologia investigativa em psicologia tem sido difundida, especialmente em temas sugeridos pelos movimentos sociais e intelectuais contemporâneos, como o feminismo (Glaser & Strauss, 1967). A diferença principal

desta metodologia para as demais metodologias qualitativas é ter como objetivo gerar uma teoria a partir da análise sistemática e rigorosa dos dados empíricos (Charmaz & Belgrave, 2015).

As entrevistas, após transcritas, foram divididas de acordo com o bloco de perguntas do guião de entrevista para facilitar a análise dos dados. A análise foi feita a partir de três tipos de codificação propostas pela Grounded Theory, codificação aberta, axial e seletiva (Strauss & Corbin, 1990). Anotações, reflexões e questionamento, provenientes de memorandos realizados ao longo da investigação, foram utilizados como apoio para a análise das entrevistas e criação de categorias e sub-categorias (Charmaz, 2006).

A codificação aberta dos dados foi feita por meio da análise linha-a-linha das narrativas, para manter a análise próxima do sentido atribuído pelas entrevistadas. A codificação destas frases consiste em atribuir um nome curto que sintetize uma ideia comum que está sendo expressada pelas entrevistadas (Charmaz, 2006).

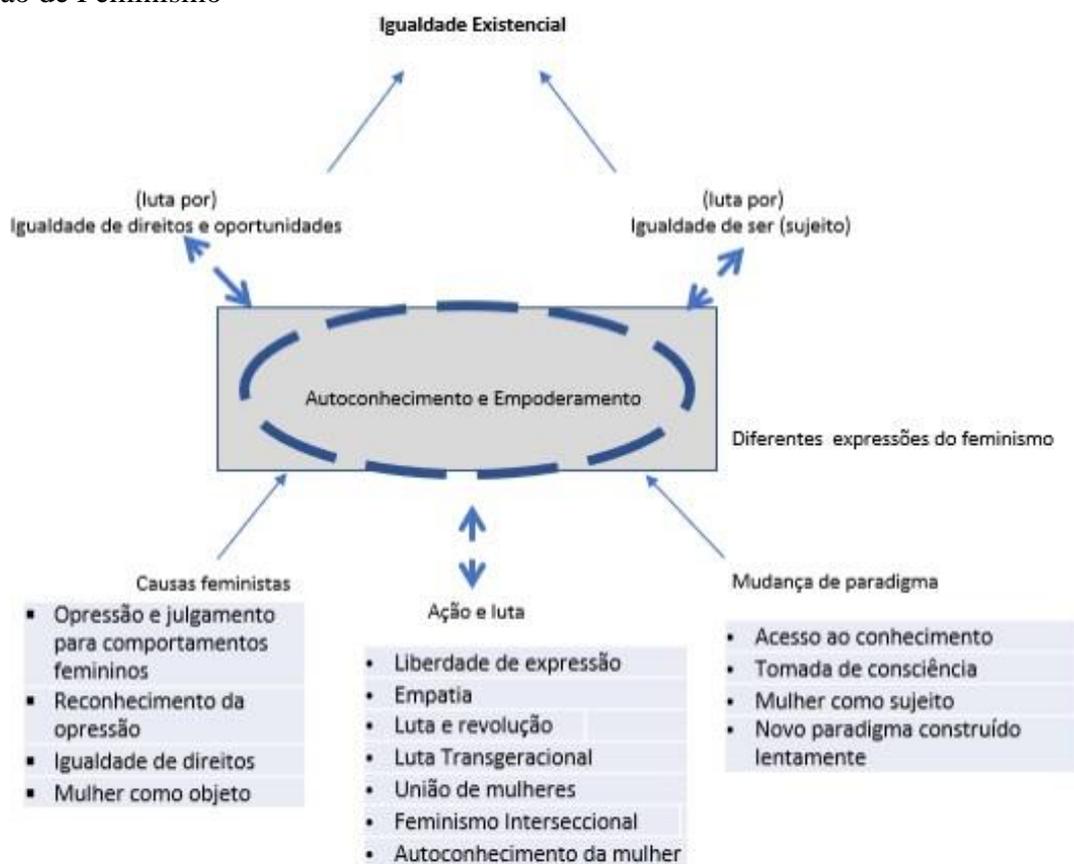
Procedeu-se com codificação axial buscando estabelecer relações entre as subcategorias encontradas na codificação aberta. Estas categorias nomeiam as relações encontradas entre as primeiras subcategorias, atribuindo significado comum entre elas. Seguiu-se então para a codificação seletiva, que buscou identificar uma ideia central que identificasse e designasse de forma coerente as categorias anteriores. Ao fazer isto, é possível, explicar as inter-relações entre as categorias e subcategorias que emergiram do discurso (Strauss & Corbin, 1990).

## **Capítulo 5**

### **Resultados**

Após análise das narrativas feitas por meio da Grounded Theory, as categorias resultantes deste processo serão apresentadas nessa secção em cinco diagramas distintos, referentes a cada um dos blocos de perguntas do guião de entrevista. Primeiro será apresentado o diagrama, seguido de breve explicação do diagrama e das categorias elucidadas das narrativas das entrevistadas. Por fim, cada secção referente aos diagramas contará com uma explicação completa das relações que estabeleceram na Grounded Theory. É importante ressaltar que a leitura dos diagramas será feita de baixo para cima, como proposto pela Grounded Theory. Primeiro serão explanadas as subcategorias referentes ao discurso das mulheres entrevistadas, seguida pelas categorias elucidadas deste discurso, até a categoria comum resultante da análise.

Diagrama 1  
Definição de Feminismo



O Diagrama acima refere-se às narrativas do primeiro bloco de perguntas, que buscou entender o significado de Feminismo para as entrevistadas, bem como o conhecimento que elas possuem sobre o movimento.

Resultaram da codificação aberta dos discursos três categorias, Causas Feministas, Ação e Luta e Mudança de Paradigma. Estas, reuniram reflexões sobre: as motivações para o início do movimento feminista, os valores e forma de atuação deste movimento e sobre o paradigma que sustenta as diferenças entre os géneros.

Têm em comum a ideia da busca por dois tipos de igualdade, que para as entrevistadas conceitualizam o que é o Feminismo. A primeira delas uma igualdade relacionada aos direitos civis e expressão das mulheres no contexto público,

nomeadamente igualdade de direitos e oportunidades. No decorrer da análise das três categorias foram encontrados aspetos da busca deste tipo de igualdade nos relatos sobre o histórico do movimento feminista, nos valores do movimento que determinam o carácter das reivindicações e na crítica a um paradigma que sustenta a desigualdade neste nível público. Os relatos encontrados nestas categorias também se cruzaram de forma a dar sentido a uma categoria que se refere a Igualdade de ser. Foi marcante nas narrativas a urgência de uma igualdade nas relações e na perceção da mulher como sujeito. Por fim, as categorias Igualdade de direitos e oportunidades e Igualdade de ser foram unificadas a categoria Igualdade Existencial, por entender que os direitos civis, oportunidades no espaço público e direitos do sujeito convergem para a existência em si. Neste sentido, as mulheres entrevistadas entendem que o feminismo é um movimento de cunho político e social que visa promover a Igualdade Existencial independente do sexo de nascimento.

Entretanto, percebeu-se das categorias um aspeto dinâmico relacionado ao autoconhecimento da mulher e ao empoderamento. A partir da análise das categorias percebe-se que o autoconhecimento e o empoderamento da mulher são ao mesmo tempo habilidades desenvolvidas por meio da ação e luta do movimento feminista, assim como fazem parte das causas feministas e são ao mesmo tempo objetivos da mudança de paradigma.

Por isso, na representação gráfica do Diagrama Definição e Conhecimento do Feminismo se apresenta entre as categorias elucidadas da codificação aberta e as da codificação axial uma categoria intermediária, Autoconhecimento e Empoderamento. Esta categoria está circundada por uma linha pontilhada para atribuir a figura o aspeto dinâmico. Esta característica também é marcada por flechas em dois sentidos, que

atribuem caráter retroativo as categorias Ação e Luta, Autoconhecimento e Empoderamento, Igualdade de direitos e oportunidades e Igualdade de ser. Isto acontece porque à medida em que o movimento feminista avança em termos de suas conquistas, as mulheres elevam seu autoconhecimento e se tornam mais empoderadas, obtendo possibilidade de explorar e reivindicar vários níveis da Igualdade Existencial. Abaixo seguem trechos das entrevistas e descrições que fundamentam a análise que resultou este diagrama.

### *Causas Feministas*

A primeira categoria, causas feministas surgiu das narrativas que definiram o feminismo a partir de suas causas históricas como por exemplo, a luta por igualdade de direitos e por aquilo que as entrevistadas julgam ser o motivo pelo qual o movimento feminista é necessário na sociedade.

O desfavorecimento feminino em favor de uma sociedade patriarcal

De entre as Causas Feministas, as entrevistadas discorreram sobre *O desfavorecimento feminino em favor de uma sociedade patriarcal*, ou seja, sobre a percepção que elas têm sobre a inferiorização histórica e igualmente atual do papel feminino na sociedade. Esta categoria emergiu a partir de discursos como o de MC, 27 anos, que definiu o movimento ao dizer que a igualdade entre os gêneros, proposta pelo feminismo, busca suprir uma falha histórica, fundamentada no patriarcalismo e em um consequente desfavorecimento feminino, disse ela, “*O que eu sei do feminismo é questão de igualdade de gênero... não é nem sobreposição de um sobre o outro... nem do masculino sobre o feminino e nem do feminino sobre o masculino. Mas, como a gente tem toda uma história patriarcal, de diminuição da mulher, o feminismo soa muito*

*como vamos elevar as mulheres, passar pra além... mas não é isso, a gente só quer chegar no mesmo estagio que os homens já estão... pra isso a gente tem que elevar.”.*

Outras entrevistadas exemplificaram esse desfavorecimento ao falar sobre as discrepâncias entre o que é esperado e cobrado de uma mulher, *“eu tinha que tirar todos os pratos, limpar tudo, passar pano, enquanto eles ficavam ali conversando bebendo cerveja, todo mundo podia comer o quanto de comida eles quisessem, o quanto de doce quisessem e eu tinha que regrar minha boca, porque eu tinha que ficar magra. A gente ainda vive numa sociedade muito machista, é muito intrínseco. As vezes a gente tem comportamentos machistas e nem percebe que são pensamentos machistas”.* Ainda sobre desfavorecimento feminino, outra entrevistada relata histórico da família e o abandono paterno, questiona, *“Então eu fico pensando em qual ponto homem é assim mesmo ou é visto tranquilamente pela sociedade”*, levantando a hipótese de que o homem é privilegiado socialmente no momento em que comportamentos prejudiciais a terceiros, quando realizados por eles, são aceitos com tranquilidade e não com a conotação negativa que é atribuída ao mesmo comportamento quando emitido por uma mulher. Para concluir a ideia do desfavorecimento feminino, FM, 29 anos, ressalta que o desfavorecimento aconteceu devido *“um sistema no qual as mulheres tinham pouquíssima autonomia e independência”.*

#### Opressão e julgamento para comportamentos femininos

As entrevistadas foram mais específicas sobre o desfavorecimento feminino como causas para o feminismo e falaram sobre a *Opressão e julgamento para comportamentos femininos*. Como observado nos seguintes trechos das narrativas, *“e rebelaram de alguma forma contra esse preconceito sobre o que é a mulher e até onde*

*vai a capacidade feminina... tipo físico... todos aspetos”; “feminismo, na minha cabeça, assim, levando pra um lado individual, é eu ter a chance de fazer tudo que um homem faz sem alguém olhar pra mim e falar nossa você não consegue é mulher, ou vai fazer isso, é mulher... então se alguém olhar pra mim e pra um homem, da mesma estatura, da mesma qualificação... é olhar e ver que a gente é igual”.*

Ainda em continuidade sobre o julgamento de comportamentos femininos, destaca-se aqui, o caso já mencionado acima sobre o julgamento diferenciado de comportamentos iguais a depender do género do emissor, “*Se você acha estranho uma mulher sair de casa com dois filhos, acha o homem também. A não ser que você queira fazer uma produção independente... porque ninguém faz filho sozinho. A responsabilidade tem que ser dos dois. É um absurdo pra um homem, é pra mulher também*”, vale frisar que neste trecho também é possível elucidar outro aspeto das diferenças de género, que é o da atribuição do cuidado e da educação dos filhos como tarefa de maior responsabilidade da mulher. Este mesmo tema será tratado com mais profundidade em diagramas posteriores.

Em mais uma das narrativas de respostas ao primeiro bloco de perguntas é possível perceber mais um exemplo sobre formas de *Opressão e julgamento para comportamentos femininos*. Desta vez, destacado no trecho abaixo, “*essas caixinhas que a gente aprende desde criança que a mulher tem que ser muito feminina, tem que ser magra, tem que ser bonita, tem que se cuidar e o homem tem que ser forte, tem que ser másculo, não pode chorar, não pode demonstrar nenhum traço de feminilidade, digamos assim... então acho que... algo que abrange... acho que nós mulheres sofremos mais diretamente, mas indiretamente também atinge outros movimentos. A gente ainda tem direitos iguais, mas a gente não tem uma igualdade propriamente*

*dita*”, aqui, a entrevistada percebe a opressão por meio de um repertório comportamental pré determinado e estabelecido por um padrão que não dá vazão a singularidade. Além de destacar a opressão a tudo que é atribuído ao feminino, mesmo que o comportamento seja emitido pelo gênero masculino, a entrevistada exemplifica outra forma de julgamento e opressão, “*Eu ainda saio na rua... se eu to com uma roupa um pouco mais curta eu sou julgada, ainda tem desigualdade salarial... em coisas pequenas a gente ainda sofre machismo... em vários momentos*”.

#### Reconhecimento da opressão

As entrevistadas também destacaram *Reconhecimento da opressão* ao falar sobre o feminismo. Para elas, quando mulheres da história perceberam que a opressão existia e despertaram o sentimento de inconformismo, “*a história do feminismo eu não sei se sei ela completa... mas pra mim o que motivou foi justamente inconformação por parte de muitas mulheres... que viviam... até hoje tem né... mas to falando do início, de questão de voto, vestuário., de aceitação de corpo... de ter aquilo de que, ah, o corpo da mulher é quase um bem publico, as pessoas tem direito de julgar, de falar e tocar. Então eu acho que nasce da inconformação*”. Ainda em outra narrativa, uma entrevistada exprime que o reconhecimento da opressão vem também da comparação com o que é disponibilizado ao homem, levantando questionamento sobre o porque das diferenças existirem, “*começou quando elas de fato, acho que viram como funciona o mundo dos homens, entre aspas, e isso... espera aí, porque é que eu tenho que ir pra, pra, pra, cozinha, porque eu tenho que limpar a casa, porque eu tenho que ficar em casa a cuidar dos bebês enquanto você pode ir pro espaço, você pode fazer ciências, e ser professor e coisas do gênero*”. Neste trecho nota-se também o reconhecimento da

opressão no próprio projeto de vida da mulher, que foi muitas vezes tolhido em prol de um projeto de vida obrigatório e normalizado.

Por fim, destaca-se outro trecho que reconhece a opressão ainda hoje e explica o porque do feminismo ainda lutar por igualdade, *“Mas é assim, você não tem que falar que a mulher é mais... ela é igual. A gente só coloca que é mais porque é muito mais difícil pra ela chegar lá, e ela provavelmente fez o trabalho dela, do homem, tem uma, duas, três jornadas”*.

#### Igualdade de direitos

A busca por igualdade de direitos também foi colocada pelas entrevistadas como causa do movimento feminista, *“eu entendo que feminismo é um movimento de luta e de busca pela igualdade entre homens e mulheres”*; *“Entendo como feminismo a igualdade de direitos entre homens e mulheres”*.

Relataram que as motivações do movimento foram distintas a depender de fatores econômicos, sociais e políticos, mas que em sua essência almejavam a mesma igualdade *“começou por conta daquela história de opressão por todos os lados, político, econômico, social... histórica mesmo. E... hoje em dia vai tomando outras formas, mas é sempre nessa busca por igualdade de direitos”*. No caso das narrativas das entrevistadas

foram lembradas as lutas pelo direito ao voto, como momento histórico para o movimento feminista *“pelo menos da história institucional do feminismo... que eu sempre vejo nos países que eu estudei que foi o Uruguai e o Brasil, foi o voto né? Que foi assim importantíssimo, alavanque mesmo, que as mulheres falaram pera aí, porque eu não voto? E eu acho incrível...”* e *“historicamente está relacionado com o*

*movimento que... que foi conhecido como sufragetes. Tava muito vinculado a questão... lá do contexto, na questão do voto, que as mulheres não podiam votar e tudo mais”.*

Uma das entrevistadas, por exemplo, colocou que para ela a igualdade é expressa pela garantia de direitos civis, acesso a educação e ocupação de cargos importantes, *“A gente merece ser tratada igualmente, a gente merece ser tratada com os mesmos direitos, assim como eu consigo votar, como consigo entrar em escolas x, p, t, o. Acabar com a discriminação de mulheres estarem só em cargos inferiores ao dos homens, reconhecer o potencial das mulheres em um cargo e tudo isso”.* Todos estes pontos por ela mencionados fazem parte de lutas características da primeira e segunda vaga do feminismo.

Destacaram que o feminismo surge principalmente de necessidades individuais das mulheres, *“de exercerem (cargos), terem acesso a direitos, a possibilidades. Surge a partir de uma necessidade das mulheres”.* Pois o movimento possibilita espaços e dá condições para lutar por aspirações individuais, *“A gente também quer estudar, a gente também quer escolher, a gente também quer ser dona das nossas coisas! E liberdade de expressão de dizer... (pequena pausa)... do nosso corpo”;* *“a minha compreensão de feminismo é a gente, mulheres, tem a liberdade de ser quem a gente é, e ter o aval da sociedade pra isso”.*

Entendem a igualdade de direitos como cerne do movimento, mas compreendem que esta igualdade é determinada em vários fatores que são influenciados e ao mesmo tempo modificam a sociocultura. Destaca-se,

*“é um movimento de igualdade, mas eu acho que é algo muito além disso”.*

*“No início eu via muito como uma procura de direitos de mulheres, mas agora eu consigo entender a importância do feminismo não só como algo para nós mulheres, mas pra sociedade em geral”.*

Além disso, percebem que a busca por igualdade, apesar de ter avançado em alguns níveis, ainda tem um longo caminho pela frente, *“mas como tudo que está em processo de evolução eu acho que ele ainda não dá voz a todas as mulheres, mas ele tá crescendo, está cada vez mais chegando a caminhos maiores”.* E que a luta histórica pela igualdade, bem como a consciência grupal de outras vagas deve se fazer presente, *“Mas acho que a gente só vai conseguir alcançar se mais pessoas... Igual, anos atrás, o que as mulheres tinham vontade dentro do feminismo é totalmente diferente daquilo que temos hoje. Acho que varia de acordo com isso... é a vontade de andar cada vez mais pra frente”.*

mulher como objeto

Analisando as narrativas, surge também a categoria, que somada as descritas acima, culminam nas *causas feministas*, naquilo que as mulheres entrevistadas entendem como necessidade para o surgimento de um movimento como o feminista. Esta categoria é o da compreensão da *mulher como objeto* e do caráter público do corpo na sociedade, expressado por assédios e julgamento estético. Justifica-se esta categoria por meio das seguintes narrativas,

*“o corpo da mulher é quase um bem publico, as pessoas tem direito de julgar, de falar e tocar”.*

*“Assédio. Pra mim ainda é uma coisa que pra mim ainda não se acertou...”*

*“eu acho que é uma luta eterna... acho que vai ser eterna. Porque historicamente a mulher sempre foi colocada nesse lugar... mais... nesse lugar... nesse cantinho, né.... Então acho que essa coisa de objeto, no sentido sexualizado... acho que sempre ficou muito nesse lugar”.*

#### *ação e a luta*

A segunda categoria inicial diz respeito a ***ação e a luta*** feminista na sociedade, ou seja, esta categoria emergiu de categorias vindas dos discursos das entrevistadas que traziam elementos que caracterizam de forma mais específica os valores e condutas da luta e da ação do movimento feminista. Foram agrupadas nesta categoria inicial as categorias do discurso: *Liberdade de expressão, Empatia, luta e revolução, luta transgeracional e cotidiana, feminismo interseccional, União de mulheres, Autoconhecimento da mulher.*

#### *liberdade de expressão*

Para as entrevistadas uma característica da luta feminista é a busca pela *liberdade de expressão*, que se caracteriza de duas maneiras. Primeiro sobre a liberdade de dizer, de ter voz e de ter escolha, *“E liberdade de expressão de dizer... (pequena pausa)... do nosso corpo”* e o segundo, sobre a liberdade de expressão da sua própria cultura, de suas raízes e contra a opressão de sua singularidade e de suas diferentes identidades culturais, *“Eu acho que cada vez mais há mais grupos de feministas negras a lutar pelos nossos direitos, pela forma como a gente se penteia, pela forma como a gente se veste, pela nossa cultura”.*

#### *Empatia*

Elas adicionaram a *Empatia* como um dos valores para atuação do movimento feminista e expressaram essa ideia por meio de narrativas como, “*eu não posso chegar para uma mulher muçulmana, que tá sob um sistema no qual ela não tem a possibilidade de adquirir nenhuma autonomia, nenhuma independência, e julgá-la por ser submissa ao marido*” e “*as mulheres têm diferentes backgrounds entre elas, lógico a gente tem uma base, mas não dá para sair julgando*”. As mulheres entrevistadas, reforçaram ainda mais a necessidade de se colocar no lugar de outras mulheres a fim de não perpetuar julgamentos opressores e de ensinar e esclarecer normalizações para o próprio grupo de mulheres, normalizações estas que num primeiro momento podem não ser entendidas como opressoras:

*“A gente vive em uma sociedade que esta muito presa em alguns costumes e a gente vê a gente mesmo fazendo algumas coisas, não se colocando no lugar da outra, fazendo comparações, falando coisas que são machistas... mesmo sendo mulheres”.*

*“não é pra crucificar, tem que ser mais um movimento pra tipo... tentar ajudar... acolher umas as outras, tentar ensinar. Eu sinto que tem um pouco disso. Tem que ter empatia, com as pessoas do seu próprio movimento”.*

*“É, eu falo muito que assim, antes da gente tentar brigar com os homens e tentar estabelecer os nossos direitos e as nossas necessidades e tudo isso, a gente precisa ser amiga de quem é do mesmo gênero que a gente. Porque a gente cresceu num ambiente em que a gente foi ensinada a odiar a colega, a criticar, julgar o tempo inteiro, e não a se unir”.*

Fica claro no trecho, “*e a gente vê a gente mesmo fazendo algumas coisas*”, que a inclinação e esforço pessoal para conhecer e reavaliar os próprios comportamentos acabam por se tornar outro valor do movimento feminista. Isto porque, a luta travada pelo feminismo visa alterar crenças, padrões de comportamento e de entendimento de mundo que estão estabelecidos desde muito tempo. As narrativas que envolviam descrições históricas sobre a luta feminista e sobre a ação feminista resultaram na categoria *luta e revolução*.

Uma das participantes disse não conhecer a história real do feminismo mas demonstra reconhecer que o movimento surge e se mantém por meio de lutas sociais, “*Pra ser bem sincera a história mesmo eu não conheço... tem toda a parte das mulheres que lutaram pelo voto, das mulheres que queimaram sutiã... sei que tem... mas assim, eu não sei a ordem cronológica. Sei alguns acontecimentos... a história do dia da mulher, as mulheres que foram queimada*”, outra continua e diz que, “*o feminismo é um grupo de uma sociedade que quer lutar para direitos iguais, neste caso, igual as mulheres e os homens, que perceberam que a gente merece ser tratada exatamente da mesma forma*”, reforçando tanto a luta como o objetivo do feminismo entendido por elas.

Ainda sobre *Luta e Revolução*, as entrevistadas lembraram o desafio que é mudar uma cultura, da necessidade de união de mulheres e da continuidade da luta. E sobretudo de uma transformação a nível individual, pois, uma pessoa que se autodenomina feminista, para as entrevistadas, ainda corre o risco de perpetuar aspetos de uma ideologia opressora.

*“Pra você ver como o negocio é tao entranhado, dentro da nossa criação, da nossa alma... que eu mulher, me considero feminista, fico tentando aprender sobre, e botar pauta no jogo e eu as vezes falo umas besteiras, e penso o que é isso que obvio que tem, afinal de contas a gente não tá vivendo no ideal ainda, então a gente ainda tem muita luta...”*

*“E acho que, cada vez há mais mulheres a trabalhar na forma como nós também somos representadas para a sociedade, da forma como nós representamos o nosso papel. você tá falando, vamos mudar isso...”*

#### Luta transgeracional

Somado ao discurso sobre luta e revolução as mulheres foram mais específicas e deram espaço para uma subcategoria que fala de uma luta transgeracional, envolvendo aspectos da sua própria historia de vida e familiar. Uma das participantes fala da continuidade da luta e lembra que as causas pelas quais o feminismo luta são modificadas lentamente na medida em que mais direitos são garantidos e oportunidades são igualmente disponibilizadas e asseguradas, nota-se em, *“Eu acho que a gente tá construindo dia a dia, eu acho que hoje já é melhor do que ontem, já é melhor do que há vinte anos atrás, eu acho que a luta que era travada pela minha mãe já é diferente da luta que a gente trava hoje”*. Ao trazerem o aspecto da transgeracionalidade do feminismo, as entrevistadas estão querendo dizer que a sua geração aprende com a história de vida de suas ancestrais e está a lutar pela igualdade para a geração futura, pois, mais uma vez, é válido ressaltar que a mudança cultural é um trabalho contínuo de conscientização, mudança de comportamento individual e coletivo. EM, 27 anos, fala sobre o exemplo que viveu em casa. No exemplo, ela não só traz o reconhecimento das dores e conquistas da própria mãe, mas também explica a desigualdade de tratamento

entre os géneros e do julgamento do comportamento da mulher, “*A postura que eu tenho do mundo é um olhar muito própria de uma mãe e de uma pessoa que é uma figura feminina. Eu vi o que ela passou... se ela não tivesse lutado... a minha família ia ficar contra ela, porque foi a primeira divorciada... na época com 35 anos. A postura das minhas avós... falando que era assim mesmo, homem é assim mesmo. Meu pai saiu de casa porque tinha outra pessoa, se fosse ela saindo não ia ser assim mesmo, ia ser de vaca pra baixo*”.

Além da perspectiva de transformações entre as relações familiares, um das entrevistadas destacou que olhar para a história da família e perceber que à suas ancestrais não foram dadas outras possibilidades, motivam a luta delas próprias no movimento feminista, “*a vontade de conquistar alguma coisa, a vontade de tentar ultrapassar alguns limites que foram impostos a elas*”.

união entre mulheres

Outro elemento importante de definição do feminismo e para sua *luta e ação*, foi o da *união entre mulheres*. Algumas falaram sobre a importância desta união para o avanço do movimento feminista e conseqüentemente de suas conquistas, “*Desde sempre as mulheres foram muito subjugadas e acho que teve uma camada que se fortificou e de alguma forma, encontraram em um conjunto de mulheres, acho que de pessoas mesmo, acho que tiveram homens que ajudaram...*”. Outra entrevistada levanta a necessidade da união feminina na política, a fim de garantir que alguns ganhos do movimento não sejam perdidos na esfera pública por meio da ascensão de uma política conservadora e de extrema direita em seus países, “*eu acho que tem sido um papel muito importante na sociedade as mulheres se unirem como um forma até politizada*

*mesmo sabe? Porque o movimento feminista ele naturalmente é antagônico ao... a você ser de extrema direita. Então eu to achando que agora ele tem tido uma conduta mais política do que antes teve...”.*

#### Feminismo Interseccional

Outra subcategoria que emergiu dos discursos das mulheres agrupa ideias relacionadas ao *Feminismo Interseccional*, que compreende a identidade ser mulher como mais uma das identidades culturais que sofrem com um tratamento desigual e opressor. Por isso, o feminismo interseccional leva em considerações para atuação do movimento feminista as interseções entre ser mulher e pertencer a outras minorias, sejam de capacidade, poder aquisitivo, raça, orientação sexual.

Esta corrente feminista perpassa aspetos do feminismo trazidos pelas entrevistadas nas próprias subcategorias da categoria *luta e ação*, por exemplo *a união de mulheres e empatia*. Entretanto, manteve-se um espaço somente para o feminismo interseccional por entender que este termo no discurso das mulheres entrevistadas tem uma conotação específica e mais política do que os termos união de mulheres e empatia. Ao mesmo tempo foi comum ao discurso das entrevistadas valorizar e destacar elementos desta forma de entender e se fazer o feminismo.

FA, 25 anos, fala sobre o Feminismo Interseccional, *“Então, isso é muito interessante né... com o surgimento do feminismo interseccional que... eu tive uma crise assim, num momento de... olha o meu lugar de fala... mulher branca, classe média, tava de dentro da PUC-Rio (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro) falando sobre o feminismo... tipo calma... eu tô numa situação muito privilegiada ainda, obvio que tem muito a se alcançar mesmo pra mim, mulher branca,*

*mas ... eu acho que muitas vezes ele não dá voz a outras realidades mesmo, ele não dialoga com a realidade de uma mulher preta favelada, sabe?”. Demonstra que a partir dele ela toma consciência do lugar que ocupa no jogo social, do seu papel político e das diferenças encontradas no próprio grupo de mulheres. A entrevistada chama atenção para níveis diferentes de igualdade a depender de classe social, raça e sexualidade.*

Outras entrevistadas lembraram da pluralidade do feminismo, chamando atenção para o feminismo interseccional e a heterogeneidade do grupo de mulheres. GK, 24 anos lembra dos diferentes contextos e das diferentes demandas, *“O feminismo é muito, ele é muito plural né? Eu acho que o feminismo que se aplica a nós não é o mesmo feminismo que se aplica a uma mulher negra na África, é diferente duma mulher branca na Europa, que é completamente diferente do feminismo aplicado a uma mulher branca na América do Sul, então o feminismo é muito”*. EF, 23 anos, fala sobre este mesmo tema, denunciando a diferença de classes, *“Olha, eu acho que ela vem tentando dar voz para todas as mulheres. Mas é que é uma... é uma... adaptação constante né? Começou enfim, com mulheres brancas, de uma classe mais elevada e aí aos poucos a gente foi vendo, a gente eu digo, mulheres em geral... foi vendo que dentro mesmo das mulheres, existiam mulheres mais privilegiadas que as outras, então eu acho que ele vai se adaptando”*.

Ao falar que o feminismo *“vem tentando dar voz para todas as mulheres”*, as entrevistadas reconhecem que o movimento feminista varia conforme os direitos que são conquistados e que as pautas a serem discutidas e almejadas pelo movimento devem levar em consideração não só o interesse de determinado grupo de mulheres, mas sim, de todas nos diferentes contextos de opressão.

DM, 23 anos, diz que *“o objetivo das lutas é comum, mas nem todas as lutas são comuns”* e segue o discurso dando exemplo da realidade de mulheres negras que mesmo com direitos trabalhistas garantidos por lei e oportunidades de trabalho asseguradas, ainda sofrem discriminação por suas características físicas, *“as mulheres negras com cabelo afro sofrem um tipo de discriminação diferente de uma mulher loira de olhos azuis. É mulher sim, todas nós temos nossas dificuldades de mulheres, mas, no entanto, é impossível não comparar a discrepância entre as mulheres. É impossível não reparar que aquela mulher loira dos olhos azuis, vai conseguir, tem muito mais a facilidade de conseguir aquele trabalho do que uma mulher negra do cabelo crespo ou afro”* e continua reforçando que as lutas são diferentes e que as conquistas comuns das mulheres não devem ofuscar lutas igualmente necessárias, porém específicas para determinado grupo, *“Então acho que...a certos protestos que tentam apagar essa voz ao dizer, ah não... somos todas iguais, a luta é toda igual e tudo mais... não. Isto é nossa luta, a gente tá a tentar lutar contra isso porque vocês não passam por isso. Além de vocês... passam por as vossas lutas mas a gente tem ainda isso em cima de nós, isto está contra nós. Então eu fico imensamente grata, por todas as mulheres participarem e darem voz a isso, mas não over shadowing, não colocando uma nuvem em cima. Não adianta falar que todas as lutas são iguais, porque elas não são. Não são iguais. Há coisas que cada tipo de pessoas passam que outras pessoas não passam”*.

Outras mulheres também reconheceram a heterogeneidade das mulheres e a necessidade de um feminismo que promova a igualdade de oportunidades, direitos e expressão de todas: *“tem como objetivo isso. Mas... na realidade acho que não... não é todo mundo que tem voz não...”*, *“... dá voz a todas as mulheres, mas eu acho que, por exemplo, a gente tem o feminismo, mas dentro do feminismo a gente tem por exemplo, o*

*feminismo negro eu acho que talvez essas mulheres deveriam ter mais voz do que elas... do que eu vejo atualmente. É uma minoria dentro de uma minoria”.*

#### Autoconhecimento da mulher

Por fim, surge das narrativas a subcategoria *Autoconhecimento da mulher*, que expressa como valores do feminismo trouxeram benefícios a nível individual para as mulheres entrevistadas.

Por exemplo, quando uma das participantes sugere que o movimento feminista possibilita conhecimento do funcionamento do seu próprio corpo, uma vez que luta pelo empoderamento do corpo da mulher, *“essa noção de autoconhecimento, de compreender o ciclo, o período e tal, já é provavelmente uma conquista que nós temos mas há vinte anos atrás não era falado”*. A entrevistada afirma que a compreensão de seu ciclo menstrual lhe capacita a organizar sua rotina de modo compatível as suas necessidades biológicas *“é a pauta atual para mim na minha vida de compreender os meus hormônios e as minhas vontades, o meu espírito, o meu bom humor, muda completamente, hoje em dia eu consigo reconhecer as semanas do mês que eu to mais energética, que eu to mais down, que eu to feliz. As semanas do mês que eu consigo ser mais produtiva! Isso tem me feito reconhecer, tipo, até organizar os meus estudos para isso, e as minhas atividades”*

*Neste sentido, as entrevistadas associam o feminismo a possibilidade de entendimento de si, identificação com grupo e desenvolvimento saudável da identidade. “a gente pode sair dessa caixinha e que a gente é livre... ajuda no processo de nos entender. A gente consegue... é um processo de identificação sabe”. a vontade de*

*conquistar alguma coisa, a vontade de tentar ultrapassar alguns limites que foram impostos a elas.*

### *Mudança de Paradigma*

A terceira categoria fala sobre a ***Mudança de Paradigma*** como objetivo a ser alcançado pelo feminismo. Nesta categoria, as entrevistadas chamam a atenção para uma necessária mudança de entendimento do mundo. Alterar o pensamento vigente seria essencial para sustentar não só os ganhos públicos do feminismo, com relação a igualdade de direitos e oportunidades, mas também mudanças na esfera privada, que diz respeito a igualdade de tratamento e respeito pela mulher como sujeito nas relações interpessoais, afetivas e familiares, por exemplo. Esta categoria é resultante das seguintes categorias advindas das narrativas das entrevistadas, “*conhecimento, formação e educação*”, “*tomada de consciência*”, “*Novo paradigma construído lentamente*”, e “*mulher como sujeito*”.

#### Acesso ao conhecimento

A subcategoria *conhecimento, formação e educação* diz sobre a possibilidade das mulheres terem mais consciência da sua condição de desfavorecimento e desigualdade por meio do conhecimento. A partir de uma educação sobre o próprio movimento feminista e sobre as dinâmicas sociais, as entrevistadas são levadas a lutar por uma mudança de paradigma.

Sugere-se do discurso que a falta de conhecimento as mantém sob a ótica do paradigma patriarcal. Esta ideia é expressa nos seguintes trechos:

*Porque além de ter muitas mulheres que não tem consciência disso... elas e eu mesma... a gente não tem muita formação sobre o que são coisas machistas ou não.*

*Então acho que não dá voz porque não é todo mundo que está munido de informação.*

A informação sobre o feminismo tem um valor importante, pois, permite que uma análise diferente das situações que são vividas na sociedade, promovendo reinterpretação das relações pelas mulheres. Algumas das entrevistadas afirmaram que o acesso a educação e as reflexões sobre a sociedade, no que diz respeito forma com as mulheres são tratadas, tiram a mulheres de situação de vulnerabilidade, como expresso no seguinte trecho, *“as mulheres que não tem acesso a educação que vivem no sistema muito refém de homens, de maridos, de pais... eu acho que essas mulheres ficam mais vulneráveis, embora eu não ache que somente elas estejam em posição de vulnerabilidade”*.

Destacam, também, que o conhecimento potencializa o movimento feminista, uma vez que pelo acesso a informação, as reivindicações feministas ganham sentido e justificam a mudança de um paradigma, *“Eu acho que faz mais sentido agora, talvez... ainda... porque mais gente tá conseguindo ter acesso sabe. Realmente passou a ser uma luta de mais gente”*, além de promover conscientização sobre o desfavorecimento para o tratamento da mulher na sociedade, *“Eu acho que o que começou o movimento do feminismo, foi o momento em que as mulheres começaram a se educar mais, entre aspas, e a ganhar mais conhecimento e a falar mais, viram que, aquilo que, tá a acontecer com elas não é justo, a forma como são tratadas pela sociedade não é justo”*.

Apesar de reconhecer ganhos com o acesso a informação, as entrevistadas lembram que o caminho para a desconstrução ainda é longo.

*“Eu acho que mesmo aquelas que tem acesso a informação não conseguiram desenvolver autonomia na vida e de certa forma também ficam reféns”.*

*“hoje eu vejo que tem muito mais influência a questão cultural, a maneira como essas mulheres são educadas... enfim, como foram criadas socialmente falando e isso tem um impacto, então as vezes algumas mulheres até tem a vontade, mas acho que, sei lá... essa raiz é tão forte que ela acaba indo no movimento contrário... e até de compreensão mesmo, de se justificar e sair dessa ideia... do homem como o centro”*

#### Tomada de consciência

As entrevistadas trouxeram falas sobre a tomada de consciência da opressão. Para elas a luta feminista começa quando as mulheres questionam as relações que são estabelecidas. Como exemplo, trouxeram o questionamento das mulheres proletárias, que perceberam diferenças no tratamento dado a elas neste contexto em comparação aquele dado aos homens, *“Quando elas começaram a falar, calma... eu dou tudo de mim na manufatura, estou trabalhando na fábrica, estou fazendo tudo e eu não tenho voz?”.*

Esta consciência de torna importante porque é o primeiro passo para a emancipação da mulher e conseqüente mudança de paradigma, *“consciência é o primeiro passo pra conseguir qualquer mudança, você tem que estar consciente pra pensar, isso tá do jeito que eu queria? Vamos mudar? Mas como?”.*

#### Mulher como sujeito

Outra subcategoria que tem relação com a mudança de paradigma é a da compreensão da mulher como sujeito. As entrevistadas reconhecem que as mulheres já obtiveram muitas conquistas relevantes para ocupação de um contexto público. Entretanto, afirmam a necessidade de se avançar na luta pela emancipação da mulher como sujeito livre,

*“ganhar a liberdade da mulher como mulher. Porque no século passado estava muito voltado pra questão acadêmica, profissional, que é muito importante... dos direitos. Mas agora eu acho que tá... que eu acho muito legal... é que focou um pouco mais na liberdade nossa como mulher, nossa...”*

Uma das entrevistadas percebe que as conquistas das mulheres são alcançadas aos poucos, o que remete a ideia das vagas do feminismo, e entende que com o passar do tempo conquistas em outros âmbitos também precisam acontecer, *“aparece uma outra mulher que esta foi a primeira mulher a votar, foi outro momento impactante, aparece a primeira mulher cientista que conseguiu fazer não sei o que... tá a perceber? Acho que foi toda uma vitória, mini vitórias... agora vamos buscar outras...”*

Sugere-se estas conquistas estão inseridas no âmbito privado, e almejam o respeito a mulher como sujeito e a emancipação do seu corpo, *“acho que agora a gente tá tentando entrar com ideia que também temos direitos sobre o nosso corpo, sobre o prazer”*; *“eu posso fazer o que eu quiser, o corpo é meu... (pausa) o comportamento é meu... as responsabilidades são minhas... isso, e sem ser julgada por isso”*.

FA, exprime muito bem esta ideia ao dizer, *“Mas muito além de igualdade salarial, de igualdade de oportunidades é... mais...acho que além de tudo isso é a igualdade de ser...”*.

Novo paradigma construído lentamente

Encontra-se a partir das narrativas das entrevistadas ideias que dizem respeito a mudança do paradigma hegemónico. Para elas este processo se dá de forma lenta, pois foi consolidado ao longo da história, *“como é uma coisa muito cultural, tudo vai ser a lento prazo”*, e é sustentado até hoje. Para as entrevistadas a dificuldade na transformação do discurso social encontra barreiras em vários âmbitos, um deles é o avanço de uma ideologia política conservadora,

*“Eu acho que ainda tem muito machismo explícito. Principalmente pra gente, agora no Brasil... das coisas que estão regredindo, não só brasil, estados unidos também... mesmo aqui, sempre tem as pessoas de extremo que não levam em consideração e mesmo na sociedade que a gente vive, ainda tem muito machismo vedado”.*

*“Ah eu acho que esse é um momento da virada... nos últimos anos tem sido um momento muito importante pras mulheres, principalmente pela ascensão da extrema direita em todos os governos. E eu acho que finalmente, sabe... as mulheres tão começando...”*

*Pra você a extrema direita...*

*É completamente patriarcal, machista”*

Compreendem a atuação do movimento Backlash, que atua impedindo o avanço do movimento feminista, *“aquilo que a gente queria fazer era fazer os homens, que toda a sociedade reconhecer que nós somos iguais e nós temos direitos a ter as mesmas oportunidades e houve uma certa altura no meio disso que perdeu-se essa noção e os homens começaram também a jogar o feminismo contra nós... de certa forma a gente regrediu na nossa luta.”*

Neste processo de mudança de paradigma, as entrevistadas sugerem a necessidade de coesão e engajamento grupal e individual para galgar mais mudanças,

*“é tentar reconhecer a necessidade de a gente se agrupar entre nós mesmas, como mulheres”.*

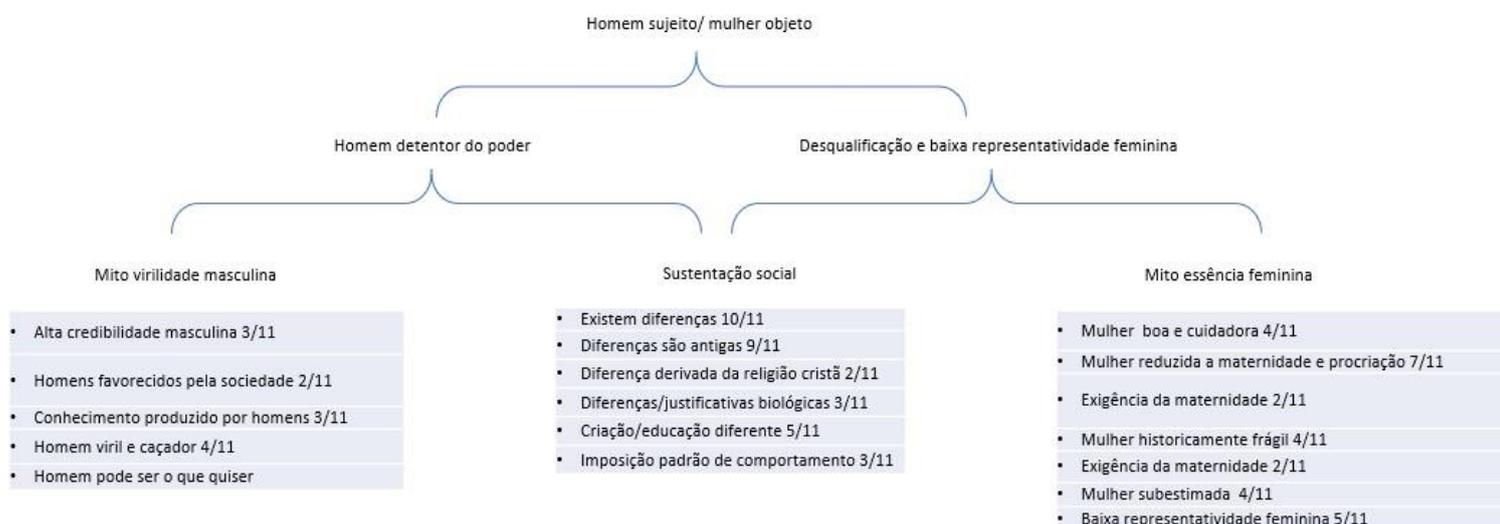
*“nós mulheres... eu, você, cometemos machismo, porque é algo que está intrínseco. Porque a gente sempre tá lutando cotidianamente contra isso, mas de vez em quando tem uns escapes”.*

Reconhecem que a mudança só acontecerá por meio da preocupação em emancipar todas as identidades culturais que fazem parte do grupo de mulheres, *“eu acho que ainda tem um grupo de mulheres que fica refém desse sistema e aí por isso, talvez o movimento não de voz ainda a todas as mulheres”.*

Uma das entrevistadas fala sobre as frequentes notícias denunciando violência contra mulheres como reflexo de uma sociedade ainda desigual, *“eu acho que ainda estamos no processo e eu acho que ainda vai demorar muito... pra ficar uma coisa mais homogênea mesmo... isso eu falo por causa das notícias que a gente ouve, do que acontece, mulheres violentadas, isso é aquilo... sempre!”*

## Diagrama 2

### Reconhecimento das diferenças de tratamento entre géneros



O diagrama acima, reconhecimento das diferenças de tratamento entre os géneros foi resultado da análise dos discursos referentes ao segundo bloco de perguntas.

Estes discursos resultaram numa série de categorias cuja análise as agrupou em 3 categorias distintas, Mito da virilidade masculina, sustentação social dos mitos e mito da essência feminina. Por conseguinte, a análise destas 3 categorias revelou duas ideias fundamentais que as perpassam, a ideia do homem como detentor do poder e da mulher desqualificada e sem representatividade social para mudar a sustentação dos mitos presentes na sociedade.

Este processo de análise bottom-up culmina numa categoria central que sintetiza uma visão do homem como sujeito e a mulher como objeto. Nas secções seguintes serão apresentados trechos e análises das categorias do discurso que sustentam o segundo diagrama.

### *Mito da Superioridade Masculina*

Esta categoria diz respeito a justificativas para tratamento preferencial ao gênero masculino na sociedade. As entrevistadas forneceram explicações sobre como as diferenças de tratamento para os gêneros são mantidas na sociedade e ao mesmo tempo apresentaram justificativas para as diferenças. Esta categoria sustenta-se em temas que emergiram nas narrativas e que permitiram identificar as categorias mais próximas do discurso tais como, *Alta credibilidade masculina*, *Conhecimento produzido por homens*, *Homem pode ser o que quiser*, *Homem viril e caçador* e *Homens favorecidos pela sociedade*.

#### Alta credibilidade masculina

Sobre *Alta credibilidade masculina*, as entrevistadas fizeram referência a facilidade com que a autoridade é atribuída aos homens, como explicitado no trecho, “*a sala de aula costuma respeitar muito mais o professor do que a professora*”. Neste trecho a entrevistada compara o domínio de sala de aula entre professoras e professores e diz que no curso de direito, é possível perceber que o controle é facilitado pelo gênero do docente. Sendo o gênero masculino validado com mais facilidade em sua autoridade.

#### Homens favorecidos pela sociedade

As entrevistadas discorreram sobre o favorecimento do homem na sociedade, Nesta categoria, observam-se outros trechos de narrativas específicas sobre este favorecimento. Por exemplo, no trecho, “*Eu acho que os homens ainda são muito mais favorecidos... A sociedade não dá as mesmas oportunidades... quando eu vejo uma mulher num patamar tão assim... num lugar... ocupando um lugar muito bom, de destaque, uma professora... eu sinto que ela teve que batalhar o dobro que o homem*

*pra tá lá*”, a entrevistada reconhece a lacuna para o sucesso das mulheres, afirmando que a distância percorrida por uma mulher para atingir o mesmo cargo profissional de um homem é muito maior. Outra, dá exemplo desta discrepância do nível de esforço para alcançar metas, *“Mais homens são financiados... Empresas dominadas por homens, ciência feita por homens, financiamento para homens!”*. A entrevistada disse que esse favorecimento se mantém à medida que o conhecimento é produzido por homens, o interesse comercial passa a ser o mesmo interesse patriarcal e as mulheres acabam por exercer força de trabalho também nos laboratórios sem ter o devido mérito nas publicações académicas e futuros investimentos de pesquisa.

#### Conhecimento produzido por homens

Ainda sobre a manutenção da superioridade masculina, as entrevistadas refletem sobre o *Conhecimento produzido por homens*, e nos trechos abaixo, trazem para a discussão a forma como a sociedade produz conhecimento e conta sua própria história, *os homens sempre estiveram no poder, no comando de tudo, sempre ditaram as regras... os homens escreveram as histórias das mulheres. As nossas histórias não fomos nós quem escrevemos, nossa história é contada por homens. As origens das desigualdades estão aí, porque não é interessante para eles contar um história de luta, de sabe... de igualdade mesmo com eles. A gente é uma ameaça a eles de certa forma.*

Alertam para o facto de que o conhecimento científico foi construído ao longo do tempo sob uma perspectiva masculina e foram homens, a partir da ótica privilegiada da vivência de uma ideologia opressora, que produziram este conhecimento, *“não para pra pensar sobre aquilo, sobre quem escreveu... provavelmente foi um homem!*

*Que escreveu, analisou...”*

Outro aspecto levantado por elas sobre a manutenção das diferenças, foram sobre as crenças de que o homem é provedor do dinheiro, como visto no trecho, *“Na china as famílias ficavam mais felizes quando tinham filhos homens do que mulheres. Pra elas as mulheres eram uma despesa a mais, era uma dor de cabeça ter mulher em casa, enquanto que o homem vai trazer dinheiro”*. Nota-se aqui, o imaginário de que o um filho homem é sinonimo de prosperidade.

Homem viril e caçador

Essa prosperidade está ligada, também, a imagem de que o homem é forte, viril e caçador. As entrevistadas foram questionadas sobre o início das diferenças entre gêneros e sobre o porquê da superioridade masculina. Elas levantaram hipóteses que fazem referência a essa imagem da virilidade. Vejam-se as seguintes citações:

*Será que alguma vez, lá atrás nos primórdios da civilização, não sei, porque algum homem conseguiu, tipo, era mais forte, e conseguiu matar um animal, então ele pegou e falou o seguinte: “como eu consegui matar e você que vai comer, é o seguinte, te vira, acho que agora você é minha subordinada o homem é que tinha que tomar as rédeas, porque o homem é que é forte, o homem que é mais alto, o homem é que é isto, isto, isto e aquilo. Então acho que foi uma coisa que pegamos já da nossa estrutura física e implementaram isso e as mulheres acabaram por acreditar nisso*

*O homem vai pra caçar e a mulher fica em casa a cuidar disto e aquilo.*

Esta imagem foi validada por uma das entrevistadas como uma das justificativas para uma educação discrepante entre meninos e meninas. O trecho seguinte traz

exemplo da família da entrevistada, que possui irmão mais novo do sexo masculino e que mesmo aos 8 anos de idade já precisa seguir determinados padrões de comportamento que reforçam aspetos da virilidade esperada no manejo de suas emoções, *“Eu tenho um irmão de oito anos e eu acompanho muito a criação dele. E a criação é completamente diferente. Então ele, eu vi muitas vezes a minha avó apontar dedo na cara dele e falar “você não pode chorar porque homem não chora” e a primeira coisa que eu fiz foi “não, não, não, ele vai chorar, porque ele tem que chorar, faz parte do instinto dele, faz parte da natureza humana ter emoções e não é só porque ele é homem que ele não vai ter emoção e que ele tem que sufocar essa emoção”*. Outro aspeto levantado pelas entrevistadas diz respeito aos malefícios e reconhecimento dos malefícios dessa imagem rígida e pré-determinada para os homens, *“A masculinidade é muito tóxica pros homens e eu acho que, hoje em dia, muitos homens já estão sabendo reconhecer isso. Aquela coisa de ser másculo, de ser o garanhão e tudo”*.

É importante reconhecer que os homens também são prejudicados por uma cultura que determina e enrijece a forma como eles devem se comportar frente as situações cotidianas e desavenças da vida. Entretanto, o homem tem a vantagem de preencher com mais facilidade requisitos esperados por uma ideologia opressora, uma vez que se encontram em posição de privilégio por terem nascido do sexo masculino. Em contrapartida, as mulheres possuem mais requisitos a serem preenchidos para cumprir expectativas de uma sociocultura patriarcal.

Homem pode ser o que quiser

Ainda nesta categoria, encontra-se referências das entrevistadas ao facto de que homem pode ser o que quiser, ou seja, tem liberdade para escolher seu caminho sem

muitos julgamentos, além de ter incentivo e oportunidades maiores para prosperar em uma vida pública. Destacam-se as falas, “*Homem pode ser o que quiser*”, “*E o homem, ele pode ser o que ele quiser, pode ser gordo, pode ser baixinho, pode ser alto...*”, “*eles podem ser o que eles quiserem, fazer o que eles quiserem...*”

*Sustentação Social das diferenças de Género*

A segunda categoria sustentação social traz, a partir das narrativas, justificações para a manutenção das diferenças entre os géneros. Os discursos referentes a esta categoria são resultado de análises dos seguintes temas trazidos pelas entrevistadas:

*Criação/educação diferente, Diferença derivada da religião cristã, Diferença salarial, Diferenças são antigas, Diferenças/justificativas biológicas, Existem diferenças, Imposição de um padrão de comportamento, Não há marco inicial.*

Existem diferenças

As entrevistadas reconheceram que *Existem diferenças* na forma como a sociedade entende e trata homens e mulheres. Discursaram especialmente sobre as oportunidades que são oferecidas às mulheres. As entrevistadas reconheceram que alguns direitos para as mulheres já foram alcançados e que estas já conseguem desfrutar de oportunidades semelhantes à dos homens, no entanto, destacaram que as oportunidades são oferecidas, mas não garantidas da mesma forma.

Em um dos trechos, a entrevistada reconheceu mudanças na sociedade, particularmente no âmbito profissional, mas, ao final, questionou se o caminho trilhado por mulheres para alcançar posições de destaque no mercado profissional é o mesmo trilhado por homens, “*a gente precisa compreender se essas mulheres tão sendo incentivadas a estudar, se elas tão sendo incentivadas a ter uma profissão para*

*conseguirem ocupar esses cargos que tã sendo dados, porque hoje em dia, tudo bem, cinquenta-cinquenta, beleza, “teremos cargos de gerente cinquenta-cinquenta”, beleza, cinquenta mulheres, cinquenta homem, mas será que essas mulheres tã tendo oportunidade de estudar, de serem respeitadas, se qualificarem para ocupar esse cinquenta-cinquenta que tá sendo estabelecido?”. Outras entrevistadas validaram o trecho acima ao afirmar que as oportunidades de facto não são reais,*

*Eu acho que a criação da oportunidade meio que há... tá assim, qualquer um pode ser, mas o fato de você dar efetivamente a oportunidade não é igual.*

*acho que da mesma forma que, por exemplo no Brasil, tem muito essa questão das cotas, muita discussão sobre isso. Eu acho que, por exemplo, na cota você não está dando a oportunidade igual, você justamente dá a cota por que você reconhece que tem uma falta de oportunidade igual.*

Para além disto, as estudantes entrevistadas afirmaram que as diferenças de oportunidades acontecem porque existem padrões de comportamento esperados para homens e mulheres. No trecho seguinte, uma das entrevistadas afirma que é necessário reformular expectativas de comportamentos para assim galgar mais mudanças, *“Ele queria que minha mãe colocasse a comida pra ele... e não, ela conseguiu mudar ele. Lá em casa quem faz o mercado é ele... a gente faz as coisas também... ele lava a louça. Mas não é uma coisa, olha que legal, ele faz isso, não, ele tem que fazer, todo mundo tem que colaborar. Então quando você vê que precisa desconstruir uma pessoa pra ela colaborar, é sinal que muita coisa ainda tem que mudar”*. Já D.M, 23 anos, cobra, em seu discurso, o governo, e sugere novas políticas públicas para tentar resolver disparidades, *“Eu não posso generalizar, acho que tem muita abertura sim, mas tem áreas que não dão a mesma oportunidade. acho que apesar de que já conquistamos*

*imensas coisas que não tínhamos, já temos várias outras oportunidades que não tínhamos há poucos anos atrás, acho que sim, melhorou, mas ao mesmo tempo, parece... parece que estão oferecer oportunidades mas não estão a dar. Acho que o governo pode lutar um bocadinho mais, no incentivo a mulheres, nas desigualdades e tudo mais”.*

Em termos da existência de diferenças, AS, 23 anos, cita a dificuldade das mulheres em ocupar espaços públicos por medo e por vulnerabilidade a assédios e violações. A entrevistada diz, *“a gente não tem a mesma oportunidade de segurança, a gente não tem a mesma oportunidade de ir e vir tranquilamente. Se um homem, é.... não tiver com nenhuma posse material com ele, um relógio, um celular e tal, ele anda tranquilo. Nós mulheres, a gente pode tá sem nada que a gente ainda vai preocupar”.*

Diferenças são antigas

A partir das análises das respostas para o bloco 2 de perguntas, as mulheres afirmaram que as *Diferenças são antigas*,

*É uma coisa muito antiga, ninguém comenta é velado e ninguém fala, tá lá.*

*eu acho que é uma coisa de muito tempo atrás já... porque... eu considero assim, uma coisa de época colonial... sei lá, sem eletricidade....*

Outra entrevistada ofereceu mais detalhes sobre a forma como as desigualdades são perpetuadas na sociedade. Atribuindo as diferenças ao machismo, ou seja, ao favorecimento do género masculino em detrimento do feminino, a entrevistada lembrou que o machismo é propagado inclusive por mulheres, uma vez que foram educadas neste contexto e normalizaram esta condição,

*Eu não acredito que uma mulher é machista, eu acredito que a mulher passa o discurso machista, ou seja, ela porque, machismo é quanto tu, ao dizeres alguma coisa tas a beneficiar a ti própria, uma mulher machista não está a beneficiar ela própria, está a passar o discurso do machismo. E é da mesma forma que... ou seja, é uma coisa, que foi gerando com a educação, foi passando de geração em geração.*

Reforçando a ideia de que as diferenças são antigas, as entrevistadas apresentaram dificuldade em estabelecer um marco inicial para tais diferenças. Por isso, trechos de narrativas foram compilados com o tema *Não há marco inicial*. Verifica-se abaixo,

*não é de agora... é algo que vem de muito, muito muito antes... não consigo definir um ponto eu não sei de onde vem, mas eu acho que sempre esteve lá.*

*acho que pode ter alguma coisa com talvez força física, desde a época das cavernas? Não sei mesmo... nunca parei pra pensar quando alguém criou e inventou algum dia que uma pessoa do sexo masculino poderia mandar numa pessoa do sexo feminino... não sei!*

*Em determinado momento, não sei que momento é esse, mas, foi oferecido um certo poder, posição ao homem me lembrei dos tempos de escola, das deusas egípcias... que eram super valorizadas... eram mulheres de posições poderosas e no entanto, isso perdeu-se. Houve uma quebra ali... não to a querer dizer que as mulheres tem que ser outras vez postas no altar... mas porque que ouve essa quebra. Em que ponto é que as mulheres deixaram de ser tratadas como seres divinais e passaram a ser varridas para debaixo do sapato? Quando é que ouve essa mudança, isso eu gostava de explorar, isso de fato eu não sei.*

## Diferença derivada da religião cristã

Ao serem instigadas sobre o histórico das diferenças, as entrevistadas trouxeram duas possíveis origens, *Diferença derivada da religião cristã e Diferenças/justificativas biológicas*. Sobre as diferenças originárias da religião, lembraram que a religião é uma das formas pelas quais os significados são construídos e perpetuados na sociedade. Por características próprias da amostra, ou seja, mulheres criadas em países ocidentais influenciadas principalmente por religiões cristãs, as entrevistadas chamaram atenção para as ideias perpetuadas pela bíblia. Dessa forma pode-se elucidar do discurso das entrevistadas que determinadas crenças religiosas construíram o pensamento da sociedade e acabam por orientar um comportamento determinado e conseqüente desigualdade, *tô pensando em conceitos bíblicos, Eva e Adão... mulher proibida... fruto proibido... bíblico... mas... não... Pra mim sempre esteve lá, não tem um início.*

*Primeiras sociedades.... Maria a mãe... jesus é homem, salvador... essa construção religiosa que influencia.*

*essa questão religiosa, de como a história é contada, tem a ver sim um pouco...*

*Embora assim, o mundo não seja todo cristão, essas histórias iniciais de criação, tem um impacto muito forte, da maneira como a própria bíblia, no velho testamento, a mulher é muito colocada nesse lugar de submissão.*

## Diferenças/justificativas biológicas

Já as *Diferenças/justificativas biológicas* foram citadas pelas entrevistadas como justificativa para o entendimento da mulher como ser mais frágil que o homem. Por meio da propagação da ideia de um destino biológico da mulher, no papel de procriadora, crenças como mulher frágil e sensível, foram perpetuadas na sociocultura e

acabaram por colocar a mulher em uma condição de submissão. As entrevistadas percebem esta associação entre a manutenção da opressão e sustentação de um destino biológico ao dizer que, *biologicamente a mulher é mais sensível, de que biologicamente a mulher é mais... é... sei lá, uma figura materna. E acaba que isso na sociedade foi só se estigmatizando, se estereotipando... agora a gente é completamente atribuída a*

*frágil a sensível*

*Eu acho que a partir do momento em que a sociedade... mesmo a média... se colocou a mulher nesse papel de procriadora. Eu acho que isso foi o início de tudo*

*Eu não sei, não consigo pensar outros motivos pelos quais eles conseguiram se impor assim, sabe. Tipo, eu realmente acho que foi por imposição de força física.*

Criação/educação diferente

Outra forma de sustentação das desigualdades e propagação das mesmas citada pelas entrevistadas foi a *Criação/educação diferente*. Segundo as entrevistadas, as mulheres desde pequenas são ensinadas lidar com o trabalho doméstico e desde então são mantidas em contexto privado, ao passo que aos homens o mesmo ensinamento não é passado.

*a gente cresce, nós mulheres, sendo ensinadas pelas nossas avós, pelas nossas mães a saber cozinhar, a saber cuidar da casa, a cuidar do marido*

*Diferença no tratamento desde nova né? dentro de casa... divisão de tarefa, ou o próprio... “ah! se comporta você é uma mocinha”. O homem não precisa disso.*

Uma das entrevistadas destaca a diferença nos próprios recursos de aprendizagem, diz sobre os materiais pedagógicos com os quais teve contato. Evidencia-se que desde muito novas as meninas são incentivadas a aplicar o seu conhecimento em contextos que reforcem a vida privada, do trabalho doméstico e cuidado familiar. Para os meninos os problemas já são aplicados para contextos públicos e de incentivo.

*Para menina era uma capa rosa e os problemas de matemática era, ah, quando vais a cozinha ajudar a sua mãe, com 5 kg de não sei o que e tens que tirar tanto, o que é que fazes? Enquanto para os homens era... ah.. vais para a ciência, fazes isso e aquilo e como é que vais resolver esse problema. Aquilo era tudo com efeitosinhos rosinhas, e princesinhas e bebes... e depois dos homens eram carros, e microscópios e Nasa e coisas do género, tas a ver?*

#### Imposição de um padrão de comportamento

Para além destas justificações, reconheceu-se que a *Imposição de um padrão de comportamento* também funciona como forma de sustentação das desigualdades. Pelo relato das entrevistadas, desde cedo as mulheres recebem listas de como se portar e a quais padrões estéticos devem ater para garantir uma imagem positiva e moralmente correta:

*que eu acho que a sociedade impõe, que eu percebo na minha família... é que tem que ser uma mulher sempre bonita, magra*

*Se você sai da caixinha você está socialmente errada... o feminismo ajuda na construção da identidade né... então... sim... no comportamento total... no jeito que*

*você tem que se comportar, se vestir, o jeito que vai falar, o jeito que vai comer, o jeito que vai se relacionar. O homem eu sinto que não tem tantas imposições...*

As entrevistadas destacam que o feminismo serve também para dar ciência as mulheres de que elas não precisam seguir estes padrões, mas reforçam que a compreensão de que não precisam fazer estes acordos depende de um longo processo de resignificação,

*o feminismo é importante. Muitas vezes a gente não 'tá todo dia bonita, não tá todo dia de bom humor... a gente não tem que estar sempre comportada. E acho que é muito difícil, porque é uma pressão muito grande, uma exigência muito grande com a gente e da gente consigo mesmo. E quando a gente se depara e vê que não estamos nesse comportamento é um pouco frustrante, um pouco difícil, e eu acho que feminismo é pra isso, pra entender que não, eu não tenho que agir dessa forma... se eles não tem que agir... por que querem exigir de mim agir assim?*

*Eu tenho plena consciência da... (pausa)... do que eu quero pra mim, como a sociedade administra... sou defensora disso, mas eu no outro dia, fico mais com ressaca moral do que física.*

### *Mito da Essência Feminina*

Outra Categoria que emerge no discurso das entrevistadas é a do Mito da Essência Feminina. Para as entrevistadas, as diferenças impostas pela sociedade para o tratamento diferente de homens e mulheres está pautada em uma crença irreal do ser mulher. As entrevistadas expressaram-se ao falar de, *Essência feminina, Mulher cuidadora, Mulher reduzida a maternidade e procriação, Exigência da maternidade,*

*Mulher historicamente frágil, Mulher subestimada e submissa, Mulher dá prejuízo, Credibilidade da mulher questionada, Baixa representatividade feminina, Padrão de beleza e Ser mulher é inseguro.*

#### Mulher boa e cuidadora

Esta categoria encerra a ideia de que as mulheres tem uma essência própria, como se alguns comportamentos, emoções e habilidades fossem inatas e classificassem, à partida, as pessoas do sexo feminino. As entrevistas apresentaram em suas respostas reflexões sobre esta temática, que ilustram a ideia da essência feminina boa, compreensiva acerca de tudo, *“a gente tem que sempre perdoar, é, né, a gente, nossa, pode ser o que for, mas a gente vai perdoar, a gente vai saber compreender, porque a gente é mais sensível, a gente tem uma maior compreensão das coisas que podem acontecer. É, e eu acho que isso não é aplicado pros homens”*. Outro aspeto desta imagem inata da mulher levantado pelas entrevistadas, foi o da mulher como cuidadora, ou seja, como aquela pessoa que sempre está disponível e é mais capaz de cuidar, dar afeto e nutrir física e emocionalmente terceiros.

Uma das entrevistadas atribui esta crença ao fato da mulher gerar vida e lembra que a maternidade acaba sendo generalizada para outros contextos do trato social com as mulheres, *“a questão biológica que nasce da mulher, dela poder gerar uma vida... isso já... já estraga tudo. Porque o papel atribuído a mulher vai ser esse, de cuidadora, de gerar um filho, a função dela na sociedade vai ser essa”*. A entrevistada chama atenção para o fato de que mulher funcionará na sociedade como uma grande mãe, que tem quase como obrigação cuidar de todos a todo momento. Outra participante deu exemplo de como isto se dá nas relações. Relatou observações da casa onde residia, em que uma

de suas colegas recebia o namorado e executava todas as tarefas de casa para ele, como, fazer comida, lavar louças e limpar. A entrevistada acrescentou que esse trabalho de cuidadora é entendido como a forma que a mulher tem para demonstrar afeto, e que deve ser feito independente da vontade da mulher ou da disposição. Neste caso, as tarefas poderiam ter sido compartilhadas, entretanto, a namorada realiza duas jornadas, de estudo e trabalho doméstico por ser esse o papel da mulher na relação. Em tom irônico, a entrevistada, disse, *“A mulher que vai cuidar, vai limpar e o homem que trabalha, que tá cansado. Os dois estudam, mas ele estudou né... tem que fazer alguma coisa por ele, por que você gosta dele né...”*

#### Mulher reduzida a maternidade e procriação

Ainda sobre a crença da mulher cuidadora, as entrevistadas discorreram sobre a função feminina da maternidade e da procriação. Para elas, as diferenças entre o tratamento de homens e mulheres está fundamentado na ideia de que a mulher para alcançar sucesso e felicidade na vida ou para sentir-se completa, deve procriar. Deve, por isso, cumprir o papel que a sociedade espera dela e ser mãe: *“é uma coisa que sempre teve na história... a mulher fica em casa, cuida dos filhos, a mulher serve pra que? Pra casar jovem, pra procriar...”*

As entrevistadas levantaram a hipótese de que em algum momento da história a maternidade colocou as mulheres em uma posição desfavorável a do homem, como se por servirem apenas para esse propósito, não teriam outras possibilidades de vida, habilidades e gostos próprios, *“Mas talvez... na pré história... que a mulher foi reduzida só a maternidade talvez... e daí foram diminuídas... não sei”*. Outra entrevistada aprofundou esta hipótese e disse que a sociedade oferece outras possibilidades à

paternidade, reservando para a maternidade apenas a opção do cuidado. Além disso, afirma que a possibilidade de exploração de diferentes possibilidades ao longo da vida pelo homem, mesmo com filhos, permite que este se empodere, ou seja, tenha autoconceito positivo para buscar aquilo que deseja para si, “*acho que tem a ver com a questão da maternidade, que a partir do momento que você engravida, amamenta, de certa forma se retira da sociedade, pra educar e criar uma criança que depende de você ate pra se alimentar, é dado... é oferecido a esse homem mil e uma possibilidades para sair desse contexto. E acho que isso empoderou os homens de alguma forma, como os responsáveis pela sustentação da sociedade como um todo*”.

#### Exigência da maternidade

Para além de observar que as mulheres são compreendidas a partir de uma essência cuidadora e maternal, as entrevistadas mencionaram que a maternidade também é exigida, sendo apresentada pela sociedade em algum momento como o pedaço que falta para a mulher ser inteira, ou para ser entendida como sujeito na sociedade e não como objeto.

Observam-se os trechos abaixo: *reduz muito a mulher a*

*maternidade, tem que ser mãe.*

*se elas não estão casadas, se não tem filhos, elas não estão sendo mulher!*

#### Mulher historicamente frágil

Somada aos já mencionados aspetos de uma essência feminina, as entrevistadas atribuíram uma imagem historicamente frágil como uma das formas de origem e sustentação das diferenças entre homens e mulheres. Uma das entrevistadas disse

que, historicamente, a mulher foi percebida como frágil, pequena e indefesa, vista com o único propósito de servir para procriação, “*a mulher era vista como um ser frágil, tão pequenina, mulher burra que tá lá só pra engravidar*”. Uma segunda entrevistada apresentou hipótese que justifica, em sua opinião, a percepção da mulher como ser mais frágil, “*a fragilidade da mulher acho que vem muito do fato de sangrar todo mês. Vamos pensar... você tá lá na caverna... de repente você começa a sangrar todo mês... imagino que é visto como um ser mais frágil... ninguém sabia de nada, que a gente se comporta diferente... começa a ser vista como frágil porque sangra... e sangue é sinonimo de fragilidade... depois essa mulher gera uma vida, precisa de cuidado.... Vai só piorando a história... é tipo um telefone sem fio... vão construindo outras coisas, vai virando uma bola de neve*”. Para ela, em algum momento da história, a menstruação tornou-se sinonimo de fragilidade e cuidado, transmitindo assim, a ideia da mulher frágil.

### Mulher subestimada

Ao serem questionadas sobre as diferenças de tratamento as entrevistadas discorreram sobre como a imagem da mulher é questionada na sociedade e como a busca para ocupar um cargo profissional ou de destaque parece mais penoso para mulheres. Para as entrevistadas, a baixa credibilidade feminina é consequência de uma imagem enrijecida do potencial da mulher que acaba por dificultar o caminho para a igualdade. E.M., 27 anos, percebe que os homens recebem mais aprovação no mercado de trabalho. A entrevistada hesita em afirmar que a mulher não é percebida ou tratada de maneira igual, por isso pontua o que julga ser o ideal em uma seleção de profissionais, mas em seguida, afirma que a mulher ainda é subestimada, “*dão mais credito pros homens... eu*

*prefiro acreditar que é por competência... mas... (pausa) a mulher ainda é muito subestimada...”*

Já M.B., 32 anos, salientou que a igualdade para mulheres com relação aos homens ainda encontra obstáculos para ser estabelecida. Ao dizer que o processo para tratamento igual ainda está no início, a entrevistada lembra que será preciso que ideais de igualdade façam parte das políticas de governo e do comportamento de grandes líderes mundiais. *“de olhar quem são as figuras que representam mundialmente... né... essas figuras chaves... Trump nos Estados Unidos... Bolsonaro no Brasil, meu deus! E ai, quando entra uma mulher... vamos dar o exemplo da Dilma... coitada! É doída, maluca... tem*

*aquelas brincadeiras, no sentido de colocar o sexo... é inacreditável o negócio. E assim, na maioria das vezes também mulheres fazendo isso... o que é complicado, mas só pra dizer que ainda é tudo no início”*. Para além disto, é destacado pela entrevistada a presença recente de piadas desrespeitosas com a imagem de mulheres que chegam ao poder (cita caso da ex-Presidenta eleita do Brasil, Dilma Rousseff) e também, a desqualificação de propostas e discursos realizados por elas.

Uma terceira entrevistada comentou sobre o mesmo, afirmando que reações de raiva e de fala mais assertiva são necessárias para que as mulheres alcancem oportunidades de trabalho e ocupações de destaque público, *“às vezes ela é mais brava porque ela teve que ser assim pra chegar onde ela tá”*. Este trecho de sua resposta associa o comportamento mais agressivo ao sucesso. Desta forma pode-se entender que o sucesso para mulheres é alcançado depois de um comportamento semelhante ao esperado como comportamento masculino, ou seja, diferente do comportamento feminino esperado moldado por uma essência idealizada pela sociedade. As mulheres então, de acordo com

a percepção da entrevistada precisam ser rígidas e brigar com mais agressividade para superar diferentes obstáculos para serem bem-sucedidas.

Outra entrevistada acrescenta que a capacidade feminina por vezes é relacionada a um padrão de beleza específico, e que esta beleza determina por exemplo a boa capacidade de atendimento ao público como explicitado, *“tem casos que não querem contratar uma mulher, porque o trabalho é entendido como pro homem... quando é pra alguma coisa de serviço de mesa, ou alguma coisa... querem mulheres... elas tem que ser bonitas... uma coisa é se a pessoa é simpática, se sabe atender ou não, outra coisa é você julgar pelo padrão de beleza, pelo gênero... as meninas não são mais doces... a gente sabe que não é”*. É possível interpretar, a partir do trecho, que existem cargos profissionais ou papéis sociais que são determinados por características atribuídas aos gêneros.

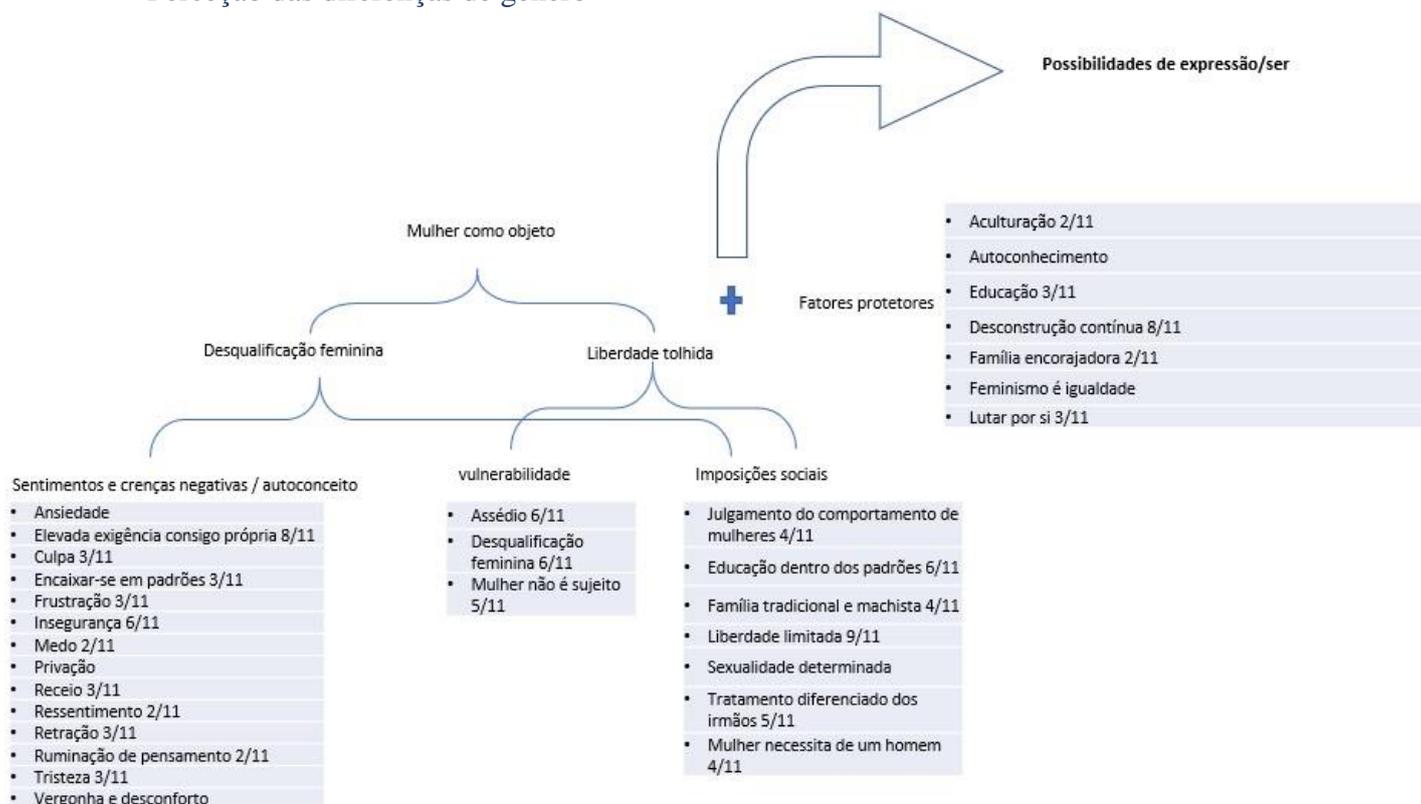
#### Baixa representatividade feminina

Outro agravante, na perspectiva das entrevistadas, para a manutenção de uma imagem feminina frágil e voltada para a vida privada é a falta de representatividade feminina nas diferentes áreas do conhecimento e nos diferentes espaços de liderança. Para as entrevistadas a representatividade: 1) diversifica as possibilidades de atuação de mulheres, não só no caminho de vida de cada mulher, mas também no imaginário coletivo, *“Desde que nasce né... o que brincar, o que sonhar em ser quando crescer... é... o que efetivamente ser... óbvio, não existe mais aquela proibição de ser... sei lá, mulher não pode ser piloto de avião, mas quando você pensa em um piloto de avião a primeira imagem que você tem é a de um homem. Então eu acho que ainda existe essa construção embora não esteja mais tanto assim, “ah! é proibido mulher ser isso”. Mas quando você pensa nisso, você vai pensar na figura do homem”*. 2) Facilitaria o caminho para igualdade, visto que hoje, a baixa representatividade de mulheres em

cargos de liderança não só é indicativo de diferenças no caminho para se chegar ao poder, como também é elemento que dificulta o processo de desconstrução de um modo único de ser mulher e de consolidação de um novo paradigma. Ademais, um governo com

representação de mulheres pode pensar, com mais facilidade, uma sociedade que trate a mulher de forma justa, “... *representação governamental... se eu olho os presidentes, a maioria é homem. Então eu diria que ainda estamos em... caminhando... passos muito curtos, eu diria, porque talvez o efeito onda... é só com o tempo mesmo pra sentir esse impacto, talvez a geração dos nossos netos, bisnetos... mas, entender ainda assim hoje, a gente considera que avançou, mas muitas pessoas ainda com esse pensamento limitado*”. 3) Seria sinal da valorização do trabalho de mulheres, inclusive no meio científico, seja ele em diferentes áreas do conhecimento ou em áreas que atuem diretamente na construção de uma sociedade sem diferenças de tratamentos entre homens e mulheres, “*foram feitos estudos aqui em Portugal que mais de, acho que, 64%, acima de 50%, mas não a chegar aos 60.. 55%... esse intervalo que havia, a maior parte dos cargos de... de... principal investigador, que é o investigador principal, o chefe de laboratório, que é tudo desempenhado por homens, a quantidade de artigos científicos publicados, a maior parte é dominada pelo mundo masculino. Vejo poucas muito poucas investigadoras principais chefes de laboratório mulheres, de artigos publicados por mulheres também, muito poucos. É sempre o nome do homem primeiro e depois o da mulher*”

Diagrama 3  
Percepção das diferenças de género



O diagrama 3, Vivência e Experiência das diferenças de género, surge da análise do terceiro bloco de perguntas do guião de entrevista. Este bloco visava levantar informações sobre a vivência das entrevistadas acerca das diferenças encontradas na sociedade para o tratamento de homens e mulheres. Questionou-se como as diferenças as afetavam ao longo do curso de vida.

Foram elucidadas 4 categorias do discurso das entrevistadas, 1) Sentimentos e crenças negativas/autoconceito; 2) Vulnerabilidade; 3) Imposições sociais; 4) Fatores protetores. Observa-se, a partir da análise do conteúdo das categorias Sentimentos e crenças negativas/autoconceito e Imposições Sociais a ideia comum da Desqualificação da mulher. A categoria Imposições Sociais encontrou, também, sentido junto a categoria Vulnerabilidade. Nesta condição, ambas categorias transmitiram a ideia de uma

Liberdade tolhida.

Como observado no diagrama, estas novas categorias, Desqualificação da mulher e Liberdade tolhida culminaram na ideia da Mulher como objeto, o que demonstra a continuidade, ao longo do próprio desenvolvimento, da posição submissa da mulher. Contudo, as entrevistadas apresentaram em suas narrativas ideias que deram origem a categoria Fatores protetores. No diagrama esta categoria está somada à linha das categorias Desqualificação da mulher e Liberdade tolhida. Isto acontece porque a adição destes fatores promove ao desenvolvimento das entrevistadas outra forma de expressão no mundo. A ideia da categoria, somada ao desenvolvimento normativo, isto é, ao desenvolvimento esperado a uma mulher que vive em situação de opressão, abre possibilidade para uma mudança no curso do desenvolvimento. Tal ideia é representada na categoria, Possibilidades de expressão/ser.

Abaixo seguem análises das subcategorias do discurso que possibilitaram esta análise bottom-up.

#### *Sentimentos e crenças negativas/ autoconceito*

Esta primeira categoria reúne trechos dos discursos das entrevistadas que diziam respeito a sentimentos experienciados por elas e por outras mulheres frente a situações de tratamento desigual por serem mulheres. Traz também crenças que as entrevistadas construíram sobre elas mesmas ou sobre a história de outras mulheres e que de alguma forma moldaram o conceito que têm de si próprias e da figura da mulher na sociedade.

As entrevistadas falaram sobre:

Ansiedade

Uma das entrevistadas disse sentir-se ansiosa quando precisa realizar tarefas tais como uma entrevista de emprego. A estudante afirma que a quantidade de esforço e preparação para uma seleção é diferente para homens e mulheres. Percebeu-se ansiosa por ter uma lista de requisitos a serem preenchidos ou levados em consideração, como por exemplo, o que vestir, cuidados com o cabelo, e outros cuidados diferentes da capacidade para o trabalho em questão. Disse, *“pro homem fazer uma entrevista de trabalho é fácil... ele chega lá e vai... pra gente é uma infinidade, nível de ansiedade mais alto...!”*

Elevada exigência consigo própria

Algumas entrevistadas reconheceram uma cobrança excessiva por e para com elas mesmas. Uma delas disse que adequar-se a um padrão, cumprir com o repertório comportamental estipulado e ao mesmo tempo proteger-se de assédios é, *“uma exigência muito grande com a gente e da gente consigo mesmo”*.

F.M, 30 anos, diz perceber que a alta exigência que possui consigo própria é fruto de uma representação da super-mulher, reconhecida por ela em sua mãe. FM diz que a mãe lidava com a casa, filhos e trabalho e ela não se percebe capaz de ser, também, esta mulher. *“uma super-mulher, e eu acho que talvez eu carregue um pouco disso... é eu carrego um pouco dessa responsabilidade, embora isso não aconteça na minha vida... mas eu acho que me exergo frágil e incapaz em muitas questões porque eu não assumo essa posição de super-mulher. Então eu tenho dificuldade de viver as etapas da minha vida e aceitar muitas condições que existem porque eu não sou essa super mulher e eu deveria ser”*. A entrevistada diz ter esta cobrança da super mulher consigo, apesar de não viver a sobrecarga de triplas responsabilidades, *“eu acho diversas vezes que eu não*

*sou resiliente, que eu não tenho garra pra buscar a resolução de questões acadêmicas e profissionais assim como minha mãe fez”.*

Por fim, outra participante disse que a cobrança excessiva de si para conseguir manejar situações, relações e emoções de terceiros, como é suposto no imaginário da mulher exclusivamente cuidadora, acabava por desviar sua atenção de suas próprias necessidades. A entrevistada sentia-se, *“eu era tao diminuída, eu me diminuía tanto, mas tanto assim... e eu enxergava... eu tinha uma necessidade muito grande de satisfazer todo mundo a minha volta e isso acabava me engolindo”.*

### Culpa

O sentimento de culpa também foi mencionado pelas entrevistadas. Uma delas disse ter sentido culpa quando não se comportou da forma como ela foi ensinada a ser - a de uma boa menina, *“na adolescência ou no início da vida adulta, talvez o comportamento por ser uma mulher que gosta muito de beber, aproveitar num esquema que talvez era mais comum os homens. Então eu me sentia culpada, mas enfim, eu fazia que eu queria fazer! Mas acho que muitas vezes eu fui mal interpretada nos meus comportamentos, talvez porque o meu papel, eu não era mocinha, bonitinha e meiga”.* Em seguida disse que este sentimento não está mais presente. Apesar disso, a entrevistada reconhece que estava passando por um processo de experimentação e que o aumento da culpa nesta fase poderia ter dificultado o caminho para seu desenvolvimento psicossocial, *“Eu acho ridículo, a sensação é essa, de ser ridículo. As pessoas têm um... eu acho ridículo é isso. Não me traz culpa, não me traz mais... talvez ali na adolescência quando eu tava (pausa) é... (pausa) quando eu tava me construindo na sexualidade né... Eu... isso... talvez tivesse repercussão no sentido de me fazer sentir culpa”.*

Outra entrevistada disse que o sentimento de culpa a acompanhou após ter sofrido abuso sexual, *“isso me machucou muito. E na época isso realmente entrou na minha cabeça. Eu realmente achei que eu tinha passado por aquela situação por que me coloquei naquela situação...”*. E reforçou, marcando, inclusive, que a culpa histórica da perda do paraíso pela desobediência de Eva, *“as meninas quando são abusadas sexualmente, ou sofrem algum tipo de assédio, se essa questão não é muito bem trabalhada, até nessa relação inicial, enfim, com a mãe e o pai, é... o primeiro momento é justamente esse sentimento de culpa. Culpa do que? De ser mulher? Então acho que influencia nesse sentido... é como se a gente já nascesse com a culpa porque a mulher comeu a maçã... precisa de validação, precisa se provar o tempo inteiro. É uma luta assim... constante”*.

#### Encaixar-se em padrões

Foram identificados trechos de entrevistas que se referiam a necessidade percebida das mulheres de se encaixarem em um tipo específico de beleza, estética, estilo e forma física. Este padrão, pelo discurso das mulheres, parece garantir respeito social, seja para uma vaga em um emprego, seja para aceitação e seja para proteção contra assédios. Abaixo, seguem trechos das entrevistas que refletem esta ideia:

*se for uma empresa, as pessoas do rh... é aquele cuidado se tá bem ou não... tem preocupação até com beleza, estética. Eu acho que a gente ainda se preocupa e tem muito mais problema em relação a isso.*

*Com certeza... com certeza... quantas vezes você não olhou numa revista e quis ser igual a manequim? Os homens podem falar, ah, maneiro... mas vou tomar minha cerveja. Pra mulher não, a galera... a mulher vai atras de procedimentos e produtos, pra estar num padrão.... Que toda hora muda. Primeiro era legal ser*

*gordinho, porque quem era rico podia comer... depois que a comida virou processada... um pacote de biscoito é mais barato que um de fruta... é bom ser bem magro, fitness. Na verdade quem se encaixa mais nesses padrões... claro que tem muitos homens que querem se encaixar... mas muito mais pra mulher. Envelhecimento então... os homens envelhecem, as marcas são experiência... a mulher não.*

*eu sinto que.... Que essa visão distorcida ainda influencia a forma como eu me apresento, a forma como eu saio na rua, a forma como eu falo com rapaz x ou y, a forma como eu me posiciono*

### Frustração

As entrevistadas relataram experienciar o sentimento de frustração. Uma delas disse que lida com a frustração quando se percebe respondendo passivamente ao que é imposto a ela, “quando a gente se depara e vê que não estamos nesse comportamento é um pouco frustrante, um pouco difícil”, outra disse sentir-se frustrada quando percebeu que estava sendo tratada como incapaz, por ser mulher, em seu estágio, “Eu me senti como se meu trabalho ali não valesse nada. Eu ali era café com leite. Eu só estava ocupando uma cadeira que estava disponível”.

Outra estudante participante comentou sobre a dificuldade em se expressar, pois sempre foi ensinada a consentir, disse que se sentir frustrada sempre que esta dificuldade se apresentava. Hoje, a estudante não sabe se o feminismo a ajudou a expressar-se melhor ou se o afastamento de uma família repressora a fez afirmar-se, “vinha a frustração, porque... mas eu não sei se tem a ver com feminismo, ou a educação parental mais repressiva, mas eu sempre tive isso de querer falar, bater no céu da boca e não sair...”

## Insegurança

As entrevistadas comentaram sobre a insegurança relacionada ao ser mulher. Falaram tanto da segurança física, comprometida pelo alto índice de assédios e abusos, próprios de uma sociedade que compreende o corpo da mulher como domínio público, como da insegurança relacionada a baixa crença em suas próprias potencialidades, inclusive na capacidade de lidar com tratamento diferenciado por ser mulher. Abaixo, destacam-se os trechos:

*Gera uma insegurança terrível... a gente molda toda a nossa realidade, todo o nosso dia a dia... de uma forma implícita, inconsciente... de forma a encontrar o máximo de segurança possível.*

*Porque desde o começo a gente é insegura...*

*Cheguei a duvidar muito da minha capacidade, se eu seria uma boa engenheira civil, se eu teria como enfrentar aquilo.... é....(pausa) Se essa era a minha profissão mesmo. Duvidei bastante se eu ia aguentar esse meio.*

## Medo

Relatando casos de assédio e abuso, as mulheres entrevistadas afirmaram sentir medo. Tal sentimento acaba interferindo na escolha de lugares para frequentar e nas peças de roupa que serão usadas: *medo, de acontecer qualquer coisa escolhi sair com uma roupa mais coberta em determinado lugar que eu ia com medo de ser assediada um pouco tempo depois, uns três meses depois disso, eu tava jantando com meu pai e a namorada dele, a gente foi no restaurante que a voz do garçom era igual... me lembrava muito a voz do garoto... e eu não consegui lidar com aquilo, eu não soube lidar com aquilo, eu comecei a chorar assim... eu comecei a chorar...*

## Receio

Foi mencionado também o sentimento de receio em ocupar espaços públicos e se relacionar com pessoas. Pode-se concluir dos trechos abaixo que este sentimento, de medo e cuidado com a própria segurança e saúde, as impede ou impediu em algum momento de fazer experimentações e comprometimentos, sejam eles nas relações a dois ou da vida profissional.

Uma das entrevistadas diz sentir receio em se relacionar após episódio de assédio, *“Isso foi em 2017, estamos em 2019... desde então eu fiquei quase um ano... que eu demorei... pra conseguir tipo... eu fiquei com nojo de homem... eu não queria que ninguém me encostasse, muito menos me beijasse... isso demorou quase um ano pra tentar tirar isso dentro de mim, pra eu lembrar disso sem chorar...”*. Já outra entrevistada resolveu evitar uma especificidade da carreira profissional escolhida por receio do manejo das relações profissionais com colegas homens, *“isso afetou a decisão da área do meu mestrado. Eu decidi ir pra uma área de gabinete de projeto do que por uma área de obra. Porque, lidar com os peões... se a gente sofre na rua, imagina lá dentro”*.

#### Ressentimento

Uma das entrevistadas contou experiências de tratamento diferenciado entre ela e o irmão. Comentou que gostaria de ter comunicado seu descontentamento com o tratamento desigual, entretanto, guardou para si:

*Eu pensei... o que! Qual é seu problema... mas eu só guardei... tá em mim guardado, remoído. Eu fiquei pensando como pode...*

#### Retração

A partir das análises, observou-se que o sentimento de retração é compartilhado entre algumas entrevistadas. Tal sentimento demonstra certo nível de retração ao se apresentarem ao mundo ou ao contexto público. Por exemplo, ao externalizar opiniões e

sentimentos, seja por receio da própria capacidade ou por receio do contexto em que está inserida:

*“Uma retração muito grande de não falar... não falar o que está pensando. Eu tive muita dificuldade no início da faculdade. Eu ia pra aula, queria falar.... Não sei se é por causa disso”;*

*“tinha a oportunidade de ser orientadora de duas estagiárias lá no meu laboratório e via a forma como elas se comportavam, eram muito mais reservadas, mais delicadas assim... e com muito medo”*

*“Ah eu me sentia muito impotente sabe? Eu tô aqui cercada com uns dez caras e eu não tenho voz sabe. Eu só ia recuando... até que eu parei de falar”.*

*“Deixamos de ser quem poderíamos ser... não somos nós mesmas. Eu acho que a gente se esconde várias vezes atrás de máscaras...”*

#### Ruminação de pensamentos

Outra situação apresentada pelas entrevistadas foi a da constante preocupação e reflexão sobre as próprias ações, sobre como se comportar ou em agradar todas as pessoas, partilhando sempre uma imagem positiva do eu.

*Eu vejo a gente sempre mais preocupada com nossa situação, estamos sempre pensando (sobre) o que estamos passando. Os homens não estão preocupados com isso.*

*a gente tá sempre preocupada, constantemente, que imagem a gente tá passando, como a gente tá se portando...*

#### Tristeza

Tristeza também foi um dos sentimentos citados pelas participantes. MC, 27 anos, disse que sente tristeza ao pensar sua história e perceber que vivenciou e vive conflitos familiares relacionados a percepção da mulher como igual ao homem. Ao mesmo tempo, questiona sua posição feminista, preocupando-se com prepotência e possível inflexibilidade por parte dela para entender a opinião de outro familiar em uma discussão,

*“Eu fico triste... porque justamente o meu cerne familiar, a família com quem eu cresci... são as pessoas que eu mais amo na vida e que eu vejo que, não sei, as vezes eu acho que eu sou.... Eu fico muito prepotente as vezes eu acho, o feminismo é certo e qualquer outra coisa não é... mas eu fico triste”.*

Já D.M, sente tristeza ao perceber que muitas jovens não realizam desejos e sonhos por receio do julgamento social, *“Muita tristeza. Muita tristeza. Porque há muitas raparigas que podiam fazer muita coisa e não fazem com medo do que a sociedade pode pensar o que a pessoa x pode pensar...”*

#### Vergonha e desconforto

Por fim, repetiram-se comentários sobre a vergonha, de forma especial em casos de assédio e abuso sexual. *“Eu tinha muita vergonha, muita vergonha. Tanto que eu não falava isso pra ninguém”*, outra disse *“o que me incomoda é quando você tá na rua, escuta uma coisa que te ofende... eu demorei muito tempo pra responder esse tipo de coisa... até hoje eu fico envergonhada, quero me cobrir... fica com medo, uma pessoa bem maior que você mexendo com você na rua... se responde o que pode acontecer com você”*, então, conclui-se que a vergonha é sentida pelas mulheres mesmo quando são vítimas.

Já no trecho seguinte, *“Num primeiro momento eu fiquei quieta, ri... quando começa com essas piadinhas eu falei não... eu tenho meu direito de responder, não*

*precisa ser sem educação ignorante, nada disso...*” uma das estudantes diz consentir as piadas inconvenientes num primeiro momento, mas após maior desconforto percebe que tem direito de comunicar seu desconforto.

#### *Vulnerabilidade*

Constatou-se após análise das narrativas que as entrevistadas se percebem inseridas em um contexto que as torna mais vulneráveis. Sobre Vulnerabilidade, as entrevistadas disseram ter passado por casos de Assédio e Desqualificação da mulher. Além disso, atribuíram como aspecto da vulnerabilidade a compreensão da mulher como objeto, porque ao não atribuir a compreensão de sujeito as mulheres seus corpos se tornam objetos de domínio do outro, no caso, do homem que assedia.

#### *Assédio*

Às entrevistadas foi perguntado se em algum momento da vida experienciaram episódio de tratamento diferente simplesmente pelo fato de serem mulheres. As estudantes citaram casos de assédio e abuso, conforme trechos abaixo:

*Andar na rua né... o andar na rua é uma coisa assim... andar na rua já difere se você é mulher ou homem eu passei por um negocio em novembro de 2017. Eu tava... eu tinha saído com uma amiga minha e a gente saiu pra um samba, foi beber... e ai e ai ela ficou com um menino... e a gente juntou o grupo de amigos desse menino que ela ficou com o restante. Ai esse grupo de amigos chegou num determinado momento, um casal falou, vamos lá pra casa, a gente continua bebendo e vamos estender esse samba. A gente foi e eu tinha bebido muito já..., e eu sou bem fraca pra bebida. Ai eu sei que cheguei na casa dela e eu dormi... minha amiga disse que tentou me acordar... mas quando o uber chegou ela não conseguiu me acordar... ai a menina da casa disse, deixa ela ai, a gente cuida dela... (pausa) e ai resumindo, o que aconteceu... eu acordei sem saber onde eu tava, tinha um garoto*

*em cima de mim, me beijando, que eu não sabia quem era... porque não era nenhum daquele grupo, eu não tinha chave de casa, eu não tinha dinheiro, meu telefone sem bateria... porque eu ia dormir na casa dessa minha amiga... e aí eu fiquei muito nervosa, enfim... só que, depois quando eu fui contar isso pra umas pessoas, eu contei pros meus pais o que aconteceu e tudo... é*

*(pausa)... eles tinham esse tipo de reação, e eu ficava muito machucada. Eles falavam, mas você não devia ter bebido, você não deveria ter ido com essa roupa... tava sem consentimento... sem nada, as pessoas não entendem que é um tipo de agressão*

*A gente tá sempre escutando coisas que a gente não gosta. Eu desço do ônibus e ando até a porta da minha casa, não dá nem dois minutos de caminhada, mas nesses dois minutos, sei lá... eu passo em duas lojas que todos os dias eu tenho que escutar alguma coisa que me desagrada. Isso influencia no meu dia, porque eu acho chato. Isso influencia se eu vou no shopping e cruzo a rua só pra não passar em frente a uma tasca que tem na esquina da minha casa. E influencia mais que isso, quando eu vou sair com minhas amigas, no jeito que eu me porto, no jeito que eu me visto. Porque eu não quero ter que passar perrengue depois.*

*Eu tava andando, eram umas quatro da tarde e... um sujeito trombou comigo na rua e agarrou nos meus seios. Ele parece que tromba com você e vai encima de você. Só que isso já aconteceu duas vezes....**Aqui?** Aqui em Coimbra, durante o período da tarde. Foi muito frustrante pra mim a situação de ter meu peito agarrado e.... uma delas na primeira, eu cheguei a ir na polícia e eu escutei o policial... me perguntando qual roupa eu estava*

*E além disso ainda ficou, o tempo todo, um dos arquitetos investindo em mim. E ele pegava pra ele todas as responsabilidades sobre mim. Então eu tinha que ficar o tempo todo consultando ele. Ele fez isso não pra me ajudar profissionalmente, mas porque ele tinha interesse. Ele ficava perguntando se eu queria que ele me levasse em casa. Eu falava, não precisa eu moro longe, e ele falava, não, eu sei onde você mora. Ele sabia onde eu morava porque tava na minha ficha quando eu fui contratada. ficava perguntando onde eu ia almoçar... ficava investindo de um jeito... é... ruim. Tem muito homem que pensa assim: Ah, mas é só um flerte, né? E não, é chato. Muito chato.*

*acho que aquela coisa de assim, mais grave que já me aconteceu é uma coisa que acontece com quase todas as mulheres, tá a andar na estrada e homens a fazem comentários, se fosse uma mulher a fazer... nenhuma mulher faz comentários sexuais, assim, random, na rua... é sempre o homem a fazer isso.*

#### Desqualificação da mulher

Outro ponto de vulnerabilidade apontado pelas entrevistadas foi o da desqualificação da imagem feminina. Isto faz com que mulheres não sejam reconhecidas por suas habilidades ou sejam tratadas como indivíduo. Disseram perceber, “*eu acho que como a gente tá sempre numa posição desqualificada, que desqualificam a nossa voz e nossa opinião eu sinto que hoje eu me imponho muito mais, sabe?*”, afirmando também estarem agindo contra essa desqualificação.

As entrevistadas chamam atenção para a dificuldade que encontram ao expressarse na sociedade devido ao pouco reconhecimento de suas habilidades ou validação de sua autoridade. Uma das entrevistadas disse que em grupo com homens deparou-se com

interrupções ao seu discurso, desvalorização de seus conhecimentos e não aceitação de suas ideias, *“mas eu lembro que eu namorava e os amigos do meu namorado eram super machistas... aquele machista meio inconsciente... não aquele explícito. E sempre quando eu falava alguma coisa, ninguém deixava eu falar. Mesmo quando era uma coisa do meu domínio, que eu sabia... me cortavam o tempo todo. E se um cara do meu lado falasse a mesma coisa eles concordavam com o cara. Era assim o tempo inteiro!”*. Acusaram também a desqualificação do discurso por meio do questionamento de sanidade mental e descontrole hormonal afirmando que, *“A gente não consegue falar... não tem voz. E ainda tem a coisa da gente parecer louca sempre... as vezes você está numa discussão, aí o cara pra te desqualificar começa a te chamar de maluca, de louca, tpm... aí vai comer seu chocolate... sabe... esse tipo de coisa, isso acontece com frequência. É muito triste”*.

Nas respostas foi possível encontrar sinais de que as mulheres são percebidas com um repertório de habilidades limitado. Nos trechos abaixo, as entrevistadas falaram do reconhecimento da mulher por suas atribuições físicas e das habilidades matemáticas e profissionais questionadas:

*no jeito de falar vindo do homem, se tivesse eu e outro cara seria de um jeito mais mole, é, elogiar minhas características físicas, é dizer que sou charmosa, que sou bonita, que sou simpática, mas nunca elogiando minhas habilidades intelectuais, nunca, muito difícil.*

*Eu tive uma professora na faculdade, inclusive foi a professora problemática da faculdade, uma vez ela aplicou um exercício que era de se fazer uns gráficos num programa no computador e aí um dos exercícios era de caráter mais teórico. E aí*

*ela chegou e falou “olha, esse grupo de exercícios de caráter teórico eu aplico para as meninas, esse daqui dos gráficos deixa com os meninos, afinal os homens são mais habilidosos com números né, e programas no computador, e enfim”.*

*E a outra situação foi quando eu fiz um estágio de verão aqui em Coimbra também, e eu vi que não era tratada de igual pra igual. Eu era vista como.... Não só uma menina, por ser mais nova, mas assim... minha capacidade questionada... parecia que eu tava ali brincando.*

Outra entrevistada frisou a desqualificação do esforço da mulher para cuidar da casa e dos filhos e ainda assim cumprir com horas de exercício profissional. Disse que ela mesma demorou para reconhecer o esforço das mulheres que participaram de sua formação e se dividiam entre trabalho e cuidados domésticos. É possível elucidar do discurso da entrevistada que o esforço do cuidado não é qualificado da mesma forma que outras tarefas são, *“mesmo que a minha mãe tivesse ali, indo trabalhar, eu tava com minha vó que fazia esse papel desse cuidado e muito atribuído a mulher... então é tipo duas balanças... quando eu era criança eu não via uma pessoa forte, eu via só uma pessoa que saia pra trabalhar, mas hoje eu reconheço... e o da minha vó também... e ninguém valoriza...”*

Para uma das entrevistadas, esta desqualificação gera um bloqueio a exploração de possibilidades em termos profissionais e identitários, *“a partir do momento que essas mulheres não ocupam posições importantes ou não enxergam possibilidades, eu acho que... a gente vai se incapacitando”.*

Mulher não é sujeito

A análise permitiu identificar que as mulheres sofrem o não reconhecimento de sua própria existência. Nos trechos abaixo, as entrevistadas dão exemplos de situações em que elas não foram reconhecidas como pessoa, mas sim como objeto. Identificaram este tratamento principalmente na presença de um namorado ou outro homem, pois, nesta situação passam de sujeito ativo na tomada de decisão e digno de ter direitos respeitados para uma propriedade. Destaca-se:

*eu tava saindo com um menino, a gente tava de mão dada e um cara esbarrou em mim e ao invés de pedir desculpa pra mim ele pediu desculpa pro cara que eu estava de mão dada. As pessoas ainda veem a gente como uma certa propriedade, como um objeto dele. Tanto que a gente ainda fala, a mina dele... é dele, uma propriedade, um objeto que ele tem o poder de usar.*

*Ué, você bateu em mim, foi em mim que machucou, porque você vai pedir desculpa pra ele, eu também sou uma pessoa. Eu acho que é isso sabe.*

*mas teve um caso de um menino, eu era bem amiga dele, mas nunca tive nada alem disso... mas aí, no carnaval, eu tava namorando e tudo que ele falava comigo e com meu namorado ele não falava comigo, ele falava só com meu namorado, fazia piadinhas sobre mim, tudo através dele. Eu não entendi, ele era meu amigo e agora só fala através do meu namorado... tava muito claro que ele tava falando com meu namorado, como se eu fosse propriedade do meu namorado.*

*Na discoteca e vem um homem chatear-te, abusar-te, dizes não não, mas ele acha-se no poder de continuar a chatear... e só para de chatear... isso me irrita... só para de chatear se chegar o seu amigo homem ou o seu namorado. Parece que precisa ter um homem ao pé de ti para ele te respeitar.*

Para as entrevistadas, tratar a mulher como objeto é não reconhecê-la em sua individualidade, é não garantir direitos e bem-estar, aspectos básicos para demonstrar respeito a qualquer ser humano. Destaca-se de uma das entrevistas o trecho, “*A minha única crença é só respeito. O que me incomoda demais não é mais nem essa coisa de trabalho, foram poucas vezes esse tipo de experiência. Eu quero respeito como pessoa*”, nele a entrevistada diz que não é respeitada enquanto pessoa. Diz que as diferenças e brincadeiras já não incomodam tanto, pois em seu trabalho a frequência de ações desrespeitosas é baixa. Contudo, é possível concluir que a entrevistada, ainda assim, exige respeito por entender que os comportamentos que vão de encontro a igualdade são sintomas de uma ausência de compreensão da mulher enquanto pessoa.

#### *Imposições sociais*

Ao longo das análises do terceiro bloco de perguntas as entrevistadas apontaram acordos da própria sociocultura, ou seja, padrões de comportamento, sexualidade, beleza e outros que foram impostos a elas durante o curso de seu desenvolvimento. Estes acordos ou imposições, por não permitirem liberdade de escolha das mulheres, determinaram comportamentos, possibilidades de educação e projeto de vida.

A categoria Imposições Sociais foi resultado de um série de categorias do discurso das estudantes que identificavam exigências feitas a elas, identificadas nas categorias, o julgamento do comportamento de mulheres; Educação dentro dos padrões; família tradicional e machista; Liberdade tolhida; sexualidade determinada; tratamento diferente dos irmãos; mulher necessita de um homem.

#### Julgamento do comportamento de mulheres

Os trechos de entrevistas expostos aqui revelam que existe um padrão de comportamento esperado para mulheres e que o descumprimento deste repertório

acarreta em uma imagem negativa da mulher emissora do comportamento dito “errado”. Em outras palavras, uma das entrevistadas disse, *“Se você sai da caixinha você está socialmente errada”*.

Em suas narrativas, as entrevistadas afirmaram ter sido reguladas por padrões de como se comportar, como vestir e como falar. Ressalta-se que esta regulação tolhe expressões de caráter público para as mulheres, por exemplo, quando escutam “feche as pernas”, “não use esta roupa”, ou quando sua presença em lugares públicos é questionada, *“no comportamento total... no jeito que você tem que se comportar, se vestir, o jeito que vai falar, o jeito que vai comer, o jeito que vai se relacionar. O homem eu sinto que não tem tantas imposições...”*

*“uma coisa mais contida... mulher não fala nada.... Ai... horrível! E minha mãe também... mesmo minha mãe... senta de perna fechada, se comporta, você é menina...”*

*“Sim com certeza, quem nunca se sentiu julgada, quem nunca mudou de roupa por medo de como as pessoas iam falar”*

*“então eu não deveria me comportar de determinadas formas, me vestir de determinadas formas, ou falar de determinados assuntos, porque eu sou mulher...”*

*“a mulher tem que se comportar, de não poder ter relação como os homens tem.*

*se eu quiser sair com um top de alças finas, fico um bocado... vão dizer que eu sou uma puta ou coisas do gênero...”*

*“quando eu saio de casa pra fazer uma coisa que me faz bem, que eu gosto, que é dançar, por exemplo, e tá na balada... e alguém pergunta, cadê sua filha? Como*

*assim você tem uma filha e tá aqui? Então eu acho que isso possa ser um tratamento diferente...*”

*“às vezes até entre mulheres. Eu tenho um grupo de amigas que eu não falo coisas que eu falo com outras, porque eu sei que vou ser julgada, mas na minha cabeça não tem nada demais”.*

Outras entrevistadas lembraram que o julgamento pelo comportamento acontece mesmo quando a mulher sofre assédio e abusos. Abaixo, foram separados relatos de frases escutadas pelas entrevistadas em caso assim:

*“Eu me senti uma muito mal... mas tem vários incómodos na gente, dentro da gente, bloqueadas... não posso fazer tal coisa, sou mulher... vai colocar uma roupa., será que tá muito decotada? Porque né?”*

*“Eles falavam, mas você não devia ter bebido, você não deveria ter ido com essa roupa...”*

*“Não basta eu ter meu peito apertado, a culpa ainda é da roupa que eu tava!”*

## Educação dentro dos padrões

Uma educação voltada para atender as regras normativas, ou seja, daquilo que se é esperado para o ser de facto uma mulher foi discutida pelas entrevistadas. De suas narrativas pode-se estabelecer que este tipo de educação não só molda o comportamento de mulheres como reproduz ideais divergentes da igualdade entre géneros, uma vez que são sustentadas em uma ideologia opressora e patriarcal.

Duas das entrevistadas mencionaram que perceberam algumas imposições sobre o ser mulher na forma como foram educadas, *“morei 18 anos com meus pais, então, eu*

*creci tendo a noção que eu tinha que ser uma mulher muito assim... sempre dentro dos padrões, ou seja, magra, bonita, cheirosa, educada, comportada... depilada... com a sobrancelha feita, com as unhas feitas e que eu tinha que estudar, me formar e procurar um parceiro de vida”; “Por mais que meus pais tentem evitar isso... é... querendo ou não a gente percebe que culturalmente tem na criação diferença, não tem como”.*

Outra, disse que o que lhe foi ensinado pode influenciar na aceitação de um comportamento ou situação que a diminua como pessoa, *“Então vem a pressão da criação que você sempre escutou que homem é assim mesmo”*, neste caso a entrevistada falava sobre a aceitação de que o homem tem determinada natureza que justifica assédio, brincadeiras desrespeitosas e desavenças em relações afetivas.

Como imposição ao desenvolvimento da mulher, a educação dentro de padrões específicos, como mencionado por uma das entrevistadas, influencia autoestima e autodeterminação das mulheres, *“influencia na maneira de enxergar... do que é capaz, do que pode, do que deve... até onde pode ir, até onde não pode...”*.

#### Família tradicional e machista

Na continuidade da lógica da categoria acima, de educação dentro dos padrões, algumas entrevistadas relataram a influência de uma família tradicional, denominada por vezes de machista, ou seja, fazendo prevalecer o homem sobre a mulher. Duas entrevistadas trouxeram a figura do pai como voz de uma cultura machista, uma delas destacando o papel do pai nesta construção, *“A minha família é uma família extremamente machista... meu pai é extremamente machista”*; e outra levantou a hipótese de que um afastamento afetivo da figura do pai pode possibilitar engajamento em relações amorosas igualmente carentes e abusivas no futuro, *“o fato da gente*

*perdoar, o fato da gente as vezes achar que aquele cara com quem a gente tá se relacionando é o único que vai gostar da gente, é o único que vai dar atenção, e que ele ama como nenhuma outra pessoa vai amar a gente, é, e as vezes, assim, eu penso que isso vem um pouco dos nossos pais, homens, porque, a partir do momento em que eles não foram preparados, desde criança, a transparecerem emoções, a serem sensíveis, a serem ali próximos das mulheres, das filhas mulheres, a gente cria uma carência masculina e isso faz com que a gente ponha essa carência nas nossas relações, então, com certeza”.*

M.B, 32 anos, revela ter sido influenciada, na escolha do seu projeto de vida, pela visão que a sua família tem do que deve ser a conduta de uma mulher para alcançar determinados objetivos na vida, tais como o matrimônio. Disse que, *“fui ensinada a pensar... que mulher deve se dar ao respeito pra conseguir um casamento... a minha família é nesse estilo assim... você não pode sair, você vai ficar falada e não vai casar”*, mas que hoje, não compartilha deste projeto com a família, *“Sim... mas hoje, eu já vejo que eu rompi... o que estava determinado. Assim, no ciclo da minha família eu consegui romper. Porque eu venho de uma família extremamente tradicional, é... aquela coisa, se casar é pra sempre e... é... casar... casar... e ter filhos, determinante. E eu já... por enquanto... eu não tenho certeza se é isso que eu quero pra mim...”*

#### **Liberdade Limitada**

As imposições sociais descritas acima perpassam também a liberdade das mulheres entrevistadas, uma vez que suas escolhas de vida estão sendo determinadas em alguma medida por estas imposições. Algumas entrevistadas destacaram que a condição subordinada da mulher na sociedade condiciona e limita aspectos de sua liberdade individual. Disseram:

*“eu também levo em consideração esses papéis que a sociedade me impõe, por exemplo, sair de noite, é... se eu fosse um menino eu ia sair da minha casa a hora que eu quisesse, agora mulher eu ainda meço a roupa que vou vestir, por mais que eu odeie fazer isso, por mais que eu seja contra, é por segurança, por preocupar com o que os outros estão pensando, se eu vou encontrar alguma pessoa no caminho de casa”*

*“você é obrigada a escutar comentários, ver olhares... quase enfartar se um carro anda mais devagar do seu lado é um absurdo... andar na rua, pra mim já é o suficiente... sair de casa já é um baque”.*

*“eu sou do interior de são Paulo... não vou sair na rua a noite, nenhuma hora. Aqui eu ando.”*

*“Porque eu não quero ter que passar perrengue depois. Influencia na conversa que eu tenho, por exemplo, com meu irmão, que eu julgo ser uma pessoa extremamente machista. As vezes eu penso, vou engolir sapo, vou bater de frente? Influencia no carinho que eu conheço na noite, porque eu tenho que ficar policiando se ele vai falar alguma coisa que eu veja que é melhor eu sair fora, se é melhor eu me livrar daquilo.” “O tempo inteiro. Sinal do desconhecido na rua, sinal dos seus amigos, da sua família. É o gabinete do professor que eu não vou sozinha porque eu fico desconfortável. Reprografia que eu não vou sozinha porque vai ter uma investida. São coisas muito banais que a gente não tem liberdade. É assim que ainda me influencia.”*

Por meio destes trechos, as entrevistadas chamam atenção para o fato de que a imagem da mulher na sociedade fere a liberdade delas, no caso de ir para onde

desejam, de conseguirem sair de casa sem medo, e de frequentarem espaços sem precisar conviver com assédio. Com a liberdade tolhida, uma estudante disse, *“a gente não se sente livre, dona de si... pra ir onde quiser”*.

#### Sexualidade determinada

As entrevistadas falaram também sobre como sua sexualidade é determinada pela sociedade, que valorizando a heteronormatividade, ou seja, relações heterossexuais, dificulta a expressão de outras formas de relacionamento. Destacaram que a escolha de possibilidades diferentes para a sexualidade só passou a ser pensada e experimentada após “desconstrução”, ou seja, após ressignificar conceitos pré-determinados ensinados. *“a gente se permite se desconstruir... até no âmbito sexual... foi algo que descobri aqui... minha sexualidade”*

*“Sim.. sim... diretamente porque a gente se enquadra pra ficar no padrão e indiretamente... eu por exemplo, sempre tive uma amiga que era lésbica no ensino médio... e eu só pensava... a ok, mas eu não sou. Mas quando a gente sai desse padrão... dessa coisa pré determinada, a gente começa a ser livre não só com os outros mas com a gente mesmo”*.

#### Tratamento diferente dos irmãos

Ratificando que as diferenças existem e que uma série de coisas é imposta a mulheres, as entrevistadas disseram ter observado tratamento diferente entre elas e seus irmãos homens: *ele ficou muito feliz quando meu irmão nasceu, porque ele finalmente teve o homem dele.*

*eu fui morar com ele 6 meses... e era pra lavar a louça. Meus irmãos foram jogar vídeo game e eu fui ajudar... perguntei porque e ele disse que eles são meninos. Eu pensei... o que! Qual é seu problema... mas eu só guardei...*

*Mesmo os meus pais que tem uma cabeça mais aberta que meus avós, que aí já são outra geração ... mesmo eles tem uma diferença de tratamento pra mim e pro meu irmão, por exemplo... coisas que a ele foi permitido pra mim não é por ser mulher... a justificativa é, você é mulher e ponto. Não é questão de capacidade, responsabilidade.... Não é questão de qualidades ou defeitos, a questão é eu nasci mulher*

*Eu sou a terceira filha de um total de 6 filhos. Somos quatro mulheres e dois homens. E tanto minha mãe quanto meu pai, hoje melhorou, porque hoje minha mãe já percebeu.... Esse probleminha antigo. Por exemplo... meus irmão são mais novos, então assim, as meninas tem que lavar a louça mesmo os meninos também sujando a louca. E eu fico, porque eles não lavam? Porque eles são meninos, meu pai falava.... Mas porquê? Vai cair alguma coisa se isso acontecer? Tanto que lá atrás eu pensava... poxa eu queria ter nascido menino. Porque eu achava que era mais divertido... podia jogar bola, podia jogar sabe.... E mais compromissado com as coisas, enquanto mulher não, tinha que lavar a louça. Então dentro desse formato, eu já vi nitidamente...*

#### Mulher na dependência de um homem

Por fim, as entrevistadas destacaram uma imposição importante em seu projeto de vida. Comentaram, conforme trechos abaixo, terem sido influenciadas a acreditar que só seriam compreendidas como sujeito a partir de uma relação com um homem. A

dependência de um homem, transmite a crença de que a mulher só é completa com o masculino que lhe falta para cumprir seu destino biológico. *seria uma das coisas mais importantes, um homem eu cresci pra ter um marido, alguém pra ser dono.*

*uma amiga, uma das minhas melhores amigas, a roberta, ela viveu muitos anos num relacionamento abusivo e a mãe dela sempre falou pra ela “olha, você nunca mais vai encontrar um homem que te ame tanto igual o fulano”; isso me deixava louca. Porque, enfim, primeiro que é duma presunção absurda.*

*Por exemplo, eu tinha um negócio que eu achava... sei lá vai... 23 anos eu ia já tá casada com filhos... príncipe encantado... e aí... (pausa) só que não (risos). E aí a gente começa a ver, né? Até que ponto aquilo que a gente queria era mais nosso ou era uma coisa mais colocada, no sentido da crença mesmo... porque ah! Quem não casar fica pra titia, aquelas brincadeiras de criança que são péssimas. É... eu tô lembrando da mula sem cabeça, da história, se apaixonar, fica sem cabeça... essas coisas são aterrorizantes. Ah... se a menina, quando criança faz alguma coisa errada, olha, nenhum homem vai te querer!*

#### *Fatores protetores*

Ao serem convidadas a pensar sobre a percepção das diferenças de gênero na sociedade e na própria história de vida, as entrevistadas identificaram também fatores protetores. Dentre os fatores reconhecidos pelas estudantes como colaboradores para seu desenvolvimento, foram apontados: Aculturação; autoconhecimento; educação; desconstrução contínua; família encorajadora; feminismo é igualdade; lutar por si.

#### *Aculturação*

As entrevistadas mencionaram que o contato com outras culturas durante a

adolescência favoreceu, a partir da diversidade, o conhecimento de si e da própria cultura. Já no segundo exemplo, a entrevistada destaca que o contato com outras culturas a fez reconhecer e reafirmar para si valores da sua cultura de origem.

*.... Eu sempre fiz muito trabalho voluntario, desde os treze anos de idade, e isso eu acho que foi uma coisa que me ajudou muito a ver outras realidades, quebra de realidades mesmo... sair da bolha é que te ajuda mesmo... e sair dessa bolha do feminismo... tive oportunidade de viver em vários países, de visitar vários países, desde muito nova, ou seja, fui exposta a muitas culturas diferentes, muito nova e muito rapidamente e acho que isso também deu-me uma perspectiva diferente de como é que eu me comporto com a sociedade ou com uma certa pessoa ou como é que eu própria sou, porque lá está, são cultura diferentes, eu vejo as diferenças, consigo detectar muito rápido na minha cultura não é assim, por que aqui é diferente, eu consigo detectar rápido... percebes? Então desde muito nova...*

#### Autoconhecimento

Como fator protetor ao desenvolvimento as estudantes citaram aspetos do autoconhecimento. Para elas o feminismo possibilita uma compreensão diferente do que desejam para si. Entrevistadas disseram entender melhor quais são as suas necessidades e estratégias para promover autocuidado. Desta forma passaram a não consentir com crenças que suprimem suas vontades em detrimento da opressão, “*Não que hoje eu não queira deixar as pessoas que eu gosto felizes e agradar e tudo... mas a questão que aquilo era uma prioridade que eu colocava acima da minha saúde psicológica, emocional, de corpo, de tudo... e pra mim vinha disso... que a mulher deve, é boazinha, abaixa a cabeça, aceita o não e segue em frente... fica quietinha lai do lado só concordando... ali sorrindo*”.

Este autoconhecimento permite uma melhor escolha dos seus relacionamentos, *“Eu sinto que sempre quando eu vou me relacionar com alguém eu já fico... calma lá... qualquer sinal de machismo, de opressão eu já dou um passo pra trás. Então eu piso muito em ovos hoje em dia... com medo mesmo de acabar entrando em algum lugar opressor sem perceber e não conseguir sair”*.

Assim como, permite que reconhecimento da opressão, pois, uma vez que sabem o que desejam para si, se tornam mais capazes de questionar o que lhe é imposto. Como mencionado por uma das entrevistadas, *“vamos tendo uma perspectiva diferente daquilo, uma coisa que a gente vê agora, eu posso dar uma importância gigante que se calhar a muitos anos atrás eu não ia dar porque não sabia o aspecto total da coisa...”*. Em termos da percepção da opressão, as entrevistadas frisaram que o autoconhecimento permite uma avaliação distanciada da opressão que viveram em suas trajetórias, o que possibilita uma expressão livre de culpa daquilo que reconhecem como significativo a sua identidade.

*“Eu to muito melhor.... Acho que essa distância que a gente cria... deixa eu me construir do jeito que eu sou, quero ser...”*

*“Mas já reconheço... sei quem são eles, quem sou eu, qual parte tá dentro de mim, opiniões diferentes. Mas eu vejo que meu pai hoje me reconhece como pessoa mais forte”*.

*“... a pessoas que eu sou hoje é graças a tudo que já tive, tudo que eu já vivi. Isso inclui todas essas questões que eu sou contra hoje... do jeito que eu fui educada, do jeito que eu fui ensinada a pensar...”*

Foi referenciado como fator protetor a educação, ou seja, o acesso ao conhecimento do movimento feminista e das diferenças de gênero. Para as entrevistadas esse fator contribui para formar uma opinião mais crítica sobre o mundo, possibilitando uma vida com mais escolhas e liberdade para tomada de decisão. Destacaram também a participação em coletivos feministas como parte do processo educativo.

*foi na faculdade que eu entrei em contato com um coletivo feminista, tive contato direto com o movimento e minha cabeça mudou muito. Quando eu percebi que eu não tenho que me encaixar nesse quadrado que a gente falou... que eu não tenho que se comportada, que eu não tenho que me vestir de tal forma... que se eu quiser fazer faculdade mestrado e doutorado e ficar sozinha eu posso... a gente começa a ser muito mais livre com a gente mesmo*

*até chegar nessa reflexão... o conhecimento acadêmico ajuda muito... porque você consegue enxergar, consegue ver... a própria terapia também é outra coisa né... que enfim...*

#### Desconstrução contínua

As entrevistadas chamaram atenção para o processo de mudança do feminismo em ondas, ou seja, a partir de mudanças sociais e políticas ao longo das gerações. Para as entrevistadas apesar de penosa, a desconstrução é necessária, uma vez que trará benefícios a longo prazo.

As entrevistadas demonstraram compreender que as raízes de uma ideologia opressora são profundas e que o caminho para mudança de paradigma requer mudanças cotidianas, “*eu acho que é muito utópico a gente falar que é uma sociedade livre de machismo... e que a gente tá nesse caminho, mas é utópico falar que já está... então eu*

*acho que por mais que eu lute contra eu acabo voltando pra essas coisas. Como eu disse é uma luta cotidiana”.*

Esta luta cotidiana refere-se ao contexto privado. Uma das entrevistadas destacou que o comportamento da mãe, que apesar de usufruir de conquistas do movimento feminista, ainda se comporta de forma a perpetuar a opressão em contexto familiar e privado, *“Pra mim o que causa muito estranhamento é a minha mãe. A minha mãe é uma das mulheres mais incríveis que eu conheço porque assim, ela foi a primeira mulher da família dela a fazer faculdade, é concursada pública, tem a independência dela... o irmão dela mais novo, não teve o sucesso de vida dela... ela passou por separação, passou por um monte de coisa, ser distratada no trabalho, enfim... e ela é tão forte... e fica me botando umas coisas tao machistas encima da mesa, fica jogando umas coisas... de papel da mulher, que ela tem que ser submissa, tem que aceitar e agradar e pronto... e só assim... é muito contraditório. Pra mim não faz sentido uma mulher forte falar desse jeito, de como as mulheres deveriam se portar sabe?”.*

Destacam-se também o trabalho de caráter individual e interno para romper com a sustentação da ideologia dominante. As entrevistadas mencionam nos trechos abaixo a necessidade de uma constante preocupação com a coerência e avaliação do seu comportamento, assim como salientam a necessidade da sororidade, ou seja, do sentimento de união de mulheres, como forma de melhorar a relação com outras pessoas e atuação na construção de uma sociedade que promova igualdade.

*eu vi muito da minha personalidade pessoal, eu vi a mudança em mim acontecendo.*

*Eu tinha pensamento muito machistas, sem querer ter...*

*Antes eu julgava, hoje sou muito orgulhosa de ter melhorado isso. Acho que todas as mulheres ainda são machistas sim, não existe quem não seja. Mas o importante é isso, a gente aos poucos ir desconstruindo. Os pensamentos... as ideias.... Por exemplo, antigamente eu só tinha amigo homem e gostava disso... 'ah! eu me dou melhor com homem'. E hoje eu faço questão de falar, 'não, eu me dou melhor com as mulheres e nada troca minhas amigas!'. E é sororidade entre nós, entre a gente, de se apoiar, de se ajudar, e desconstruir entre nós mesmas.*

*é uma luta interna, que todas as mulheres devem fazer aos bocadinhos, não vale a pena falar só por falar...porque todas nós... e não vale a pena tentar-se fazer de dura, e dizer que ah não, não me importo. É uma coisa que uma pessoa não pode ter medo de reconhecer, eu to a lutar, eu luto comigo própria, a não pensar nisso e não deixar que isso me influencia... e não influencia... não digo que influencia 90% em minha vida, mas ainda é um pensamento que eu tenho, não dou tanta importância mas é uma coisa que tenho lutado... porque estou a pensar nisso, não vai me fazer bem...*

#### Família encorajadora

Em contrapartida a uma família tradicional, algumas entrevistadas disseram experienciar uma família encorajadora, que estimulou a exploração de diferentes situações e conteúdos, diminuindo assim, os impactos no desenvolvimento das mulheres no âmbito das diferenças entre os géneros, “Desde muito nova consegui perceber já estas diferenças, mas lá está, eu quando eu era pequenina tinha skateboard, tinha bolas de futebol, ouvia fita rap, tinha microscópio de ciência, mas tinha as minhas bonequinhas, as minhas casas da barbie e tudo mais. Ou seja, nunca foi negada de

*nada, por que queres um carro se é uma rapariga? Não... se eu me interessava naquilo, eles alimentavam meu interesse, felizmente na minha família não existiu essa diferença”.*

Mesmo apresentando aspetos machistas, uma família que incentiva em alguns âmbitos expressões de caráter público da mulher e diminuem a diferenciação de gênero na educação de seus filhos, colaboram para o desenvolvimento da autonomia e da liberdade de suas filhas mulheres, *“E assim, meu pai sempre foi, meu pai é uma pessoa que eu considero muito machista, mas ao mesmo tempo ele sempre me incentivou a praticar esportes que são dados, construções sociais, de caráter masculino, então, andar de skate, surfar, jogar futebol, meu pai nunca me privou “não, não vai fazer isso porque é coisa de menino” nunca fez. Acho que isso me motivou muito a ser uma pessoa mais autônoma, mais independente, de me arriscar, de me aventurar, e nunca fui censurada pelo meu pai no sentido “não, você não vai fazer isso porque é mulher”. Nunca. Ouvi sempre, eu já ouvi algumas vezes alguns comentários machistas, mas nunca a ponto de me privar de fazer alguma coisa”*

Outras afirmam ser provenientes de uma família com aspetos matriarcais, diminuindo assim conflitos para a construção de si mesmas. Abaixo, listam-se os trechos das entrevistas:

*eu tive muita sorte, porque eu graças a Deus fui criada numa família extremamente feminista. Então minha mãe desde criança... ela sempre me ensinou sobre isso. E meu pai... não vou falar que é um pai feminista, mas é um pai que ajuda em casa igual sabe... divide as tarefas domésticas da mesma forma, trabalha a mesma quantidade que a minha mãe, fora e dentro de casa.*

*na minha família sempre tivemos mulheres assim, falam aquilo que tem pra falar, dizem o que tem a dizer, se não concordam, não concordam... dizem sua opinião... vim de uma família de mulheres muito fortes. Eu tinha exemplo da minha mãe, das minhas tias, a minha vó, nunca as vi submeterem-se aos homens, nunca as vi baixar a cabecinha para o marido, percebes? Se eu não concordo com isso não vou fazer só porque o marido diz que sim, elas lutavam por elas próprias.*

*na minha família a minha mãe tinha uma posição muito forte, de quem era.... ela segurava todas as pontas. Tanto questões financeiras, como enfim... relacionadas a saúde, educação... ela era a chefe da família. Isso me passava a ideia de que ela tinha que ter força pra dar conta de tudo.*

#### Feminismo é igualdade

Como aspeto positivo, as entrevistadas falam que o feminismo é uma das formas de se chegar a igualdade. Por isso, ideais e valores difundidos pelo movimento impulsionam o processo de reconstrução da imagem da mulher na sociedade.

Para elas, o feminismo denuncia algo de errado, “*eu acho que feminismo é pra isso, pra entender que não, eu não tenho que agir dessa forma... se eles não tem que agir... por que querem exigir de mim agir assim?*”, e fornece alternativas para solucionar este erro, “*eu acho que tem isso pra dividir com alguém, é uma forma de alertar, de trazer mais gente pra tipo... pro centro... do cerne do que foi aquilo (opressão) e falar olha, dá pra ser evitado*”.

Acreditam que o feminismo promove liberdade e expressão da mulher no contexto público. Para uma das entrevistadas a identificação com o movimento é feminista é um

caminho para realização pessoal, *“Eu acho que essa trajetória que eu tive, que necessitou que eu fosse muito autônoma e independente, é, primeiro de tudo me fez identificar muito com o movimento feminista, muito. Então eu vejo, quando eu vejo amigas minhas que se sentem privadas de alguma forma a realizarem alguma atividade ou vontade, alguma necessidade pessoal, é, devido às construções sociais, eu me sinto desesperada, porque como eu não acho que sofri isso, quando eu vejo uma mulher sendo privada”*.

Lutar por si

As entrevistadas discorreram sobre a necessidade de expressar seus sentimentos diante da opressão. Entendem que é necessário posicionar-se diante das diferenças de gênero. Por isso, o feminismo se apresenta como ferramenta para lutar por si, uma vez que dá subsídios para que a mulher desenvolva suas habilidades e conquiste espaços de destaque na sociedade.

Entendem que esta luta passa pelo reconhecimento da opressão e pela ressignificação de discursos opressores. Nota-se o embate das entrevistadas para mudança de linguagem nos trechos,

*“hoje eu sou muito mais atrevida, como meus pais falariam, porque hoje eu sou muito a ovelha negra da minha família, sou sempre a que discorda de todo mundo, em opiniões políticas, sociais, em tudo....”*

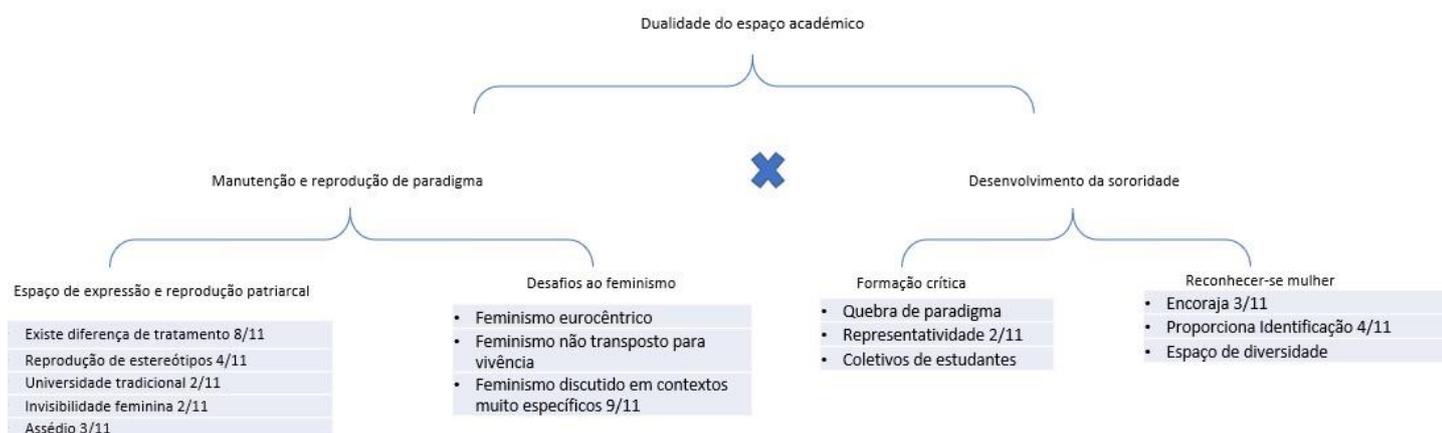
*“não que eu já estou lá... mas assim... esse despreendimento dessas crenças... o destapar do olho, faz a diferença. Aquela fala do tipo, olha, não vai existir um homem que vai te querer desse jeito... eu já falo, olha, eu não sei se vou querer também. Não é só o homem que decide ou não, é se eu quero também”*.

Assim como, no trecho em que MB, 32 anos, questiona os contos de fadas que fazem parte da construção do imaginário coletivo e diz priorizar histórias que mostrem as mulheres em roupagens diferentes, com caráter ativo, *“Eu penso muito, por exemplo, se tiver filhos... se tiver meninas... pensar o quanto os contos de fada são prejudiciais a saúde. Se for filha minha vai assistir só Mulan, como princesa que tem que ir atrás, lutar.*

*Jamais deixar esse pensamento que o príncipe vai te acordar... primeiro como eu vi em algum lugar que eu não lembro onde, não fui eu que escrevi isso.. por exemplo, quando o príncipe beija a bela adormecida... a questão que coloca é... será que ele podia beijar? Porque ela estava dormindo, então tem várias questões ali pra pensar e refletir... então acho que hoje eu fico mais nesse lugar de observar e atenta pra não replicar”.*

Por fim, uma das entrevistadas diz que o feminismo motiva a busca por igualdade, mas, ressalta que as lutas são diferentes. Propõe a reflexão de que algumas mulheres vivenciam situações menos privilegiadas diante do contexto patriarcal, *“Mas me encoraja, eu me sinto, eu não sinto que, que eu tenho que, mas lógico, eu sou branca, tenho uma posição econômica bem favorecida, e tudo isso, lógico, vai diferentes de outras realidades”.*

Diagrama 4  
Diferenças no contexto universitário



O quarto diagrama, Expressões do feminismo e das Diferenças de género no contexto universitário, trata das respostas ao quarto bloco de perguntas. Neste bloco as entrevistadas foram convidadas a falar sobre quais as diferenças de tratamento entre os géneros que observam neste contexto, sobre o que é feito ou o que poderia ser feito neste espaço para promover mudanças direcionadas a igualdade e sobre a expressão do feminismo neste sítio de formação académica e pessoal.

As subcategorias que emergiram do discurso deram origem a quatro categorias distintas, 1) Espaço de expressão e reprodução patriarcal; 2) Desafios ao Feminismo; 3) Formação Crítica; e 4) Reconhecer-se mulher. Essas categorias, por sua vez, ao serem analisadas demonstraram duas vertentes para entender as expressões do feminismo e das diferenças de género no contexto universitário.

Duas categorias, Espaço de expressão e reprodução patriarcal e Desafios ao feminismo apresentaram ideias comuns, dando origem a categoria Manutenção e

reprodução de paradigma. Já as outras duas, Formação crítica e Reconhecer-se mulher deram origem a categoria Desenvolvimento da Sororidade. Estas ideias refletem duas facetas do contexto universitário, sintetizadas na categoria final Dualidade do Espaço acadêmico. Fundamenta-se esta teoria a partir das análises das categorias abaixo.

#### *Espaço de expressão e reprodução patriarcal*

As entrevistadas identificaram que o contexto universitário é um espaço em que a reprodução de desigualdades também acontece. Esta categoria, portanto, foi formada a partir do discurso das estudantes sobre as diferenças de tratamento existentes; reprodução de estereótipos; caráter tradicional da universidade e sobre a universidade como espaço alheio ao desenvolvimento pessoal, ou seja, que não se preocupa com o desenvolvimento a nível pessoal de suas estudantes.

#### Existe diferença de tratamento

No decorrer das narrativas, foi relatado que existem diferenças de tratamento entre homens e mulheres no contexto universitário. A utilização de expressões como, “*Ah, com certeza!*”, confirmam a percepção que existem destas diferenças. Ademais, as alunas deram exemplos de diferenças de tratamento por questões relacionadas ao vestuário,

*“percebo também em relação a postura em sala de aula. De novo a gente volta pro comportamento exigido por nós mulheres. Por exemplo, eu tenho um professor que todo mundo me avisou antes de ir pra aula dele que eu teria que ir vestida de uma maneira que não fosse provocante, que não ferisse os bons costumes. Eu não poderia ir de regata e de shorts. Nem se tivesse 40 graus eu poderia ir assim. Eu percebo que quando*

*uma mulher vai assim, ele olha torto. Ele para o que tá fazendo, ele olha, olha torto. - E os homens vão como? - Bermuda, as vezes chinelo e não tem problema.”*

Outras disseram sobre a diferença de tratamento no que tange a capacidade de mulher em atingir expertise em alguns assuntos. A produção das mulheres é questionada, *“Aqui eu vejo as pessoas diminuírem as outras porque, por exemplo, eu estava numa aula agora de influenciadores digitais... o cara disse, então quer dizer que essa qualquer tem voz pra falar com não sei quantas mil pessoas, que absurdo. Mas tinha um influencer homem também e ele não comentou nada”*. E ao mesmo tempo precisam afirmar com ações sua capacidade, *“Teve uma que o professor fez recentemente... ele diminuiu minha amiga só porque era mulher. Foi assim, chegou no grupo dela, que foi o ultimo e ela foi muito bem... e ela sempre fala bem, se expõe bem, de forma didática, clara e direta... ela foi tao bem, que o professor, é um professor português, ele disse... olha parabéns, Caroline, você subiu no meu conceito, porque você estava aqui e agora você veio pra cá... e ele foi claramente machista, porque mesmo ao longo das aulas dele, ele dava umas... ele falava umas frases sobre mulher... diminuindo... e isso foi no final da aula... que ele falou isso só pra ela. Ela antes tava lá em baixo... de onde saem as mulheres... é de o que você pode esperar de uma mulher brasileira...”*

Outra aluna não lembrou de algum episódio específico em que pode observar desigualdade nas relações no contexto universitário, entretanto, disse que, *“Acho que sofre. Diretamente eu não consigo me lembrar... tem uma frase que diz “toda mulher já sofreu machismo, se ela não sofreu é porque é distraída demais pra perceber” talvez seja esse o caso. Na universidade não lembro de nada que eu tenha sentido por ser mulher, especificamente... não consigo pensar...”*, pode-se elucidar desta afirmação que

as diferenças de tratamento existem, entretanto, não podem ser percebidas a todo momento, justamente pela aceitação e normalidade destas diferenças.

Apesar de reconhecerem diferenças de tratamento, uma das entrevistadas disse não conviver com elas, pois o grupo com quem escolheu manter relações não diferencia gênero e está disposto a ressignificar paradigmas, *“Ah! Acho que assim, eu sou sortuda que 90% dos casos eu não passo por nenhum problema, não passo. Acho que (pausa)... os brasileiros que estão aqui, que são as pessoas que eu já convivo mais, tão mudando a própria cabeça, eu vejo meus amigos. Acho que a sociedade portuguesa jovem, é..., já entende melhor a... a igualdade da mulher nesse meio profissional e acadêmico”*. Além disso, ressalta que colegas portuguesas também passam pelo mesmo processo de construção de novos significados.

Ainda sobre a presença das diferenças, uma das entrevistadas acrescenta relato de quando lecionava em seu país de origem. Neste relato é possível identificar uma forma de lidar com essas diferenças. A entrevistada sugere dar mais detalhes sobre o porquê de não emitir algum comportamento e assim não perpetuar crenças que favoreçam a desigualdade, *“Sim sim, infelizmente né. Educação a gente tem em casa e em escola... e na escola a gente vê muito isso., eu era professora no brasil. Eu tentava sempre ficar alerta pra não ficar reproduzindo esse tipo de coisa... tipo a criança falar, não vou bater porque é menina... não... não vai bater porque ela é uma pessoa. Não é porque é menino que você vai bater e empurrar... aí não sei, eu vejo muito isso na forma, por exemplo, como a gente exalta alguns traços masculinos e exalta alguns traços femininos, só que de uma forma ruim, porque entendeu? Tem traços que são femininos, existem traços que são masculinos, tem homem que é muito feminino, tem mulher masculina...”*

## Reprodução de estereótipos

A presença e o reforço de estereótipos de uma natureza feminina também foi identificado no contexto universitário pelas entrevistadas. A partir de alguns relatos das universitárias pode-se constatar que existem estereótipos relacionados a imagem que uma mulher deve ter para ser considerada inteligente.

*as mulheres que estudam engenharia, tem também um estereótipo muito vinculados nelas. Era coisa que dizia sempre que as mulheres da engenharia tinham todas barbas ou pareciam lésbicas, não eram mulheres a sério...*

*Só porque eu gosto de mecânica e não sei o que quer dizer que não tenho uma barbie e tudo mais, E quando aparecia uma rapariga mais arranjadinha, que via-se que perdeu tempo ao se cuidar...já é. Ó meu Deus, aquela mulher faz parte da eletro, como assim, os homens já devem estar encima dela e não sei o que... é ridículo*

Estereótipos como este explicitam que existe uma imagem a ser cumprida para mulheres para determinar sua sexualidade, saúde e inteligência. Outra entrevistada exemplifica como estes estereótipos determinam o que pode ou não ser esperado de uma mulher. A aluna relatou episódio em que o caráter essencialista da professora ficou evidente, ao afirmar que mulheres não são boas em matemática, “*Muito. Eu tive uma professora na faculdade, inclusive foi a professora problemática da faculdade, uma vez ela aplicou um exercício que era de se fazer uns gráficos num programa no computador e aí um dos exercícios era de caráter mais teórico. E aí ela chegou e falou “olha, esse grupo de exercícios de caráter teórico eu aplico para as meninas, esse daqui dos*

*gráficos deixa com os meninos, afinal os homens são mais habilidosos com números né, e programas no computador, e enfim”.*

Alertaram também para o facto de um outro estereótipo remeter para a ideia de que a relação entre homem e mulher implica interesse sexual de uma das partes, “*As vezes a gente escuta uns comentários mesmo de colegas, embora da nossa profissão que espera profissionais com a cabeça mais aberta e tudo mais... mas assim... que a mulher ainda fica talvez nesse lugar... não sei... por exemplo, se você conversa com alguém e fala de uma maneira normal, mas se você sorri, isso já pode ser interpretado como uma sedução.*” E que, comportamentos ditos como femininos não são bemvindos quando emitidos por homens, ao passo que, o comportamento supostamente masculino emitido pela mulher, independente das circunstâncias, também é visto de forma negativa, “*um homem com traços femininos já é oprimido, não pode ser delicado, não pode chorar. A mulher também não pode ser responentona, não pode falar alto... porque são traços masculinos pra ela?*”.

#### Universidade tradicional

Chamam atenção para o caráter tradicional da universidade. Uma das entrevistadas sugeriu que a universidade assume postura conservadora, seja na metodologia ou no paradigma que reproduz. Ao falar sobre o impacto do feminismo no contexto universitário, a estudante afirma que este tema não é trazido para discussão e reflexão, uma vez que o feminismo implica reflexão sobre um paradigma conservador, “*é algo que não é falado, não é discutido, não tem nada. A faculdade ainda é muito conservadora...*”

Devido a este caráter da universidade e da baixa inserção da ideologia feminista neste contexto, M.F, 30 anos, afirma que o seu desenvolvimento acerca de questões que a

incomodavam, como as diferenças de género, não foram influenciados pelo contexto universitário. Para ela, seu desenvolvimento como mulher foi paralelo ao curso na universidade, *“eu acho que não... acho que foi paralelo a universidade. Meu curso não promoveu isso”*.

Invisibilidade feminina

Dois aspetos relacionados a uma invisibilidade da mulher no contexto universitário foram citados. O primeiro deles diz respeito a invisibilidade no que tange a representatividades em cargos profissionais dentro da academia e na produção científica de destaque, *“Não, não vejo nada... eu acho até engraçado e curioso que aqui em Portugal, quando eu fui pesquisar mestrados e doutorados, quando eu fui olhar a grade (cadeiras) de docência, em lisboa e aqui, a maioria eram homens e isso me chocou um pouco. Eu passei em lisboa e a grade era só de homens. Acho que tinha uma professora mulher, nossa! um curso de relações internacionais, em que o feminismo é uma pauta tão importante para o curso, como é que não tem professora mulher. E aqui eu sinto a mesma coisa, eu tive aula só com uma professora mulher, todos os outros homens. E eu não vejo a faculdade fazer nada para mudar isso”*.

Outra entrevistada menciona o isolamento da mulher mãe dentro do contexto universitário. Para ela, algo poderia ser pensado para acolher as necessidades desta mulher que busca especialização e conhecimento, *“As mulheres também precisam se unir...em prol do acolhimento, por exemplo oferecer suporte para aquelas que tem filho, que encontram uma dificuldade para se integrar na vida acadêmica... eu não vejo nada que acontece nesse sentido”*.

Assédio

As entrevistadas afirmaram que o contexto universitário é marcado por casos de assédio, o que faz dele, igualmente, um reprodutor de situações de violência contra a mulher. As alunas relatam casos de assédio nos diversos núcleos da universidade.

Dão exemplo de situações em que tiveram seus corpos expostos de forma sexualizada em sala de aula , *“eu tive um professor no meu primeiro ano da faculdade que via-se claramente que ele dava um papel preferencial a mulheres mas no sentido de objetifica-la como um ser sexual. Esse era um dos momentos que eu pensava a roupa que ia vestir antes de ir para aula. Se usasse decote ele ficava a te olhar para o peito. Fazia certos comentários... ele me disse pra resolver um exercício ao quadro. Disse, vais lá princesinha, resolver o problema, és muito bonita de trás... comentários nada a ver... falando do rabo. Absurdo. E isso é uma coisa que acontece muito.”*

E apresentam dificuldades para resolver questões rotineiras da vida acadêmica, pois se deparam com a sexualização de suas relações com professores e colaboradores homens da universidade,

*principalmente de professores homens, né? Já aconteceu várias vezes na faculdade que eu fazia no brasil... de ter que ir no gabinete do professor e discutir... e ai o professor já dá aquela olhada, já dá aquela conversadinha... e o bar? A turma vai? Te encontro lá. Outro tipo de tratamento. As vezes falar sobre a nota... ah professor não entendi porque me deu esse nota... ai o professor dá uma abertura pra você dar em cima dele... ai se vc der em cima ele aumenta a sua nota. Eu sinto isso muito com professor homem.*

*evito por exemplo, ir a gabinetes de professores sozinha. Não são todos, só alguns, mas evito. Ou se eu tiver com uma blusa um pouquinho mais decotada eu deixo pra ir outro dia. E a situação da reprografia, eu passei anos sem ir sozinha, sem meus*

*amigos. Porque a investida passou a vir pessoalmente, passou a vir por rede social, de um jeito que eu ficava muito desconfortável. Então, toda vez que eu ia na reprografia eu pedia pra um dos meus amigos, "ou, vamos comigo?"... Demorou uns três anos até eu conseguir me impor um pouco mais.*

Ademais, reforçam que o assédio não se caracteriza apenas por situações físicas. Destacam que de forma discreta está presente nas relações do cotidiano,

*É um assédio despistado. É o mais difícil de vencer. As pessoas diminuem seu discurso. E um assédio físico, igual esse da rua, as pessoas julgam mais ele, mas sabem que foi um assédio. A investida fica vista como um... ah, é só... (pausa)*

***Cortejando?***

*É... e não é assim, é chato.*

### *Desafios ao Feminismo*

Observando o contexto universitário como reprodutor do paradigma patriarcal, as mulheres, muitas vezes citaram o feminismo como auxiliar ao rompimento desse processo. Assim, as estudantes trouxeram para reflexão pontos de impedimento da atuação do feminismo como transformador também do contexto universitário e da consequente busca pela igualdade de tratamento.

### Feminismo eurocêntrico

Uma das críticas ao feminismo proposto na universidade é o feminismo compreendido numa perspectiva eurocêntrica, ou seja, que se distancia de outras realidades e identidades culturais de mulheres provenientes de outras etnias ou classes sociais, valorizando apenas a realidade da maioria das mulheres europeias, brancas que vivem em um contexto diferente de países marcados pela colonização. Para as

entrevistadas, o feminismo discutido na universidade compreende apenas a mulher branca e de classe média.

*Eu sempre estudei feminismo no Brasil e eu vim pra cá e continuei a estudar feminismo eu senti uma diferença muito grande. O feminismo aqui é muito eurocêntrico. É muito da mulher branca, rica, europeia. É um feminismo muito privilegiado.*

*é um feminismo muito elitizado.*

*Então uma vez eu tive um seminário com uma professora africana, e ela era de Angola... e ela, a primeira coisa que ela falou era: eu acho engraçado essas pessoas, vocês vem... vocês brancos europeus principalmente, vem fazer ação humanitária na África e vem tentar aplicar o feminismo de vocês, mas vocês não conseguem compreender a nossa realidade, então assim, antes de qualquer coisa, é muito importante vocês tentar nos empoderar, mas tenta compreender a nossa realidade, porque o potencial feminista pra vocês é completamente diferente do nosso potencial.*

Feminismo não transposto para vivência

Uma das questões problemáticas para as mulheres entrevistadas é a questão do feminismo não transposto para a realidade. Para as estudantes, o feminismo é discutido em certo nível, teórico, é reconhecido, entretanto não é aplicado em situações do dia a dia e das relações estabelecidas na universidade. Desta forma, constata-se que o contexto universitário é ainda reprodutor de uma lógica hegemônica em suas relações *É discutido num nível teórico...*

*É, que não é generalizado pra outras situações, pro dia a dia...*

É... é um nível muito abstrato, muito cientificista mesmo que não sai dali, não sai da sala de aula.

#### Feminismo discutido em contextos muito específicos

Para as entrevistadas o espaço para discussão sobre o feminismo e sobre as diferenças vividas pelas mulheres na universidade é percebido apenas em contextos específicos. Por exemplo, quando proposto por algum estudante matriculado na cadeira, *“O feminismo não tem expressão nenhuma... pelo menos para mim... na licenciatura não tivemos nada, não que estivesse presente... e nenhuma discussão também, que seria muito interessante. A única coisa que a gente teve foi em modelos de desenvolvimento, que era uma cadeira do mestrado integrado em educação e cada grupo escolheu um modelo pra apresentar e um grupo escolheu o modelo feminista que não fala da rebelião feminista...”*; ou quando uma professora ou professor apresentava interesse no tema, *“Na graduação em si eu não lembro de falarem tanto sobre isso... mas tive exemplo de professoras muito boas... no ultimo período eu tive uma professora que trouxe bastante essa pauta. A gente já era mais velho, entendia melhor... de caloirá não lembro. Aqui na universidade de Coimbra eu tenho uma professora que se dizia muito feminista... trazia pra sala, mas em compensação ela falava algumas coisas... que eu ficava assustada... mas ela trazia né... discussão sobre a lei maria da penha que foi legal... enfim, foi legal... os outros não”*.

MSF, 25 anos, enfatiza que tema não é bem aceito quando trazido para discussão em sala de aula, *“Eu acho que seria interessante é... se isso aparecesse antes na vida das meninas sabe? Porque é uma coisa que demora... a gente meio que vai aprendendo*

*por fora, por rede social... e dai as alunas que trazem pra sala. Aqui até que a professora trouxe várias vezes... mas o tema aparecia quando alguma menina puxava... e nunca dos professores homens que também eram a maioria. E poucas falando, porque principalmente na graduação, quem fala disso é a insuportável né? Eram poucas que queriam... que pegavam a carapuça e diziam, sou mesmo, tá incomodado, beleza, você vai ter que ouvir”, Além disso chama atenção para a necessidade de se abordar este tema em sala de aula, a fim de utilizá-lo como recurso para o desenvolvimento de mulheres.*

Dando continuidade aos exemplos, foram citadas parcerias da universidade com, por exemplo, associações da comunidade acadêmica, grupos de estudantes, grupos de pesquisa, etc.

*Fora do ambiente da faculdade de psicologia... (pausa)... sim, vejo, agora vejo mais, mas... (pausa)... tem, existe... mas não chega. Vai quem tem interesse, quem já sabe... eu descobri mais no dia da mulher que eu fui... vi que tem várias rodas de conversas... nas repúblicas... mas você tem que estar atenta... tem que se informar e vou. Ontem fui numa conversa sobre feminismo também... mas tinham só umas 20 pessoas... pro tanto de gente na cidade...*

*Olha, não sei se é sensibilidade da UC, acho que não. Mas eu vejo hoje em dia ter mais palestras sobre isso. Tinha o grupo FEMIN que tinha local dentro do departamento de arquitetura, que a gente participava, e foi muito interessante. Sei que tem palestras, por exemplo agora, vai ter sobre violência no namoro na FEUC. Eu acho isso incrível! Tem repúblicas que eu já vi dando palestras e conversas. Acho que tá crescendo e é isso que importa. A gente tá andando.*

*Olha, eu não vejo muita coisa sendo feita não... eu já vi uma palestra, mas era tipo, do assédio a mulheres brasileiras... mas só... foi uma vez, desde que cheguei. Nunca participei de nada que envolvesse essa temática. Isso talvez tenha sido abordado em uma aula ou outra... nunca fui em nada... mas vejo anúncios de palestras, discussões sobre a temática. Vejo sempre. Mas não percebi essas questões em sala de aula não.*

É importante destacar que as entrevistadas fazem distinção entre o que é oferecido na comunidade acadêmica e o que o é discutido em sala de aula. Surge daí uma necessidade de engajamento pessoal em rodas de conversa, palestras e workshops para discutir o tema do feminismo, uma vez que são oferecidos fora do currículo escolar. Entretanto, algumas entrevistadas lembraram que a temática do feminismo e o consequente espaço para reflexão sobre como a sociedade promove diferenças são observados como parte de alguns cursos no contexto universitário:

*Olha, que fiz a graduação em economia, tô fazendo uma pós graduação em direitos humanos, né? Então o feminismo foi abordado em alguns momentos... o que me trouxe muito ganho, foi principalmente, a análise do feminismo em diferentes contextos sociais, culturais, econômicos...*

*é abordado! mas assim... é meu caso específico, que faço um curso, que não tem como não abordar o tema. Mas eu acho que em outro não seria abordado. Em economia nunca foi abordado. E ainda tive essa situação dessa professora super machista.*

*ah! eu me interessei muito! Vejo sendo oferecido pelo centro de estudos sociais, pelos CES, vejo mais pelas faculdades que são de humanas, específicas.*

Já outras entrevistadas, disseram nunca ter tido contato com o tema durante a universidade, especialmente em faculdades de cursos das ciências exatas,

*Não, não... eu acho que... não... na verdade nunca foi discutido.*

*Aqui no polo 2 não, nunca vi nada. Também nunca vi uma palestra aqui voltada para alguma coisa sem ser de engenharia civil.*

Houve ainda, as que reconhecem o tema do feminismo após mudanças na própria vida, quando foram expostas a outras situações que as fizeram perceber a desigualdade entre os gêneros,

*Acho que não. Não sei se é porque eu na altura não ligava tando... porque eu fiquei mais apaixonada por esse assunto um bocadinho mais tarde na vida. Foi quando fiquei sozinha que percebi o que se passava de verdade, de verdade. Mas acho que não, nunca falava de temas desses com meus amigos*

*Não me recordo, de por exemplo, a minha mãe ter falado sobre feminismo.... Embora na adolescência eu visse que existia essas questões na vida dela profissional, de ter sempre homens querendo boicotar o que ela queria fazer, ou o que ela conquistava. Ela sempre trazia essa dificuldade. Como a instituição que ela trabalhava era uma universidade... enfim.. autoritária.. em que a maior parte do corpo docente era feito por homens basicamente... entanto... ela encontrava sempre essas questões... mas nunca foi discutido, com esse termo, de feminismo... isso é uma coisa mais presente... talvez na minha vida adulta mesmo*

#### *Formação crítica*

Apesar dos pontos de atenção acima sobre o papel da universidade como promotor da igualdade, seja em termos da produção científica como na realidade cotidiana da

comunidade acadêmica, as entrevistadas reconheceram que o contexto universitário vem cumprindo em certos âmbitos seu papel neste processo. As entrevistadas legitimaram o contexto universitário como espaço de formação crítica sobre a realidade, neste caso sobre a de ser mulher. Discorram sobre o assunto ao falar sobre a mudança de paradigma possibilitada pelo contexto universitário, sobre a representatividade da mulher neste contexto e sobre ações que visam a igualdade, como os coletivos feministas.

#### Quebra de paradigma

O contexto universitário foi reconhecido pelas entrevistadas como espaço de construção de novos paradigmas. Elas reconheceram que viver o ambiente acadêmico permitiu a elas tomar conhecimento da opressão e construir outra percepção sobre quem elas são enquanto mulheres e qual o espaço ocupado pelas mulheres na sociedade. Sobre a temática, uma das estudantes disse que a discussão sobre o tema em sala de aula é interessante, mas afirmou também que promover debate de ideias é o foco da universidade, *“professor deixar aberto pra esse tipo de troca é bem legal... mas ele não faz mais que a obrigação né... pq a faculdade pra mim é um lugar de falar debate”*. Desta afirmação surge a hipótese de que o potencial transformador da universidade é reconhecido, entretanto há mais a se fazer.

Outras duas estudantes disseram que este espaço da universidade serviu para compreender melhor a dinâmica das relações na sociocultura, *“porque de certa forma eu acabo estudando um pouco... não o feminismo em si, mas sobre papéis de homens e mulheres.... é... eu passei a compreender melhor. Mas nesse momento que eu tô vivendo agora, da pós graduação”, “no meio acadêmico também, porque foi nesse meio que o consegui ver muita coisa. Sempre é valido, acho importante fazerem filmes.*

*Recentemente eu vi as sufragistas... Quando minha mãe assistiu ela disse, "nossa, é mesmo... quando eu casei com seu pai, — minha mãe é nova, tem quarenta e poucos anos —, eu tinha que pedir permissão para fazer isso ou aquilo" ... coisas bobas... que eram normais...".* Um quarta estudante, apesar de achar que a universidade não precisa fazer mais coisas para promover a igualdade, afirma também que este é um espaço de conscientização e desconstrução de um paradigma oposto ao feminismo, inclusive, sendo estas resinificações completas e transpostas para a vivencia acadêmica, *"No geral eu acho também, é o contexto que a gente tá inserido, as mulheres tem um grande acesso a universidade, então não é necessário que se faça ainda mais. Mas, acho que seria importante fazer mais ações de conscientização sobre o feminismo, de tentar desconstruir um pouco, é... essas opiniões, essas coisas que acabam um pouco.... tipo a professora... mas eu acho que se você vai pra faculdades mais liberais nesse sentido, você vai ter menos problemas".*

#### Representatividade

As participantes apontaram a representatividade como um dos aspetos do contexto universitário. Para elas a representatividade de mulheres neste contexto possibilita a reflexão de novas formas de se pensar o mundo, além de promover identificação e motivação para que outras mulheres tenham mais opções para desenhar seus projetos de vida. Nos trechos abaixo pode-se verificar a confirmação da representatividade

*Minha sala tinham muitas mulheres... a gente sempre se posicionou*

*Eu estava escrevendo minha tese e descobri que o autor principal era mulher e pensei, caramba, é mulher! A autora!*

*gosto muito de ter aula com elas, eu me sinto representada. Eu vejo que tem lugar pra mim no futuro nessa área.*

*quis escolher minha tese com uma delas.*

*Quando é o ciclo básico que vinham professoras por exemplo, do departamento de matemática, não tinham o mesmo respeito, mas não acredito que seja por ser mulher. Agora, essas que são do ciclo de engenharia civil mesmo, são muito respeitadas, muito admiradas. São entidades aqui do departamento. E são mulheres novas, que vem de vestido, salto alto, ou calça jeans e tênis e são muito respeitadas.*

*confesso que assim, eu fico muito admirada que eu tenho muitas professoras e que são muito boas naquilo que fazem. Muito reconhecidas em Portugal com seu trabalho.*

Uma das estudantes disse ainda que apesar da discussão sobre igualdade entre gêneros não prevalecer, o curso que frequenta, Psicologia, é composto em sua maioria por mulheres. Este indicador revela que as mulheres estão alcançando novas possibilidades de vida e que existe neste contexto um potencial de transformação de paradigma, “*Não, não... eu acho que... não... na verdade nunca foi discutido. Mas assim, em termos de representatividade, o curso é predominantemente feminino*”. E continua, afirmando que com o passar do tempo mais mulheres ocuparão cargos de destaque, “*O legal que eu acho é que hoje o meio acadêmico está sendo invadido pelas mulheres... elas estão dominando. Psicologia nem se fala né... Mas acho que isso está muito presente na medicina, que até um tempo era muito masculino. Talvez daqui uns 15... 20 anos... vamos chegar num hospital e as chefes vão ser mulheres. Vamos dominar (risos)... mas não não... o homem é importante, mas é pra dizer assim... aquela coisa, que diziam... porque os homens que faziam... mas na verdade as mulheres não tinham oportunidade de chegar lá. Mas hoje estamos chegando...*”.

Coletivo de estudantes

Os coletivos de estudantes foram mencionados como alternativa de espaço para reflexão acerca das diferenças entre gêneros e sobretudo promoção de acolhimento entre o grupo de alunas. Uma das entrevistadas contou sobre sua experiência em um destes coletivos, *“A gente tinha duas vezes por semana uma reunião dentro do departamento de arquitetura. Tinham às vezes temas, às vezes era aberto pra conversar. Às vezes contávamos experiências pessoais, às vezes a gente pensava em trazer alguém de fora pra conversar com a gente. Já fizemos mesas redondas com professoras. A mesa redonda era até, ‘mulheres no meio acadêmico’, foi muito legal e interessante. A universidade entrava com o espaço, cedia o espaço e essas coisas físicas.”* Outra disse sobre o mesmo coletivo, *“Mas na UC, esse coletivo que eu fui, primeiro era só um coletivo feminista, depois virou um coletivo do darc, o femin. Era um espaço muito gostoso, foi uma iniciativa de mulheres, alunas da arquitetura, era muito bom... a gente se reunia toda quinta. Trazia nossos casos, nossas angústias, todos os absurdos que a gente sentia, passava e sofria. Fazíamos roda de conversas, com homens também. A gente teve uma vez uma roda de conversa com uma brasileira que contou da sua experiência de vida, assistíamos filmes... era super legal. Mas acabou, não foi tomado como prioridade. Muita gente deixou de ir... foi muito bom, porque foi iniciativa dos alunos, mas a gente tinha muitas barreiras, não queriam liberar sala... não viam sentido num coletivo feminista formado por alunas, não davam a importância que deveria ter”*. As alunas deixam transparecer a importância do coletivo para elas. Destaca-se o efeito acolhedor do espaço, que se tornou uma possibilidade de partilhas e aprendizados, organizado a partir da iniciativa das estudantes. Ambas alunas confirmam a importância da universidade neste processo, inclusive por questões logísticas. Apesar disso, iniciativas de estudantes ou de projetos a par do currículo escolar, pelo discurso

de uma das entrevistadas, tem pouco apoio da universidade, dificultando também engajamento pessoal dos membros.

FA, 27 anos, falou, também, sobre sua experiência em coletivos, “*Minha sala tinham muitas mulheres... a gente sempre se posicionou, tinham muitos coletivos, diretório acadêmico... a gente organizava sempre, palestras, eventos. Foi um open minded muito rápido, só aconteceu, foi um plim. Eu sou mulher, tenho que me posicionar no mundo!*”, a partir disto, quando a entrevistada diz que os coletivos feministas possibilitam uma mente mais aberta, pode-se concluir que estes espaços favorecem tomada de consciência de si e do mundo. Outras duas entrevistadas frisaram que o contexto universitário possibilitou a elas contato com grupos de mulheres e reforçaram a importância destas iniciativas:

*Contribui pra eu achar grupos estudantis pra discutir isso. Se tem uma coisa que é importante é isso... as mulheres se reunirem e fazerem coisas. Eu dou muito valor pra quem... eu conheço, sou amiga distante mas sou, é... das meninas que fundaram o femin e começaram esse debate. É muito legal, foi muito importante e acho sim que foi um divisor de águas pra mim.*

*Onde eu me graduei no brasil... a universidade em si foi o ambiente que me fez ter o contato mais sério com o feminismo por meio dos grupos de... dos coletivos né?*

#### *Reconhecer-se mulher*

Para além de possibilitar uma formação crítica, o contexto universitário é reconhecido nas entrevistas analisadas como um espaço para desenvolvimento pessoal. Foram identificadas narrativas que tratavam sobre o processo de reconhecimento de si, uma vez que, para as entrevistadas, o contexto universitário fornece benefícios ao

desenvolvimento identitário a partir do momento que busca promover a igualdade e o respeito, neste caso também, através de discussões feministas.

Encoraja

Depreende-se do discurso das entrevistadas que o contexto universitário motiva e estimula a mulher a alcançar o reconhecimento de sujeito ativo na sociedade. MC, 27 anos, fez distinção entre o contexto universitário e o familiar. Disse que reconhece a necessidade de denunciar desigualdades, *“As diferenças, a necessidade de combater, de ter voz ativa. “Quando dá, por que nem sempre dá também. Eu confesso que com minha família eu não consigo bater de frente. Fico calada, abaixo a cabeça mesmo e finjo que sou uma árvore! (risos) Mas percebo que é importante a gente ter voz, é importante a gente lutar, é importante a gente conversar”*. Apesar da dificuldade em tratar do tema com a família, a entrevistada conclui e fala que o contexto universitário, devido à força coletiva as encoraja, *“eu acho que dá um pouco mais de coragem, porque tem coisas que você, sei lá, uma coisa que sempre te incomodou... e aí... a gente tem muito aquela coisa do, ah, isso é coisa da minha cabeça, não é bem assim. Então a partir do momento que você vê que outras mulheres também se incomodam com aquilo, também pararam pra pensar naquilo, que isso não é tão normal assim, é importante esses lugares de encontro e debate pra você ver que não é a única e que não é loucura da sua cabeça, porque todo mundo diz o tempo inteiro que é loucura da sua cabeça”*. Nota-se que para a entrevistada, o contexto universitário é espaço para debate e identificação, por isso, sente-se encorajada a expressar neste espaço suas ideias e anseios contra a desigualdade, das quais ela mesma se reconhece como vítima.

Atrelado a identificação que o contexto universitário proporciona, as entrevistadas validaram o encorajamento proporcionado vida na universidade em mais alguns trechos, *“foi na cidade da universidade que eu tive acesso e contato com pessoas que discutem,*

*debatem e puxam todo mundo... porque uma pessoa sozinha não ia chegar lá”, e, “O que eu vejo são assim, meninas um pouco mais novas, da minha idade ou um pouco mais novas, ela muito empoderadas pra falar... quando um cara começa a falar besteira, mais velho ou da nossa idade, elas falam mesmo e não tão nem ai! Tem que ser assim...”.* No último trecho, a entrevistada continua e diz que as alunas portuguesas têm denunciado as diferenças na universidade, e justifica afirmando que a realidade de Portugal ainda é muito marcada por conceitos patriarcais, diferente do Brasil, país de sua origem,

*Principalmente as portuguesas, porque elas estão com vontade de mudar muita coisa. É um país ainda muito parado, muito patriarcal. Vejo elas muito... assim... muito empoderadas, com argumentos conscientes... eu acho isso bem legal.*

Proporciona identificação

Ao falar sobre encorajamento, as entrevistadas fizeram referências também à identificação com o grupo de mulheres proporcionada pelo contexto universitário. Retomando o trecho da entrevista com MC, *“pra você ver que não é a única e que não é loucura da sua cabeça, porque todo mundo diz o tempo inteiro que é loucura da sua cabeça”*, compreende-se que encontrar outras mulheres que compartilham histórias de desigualdade semelhantes às suas possibilita validação das próprias angústias. Consequentemente, esta validação transfere o sentimento de inadequação da mulher e necessidade de ajustamento para a sociedade.

A identificação também foi mencionada nestes aspectos por MF, que disse, *“você encontrar gente parecida com você e que entende o que você está falando, porque as*

*vezes em casa você vai falar com sua mãe e ela vai dizer, a filha, mas que bobeira, nada demais. Então as vezes com a pessoa que está na mesma fase que você, que tá vivendo as mesmas coisas que você, que tá na mesma fase de transformação que você, ela vai entender o que você está falando*". Pode-se concluir que a identificação permite a consolidação de valores e ideias diferentes àquelas comuns a própria família, permitindo reflexão e ruptura com discursos opressores advindos da sociocultura e que estão presentes no contexto privado e familiar.

As entrevistadas discorreram, igualmente, sobre a vontade de apoiar e ajudar outra mulher, por reconhecer, nesta outra, aspectos da desigualdade que também fazem parte de sua própria existência, *"Eu acho que entre os próprios alunos nós incentivamos... se fizer isso outra vez, vai dar queixa, vai falar com a orientadora do curso... e coisas do gênero. É um apoio entre aluna e aluna, não é bem a faculdade, se não aquele professor não estava lá há muito tempo"*. Uma das entrevistadas, utiliza, inclusive, o termo sororidade que é o sentimento empático que promove união entre mulheres. Disse que este foi compreendido a partir da experiência de cursar ensino superior, *"entrar na faculdade, estar longe de casa, tudo isso ajudou muito a entender mais essa sororidade entre as mulheres"*

Por fim, citaram que a identificação promove reconhecimento dos feitos de outras mulheres, *"Eu tive uma professora aqui, brasileira, e foi muito bom ter ela como professora porque foi uma identificação, brasileira e mulher. Ela era professora prática, mas já era um grande feito"*. Isto porque, além de possibilitar reconhecer as mesmas angústias, a identificação mostra caminhos de como superar barreiras impostas. O incentivo a mulheres que romperam com um paradigma que afeta a todas pode ser entendido como uma ferramenta para mudança da sociedade. Ademais, a aproximação

entre mulheres, pelo reconhecimento dos feitos ou pelo orgulho da superação de dificuldades, abre mais espaço para autoconhecimento e decisões relacionadas ao projeto de vida, como verificado no trecho abaixo:

*Quis escolher minha tese com uma delas. Quando eu vi minhas opções eu cortei de cara todas opções que as orientadoras não eram mulheres. Não é pelo, "ai, só quero se for mulher!" não... é porque eu queria me aproximar, ver que trabalho que eu posso fazer depois.... assim... tem muita gente que acha que o feminismo é, vamos acabar com os homens. Não, não é isso, mas eu quero ver como eu posso trabalhar, como elas fazem... até pra lidar com família, casa, trabalho. Eu admiro elas, admiro mesmo.*

#### Espaço de diversidade

Assim como o contexto universitário é percebido como espaço para identificação, também é percebido como espaço de diversidade. Estabelecer relações, na universidade, com pares advindos de realidades diferentes provoca e possibilita repensar ou reafirmar valores, crenças e projeto de vida.

O contato com outras realidades parece fazer com que mulheres se deem conta de outras opressões não vivenciadas em sua história de vida. A diversidade permite que mulheres em situação de privilégio quanto ao poder aquisitivo, raça e orientação sexual, entre outros, tomem consciência das dificuldades encontradas por pessoas em outra condição de opressão. Pessoas estas, que muitas vezes já estão lutando pela mudança do discurso patriarcal em prol da emancipação de suas realidades.

As entrevistadas afirmam que o contato com outras realidades permitiu compreensão de mundo para além de suas perspectivas,

*“acho que também porque eu tive contato com várias pessoas diferentes. Eu vim de uma cidade pequena do interior de São Paulo, todo mundo com a cabeça muito fechada, todo mundo dentro de suas caixinhas, e vindo pra cá eu conheci muita gente diferente, fora do padrão”.*

*“desde que eu entrei na faculdade eu entrei em contato com tanta gente diferente... de um jeito tao diferente... tanto pra coisas que eu concordo quanto prás coisas que eu discordo que isso me botava toda hora pra parar e pensar...”* Estar em um ambiente com múltiplas realidades permitiu que as entrevistadas olhassem para sua própria atuação na propagação de preconceitos,

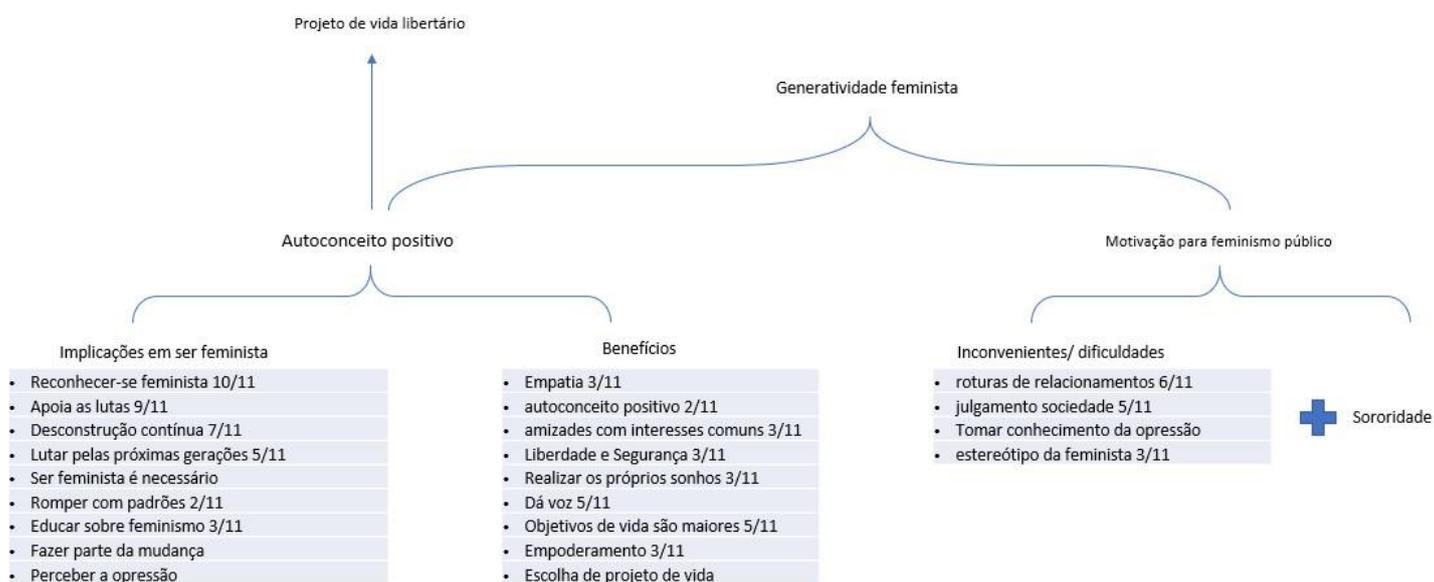
*“Eu vivia numa bolha! Total! E eu estudava num colégio elitista, eu tinha uma bolsa... tinha uma bilha social muito grande... eu convivia com pessoas que tinham realidades completamente diferente. Pessoas que iam pra Miami ao final de semana, pra fazer compra, desse estilo. Ai entrar na faculdade... Dai eu comecei a conviver com gente de todo o jeito... vivi diversidade total, tapa na cara atras de tapa na cara. Ai que eu comecei de fato a mudar algumas coisas na minha cabeça. Ai eu fui ver os preconceitos que eu tinha, eu fiquei chocada quando eu percebi que com 18 anos eu tinha preconceito com beleza de mulher... que mulher bonita não podia ser inteligente. Eu pensava, nossa, essa menina faz engenharia elétrica e é linda desse jeito... ela tirou nota alta e é linda desse jeito? Hoje eu olho pra trás e eu acho isso tão bizarro... como esse tipo de pensamento entrou na minha cabeça? Quem botou aquilo ali?”*

*“eu estudei na universidade federal no Brasil, então querendo ou não, tipo, a cabeça das pessoas já é muito mais aberta e antes de entrar na universidade, eu*

*estudava no colégio mais elitizado na cidade. Foi um paradoxo total, então eu me via cercada por amigos desse colégio que não faziam ideia do que era feminismo, não se importavam com isso, todos queriam fazer medicina, engenharia, direito não sei...e eu entrei na faculdade com um monte de pessoa nova, de diversos cantos do brasil, quase não tinha ninguém da minha cidade e cada um trazendo sua vivencia, sua experiencia de vida...”*

As entrevistadas afirmaram que o contato com a diversidade na universidade causa desconforto, justamente por evidenciar outras formas de vivenciar opressões, *“Eu tava sempre, sempre, sempre fora da zona de conforto. Toda hora eu tava quebrando a cara, aprendendo a ser mulher, sobre diversidade sobre tudo... até hoje...”*.Mas também atribuíram a ampliação de suas perspectivas da realidade a vivência em outra cultura, uma vez que as entrevistadas não são originárias no país que residem, *“Eu acho que talvez assim, nem foi o acadêmico em si, mas um conjunto de coisas. Acho que essa coisa de estar atenta ao que esta acontecendo, não estar no seu pais de origem, essa coisa de conhecer outras culturas, outras perspectivas”*

Diagrama 5  
Identidade Feminista



O guião de entrevista findou-se com o bloco 5 de perguntas e a análise das respostas a esse bloco originaram o diagrama acima, denominado, Identidade Feminista. O objetivo das questões desta parte era propor às entrevistadas uma reflexão sobre a construção de sua identidade e de projeto de vida sob influência do feminismo.

As subcategorias do discurso foram agrupadas em três categorias distintas sobre a Identidade Feminista: Implicações de ser feminista, Benefícios e Inconvenientes/dificuldades. Por conseguinte, as categorias Implicações em ser feminista e Benefícios revelaram a ideia de um Autoconceito positivo. Já a categoria Inconvenientes/dificuldades foi somada a ideia de sororidade, que permeou as narrativas, dando origem a ideia da Motivação para o feminismo público.

Seguindo a análise bottom-up, as duas categorias Autoconceito positivo e Motivação para o feminismo público culminaram na categoria comum Generatividade Feminista. É importante ressaltar que a adição da sororidade é o elemento que permite o

surgimento da ideia desta categoria comum. Sem este conceito, só seria possível chegar a ideia de um Projeto de Vida libertário.

A discussão sobre a identidade feminista foi analisada a partir do agrupamento das ideias explicadas abaixo.

#### *Implicações de ser feminista*

Notou-se que as entrevistadas ao discorrerem sobre o que é ser feminista deram exemplos de comportamentos e ideologias que para elas, caracterizam uma identidade feminista. Foram encontrados nos discursos das entrevistadas subcategorias que exemplificam o que é entendido por elas como parte de uma identidade coerente ao movimento. Essas subcategorias resultaram em um conjunto de Implicações em ser feminista. Abaixo seguem as subcategorias.

#### Reconhecer-se feminista

Apesar da maioria das entrevistadas se reconhecer como feminista, uma delas não se denomina assim por não ter engajamento público com o movimento, apesar de concordar com a maioria de seus objetivos. Entretanto, apenas seis delas disseram de forma direta que são feministas. *Eu sou feminista era uma coisa que eu escutava em casa as próprias músicas que eu ouvia e tudo mais... e aquilo que meus pais abordavam, minha mãe é das relações internacionais então ela falava muita coisa diferente. Eu sempre fui muito interessada também em ver documentários de culturas diferentes e coisas do gênero, por causa da minha vivência de mudar de país em país... mas acho que assim, o momento que eu tive noção... o momento que eu comecei a me considerar feminista, eu acho que foi na universidade, que eu comecei a chamar, não... eu sou feminista, eu sou feminista.*

*Com 17 anos por aí...*

*Sim, acho que sim  
se me perguntar eu vou falar que sim.. porque eu sei agora o que é e não quero ser  
a pessoa que não é quando eu era adolescente. Comecei a escutar isso... mas  
confesso que cresceu isso dentro de mim... é.... quando vim morar aqui em  
Portugal. Sempre fui uma pessoa que tentava defender mais, ter o conhecimento,  
procurar, saber mais, mas, querer defender mesmo a causa foi quando eu vim pra  
cá.*

*Ah sim, tento ser né, o máximo!*

Apoia as lutas

De entre as implicações em ser feminista, as entrevistadas referiram identificar-se com o feminismo porque comungam dos mesmo ideais, apoiam as lutas e almejam igualdade, “*Porque eu desejo igualdade de direitos, pra homens e mulheres*”.

Identificam-se com o movimento por entenderem que o feminismo busca combater injustiças, “*primeiro porque eu me identifico com o movimento, eu acho que é muito importante, eu não to contente com as injustiças sociais que me incomodam... eu acho que sim, a gente deveria apontar e lutar contra isso*”. Percebem que fazer parte do movimento é também uma forma de resolver diferenças históricas que precisam ser ajustadas para promover uma sociedade mais justa, “*Eu acho que o feminismo está muito relacionado a esta questão do reconhecimento que a sociedade tem um divida connosco, nós mulheres. Não é que nos queremos ser superiores, mas nós queremos direitos iguais*”; “*Você entender que existem desigualdades, diferenças, formas de tratamento muito diferentes ainda até hoje*”.

Percebem que esta luta deve ser de todas as mulheres, pois nascer do sexo feminino implica viver sob alguma forma de opressão. Salientam que apesar de ganho em direitos civis, o feminismo ainda se faz necessário porque as diferenças de

tratamento entre os géneros são parte das dinâmicas sociais, *“primeiro todas as mulheres devem ser feministas, porque eu apoio essa causa, porque eu vejo a discriminação que acontece nas mulheres, eu sei as injustiças, eu sou uma mulher educada e formada e eu sei que essa coisa de homem e mulher serem diferentes é só falar muito, não existe na realidade”*.

Cientes da diferença de tratamento também a depender de outros fatores, como raça e classe social, as entrevistadas destacaram que a luta feminista da qual fazem parte leva em consideração múltiplas identidades culturais.

*“fui introduzida ao tema do feminismo muito nova... eu sinto que nunca foi uma coisa que eu não soubesse, que eu não conhecesse, porque lá está, por causa da luta das mulheres africanas também, porque sempre havia a luta contra o racismo e tudo mais... e essa parte específica das mulheres nunca foi uma coisa que eu desconhecesse...”*

*“Bom, primeiro de tudo conceito básico do feminismo... busco uma igualdade de gênero o máximo possível, em todos os âmbitos, sociais, econômicos e tudo...”*

#### Desconstrução contínua

As entrevistadas revelaram que ao se denominar feministas elas também se comprometem em buscar entender em que medida estão sendo reprodutoras de um sistema patriarcal a fim de mudar este comportamento. Utilizam o termo desconstrução para denominar o processo de ressignificação dos constructos patriarcais.

*Eu sempre tento me desconstruir, perceber os meus erros, assim como eu aponto os erros prás pessoas, olha, esse comentário não é legal, porque boce está falando*

*assim dela, porque você está pensando assim, porque você tá tratando ela assim, não fale essa expressão. Admito que cometo vários erros... como eu disse, é algo que tá muito intrínseco, mas eu tento mudar.*

*Sei que ainda tem muitos pensamentos machistas, atitudes machistas, mas acho que é importante, todo dia, isso é um processo de melhora. Tentar desconstruir a sociedade machista, não só em mim, mas no outro.*

*mas de qualquer forma, tentar compreender, assim, tentar ver melhor as pessoas, as histórias, sem tantos... construções sociais que moldem o nosso pensamento... isso tem sido muito importante pra mim.*

Lutar pelas próximas gerações

Outra ideia comum entre as entrevistadas foi a de explicar a opção em ser feminista pensando nas gerações futuras, para deixar uma sociedade melhor para seus filhos, criarem mulheres livres e com compreensão melhor de si. As entrevistadas disseram:

*eu quero lutar pra ver as mulheres das próximas gerações terem as mesmas oportunidades que eu tive... quero continuar essa luta, porque lá está... ao amadurecer também via muitas crianças em Cabo Verde que ainda tinham muito essa mentalidade fechada que a mulher fica na cozinha, mesmo no jantares que se fazia, todas as mulheres de repente iam pra cozinha, os homens tratavam das bebidas, iam pra sala conversar sobre futebol e coisas do género... eu comecei a ficar... não isso não tá correto... e o que eu puder fazer pra lutar contra o machismo e a favor do feminismo eu vou fazer.*

*Não digo tipo, ter uma professora a ensinar feminismo, ter uma disciplina de feminismo, mas, incentivar as raparigas a fazer aquilo que elas quiserem. Abrir as oportunidades, falar dessa discriminação, falar pras raparigas novas que elas tem*

*direito de falar como querem falar, que se um homem as tratar de uma certa forma pra não aceitarem aquilo, ou se forem discriminadas por uma outra mulher de poder mais elevado, para não aceitarem aquilo... e darem sua opinião e serem ouvidas, mas sempre de uma forma educada, sempre com propósito de educar a pessoa que não sabe...*

*Eu acho que eu tento ensinar para a minha filha coisas que quebram padrões por exemplo o que é ser mulher... embora que acho que é um movimento muito pequeno, porque o movimento da escola não é exatamente assim... e acaba talvez... indo em choque com o que eu ensino... mas é algo que a gente tem que lidar. Mas que bom*

*que ela pode vivenciar esses dois contextos*

Ser feminista é necessário

Para duas entrevistadas ser feminista não é uma escolha, para elas estar identificadas com esse movimento é necessário a todas as mulheres, pois, é dessa forma que conseguirão se ver livres da opressão. Como expresso por FA, 25 anos, “*Eu acho que me considero feminista porque eu não tenho escolha de não ser feminista... A gente sofre opressões diárias... o tempo inteiro, desde que a gente nasce... até furar a orelha. Nasce e já vem marcada, já vem vestida de rosa, já é ensinada a cuidar de uma boneca, você tem que ter filhos. Então desde sempre a gente é moldada a isso, a ser subordinada, submissa. Não somos ensinadas a ocupar espaços públicos. Eu fiz relações internacionais, eu quero ocupar espaços públicos, eu quero entrar pra política um dia...*”. Para outra entrevistada, apenas a falta de conhecimento da opressão possibilita uma escolha diferente de ser feminista, “*Por de repente eu não ter o mesmo*

*comportamento de mulheres que ainda não são... não foram 100% dominadas pelo movimento, ainda não tem esse conhecimento. Pra mim não é possível que ainda exista uma mulher que não se sensibilize pela pauta, se ela tiver conhecimento sobre aquilo, o que é de fato”.*

Romper com padrões

Romper com padrões de ideias e comportamentos também é um aspeto que faz parte das descrições das entrevistadas sobre o que é ser feminista. Tanto para desenvolvimento pessoal como para contribuir para a construção de um novo paradigma, como explicitado nos trechos:

*Eu acho que a gente acaba limitando nossos sonhos, reduzindo tudo que a gente quer pra seguir um padrão que foi imposto pra gente. Então na educação das crianças só vai ajudar, vão crescer diferentes.*

*Que nem quando eu cheguei aqui, na academia... tava lá, um dos professores me reconheceu e disse, você que é a fulana de tal? Que é mulher do não sei quem? E eu disse, não sou mulher de ninguém não, sou eu. Ele ficou envergonhado, ficou pedindo desculpa... dizendo que não queria dizer que eu era de alguém, só que estava me reconhecendo de algum lugar... minha família toda sabe que eu sou feminista...*

*Você não aceita opressões então...*

*É... eu levo um monte de bate boca pra casa...*

Ensinar sobre o feminismo

Muitas entrevistadas disseram assumir um papel pedagógico, ao educar terceiros, pontuando discursos opressores e ensinado acerca do próprio movimento.

*“Porque quando eu vejo isso, quando eu vejo que a pessoa esta a se retrair um pouco pra falar comigo por causa disso, eu tento educá-la. Eu tento falar mais, se calhar uso palavras diferentes, tento dar exemplos daquilo que se passa comigo que assim a pessoa já gera uma empatia maior porque aconteceu comigo, e tento... lá está, tento educa-la... Mas pronto, educar pra tentar acabar isso, pra não fazerem isso com outras mulheres”.*

*“quando eu falo que sou, eu não me posiciono no sentido de é isso e ponto, eu tento fazer a pessoa entender melhor... porque as vezes ela ta com ideia equivocada também do que que é...”* As entrevistadas portanto, reconhecem que este processo é cansativo, pois ao mesmo tempo que são vítimas da opressão, são também protagonistas no processo educativo de transformação social. Dizem ter mais facilidade de ensinar sobre o feminismo aos seus pares,

*“Entre amigos eu ainda consigo ter a paciência de sentar e conversar. Eu acho importante fazer isso de um jeito sem ser agressivo. Eu vejo muita importância disso para os meus amigos. Às vezes eu vejo eles mesmo.... corrigir, olhar pra mim, dar um joinha ou falam, "oh, percebi e tal!" ou de virem me perguntar, o que você acha disso?”*

*“eu falo abertamente que eu sou e tento defender a causa. E tento mostrar meu descontentamento quando alguma coisa não é legal. Por exemplo, vou dar um exemplo legal. A gente tava voltando de uma balada, no carro com vários amigos e eu e uma menina só de mulher. Eles iam me deixar em casa e ela ia com um deles pra casa. E.... ela falou de alguma menina andando na rua, com alguma conotação de vagabunda, alguma coisa assim. E um deles me olhou e falou assim,*

*"e aí?" e eu disse, "o amiga, não fala isso não"... e aí, depois de dois meses, quando eu encontrei ela de novo me disse: ah! eu acho que eu lembro de você... e meu amigo disse, "lembra dela falando mal da mulher na rua? achei bom que você chamou atenção". Meus amigos gostaram de estar ali e chamar. Eu poderia não ter tomado nenhuma atitude. Mas eu gostei do meu amigo lembrar que eu chamei atenção e elogiar isso."*

Outras entrevistadas disseram assumir este papel em suas carreiras e reforçam a necessidade de expandir o conhecimento sobre o movimento para outras realidades, afim de modificar a compreensão dual e hierarquizada dos gêneros, seja em termos da sexualidade ou da parentalidade, como exposto:

*eu trabalhei um tempo numa ONG, eu fazia uma oficina pra adolescentes, era psicóloga. Existia um modulo sobre sexualidade e eu falava das questões da prevenção... preservativos... aquela coisa todas, mas também falando do gênero, que são coisas construídas socialmente e a partir disso que estudei um pouco mais... fui levada assim...*

*Acho que quando eu falo, na minha atividade profissional sobre maternidade e sobre parentalidade, eu acho que esse processo que eu faço psicoeducativo, entre famílias... porque isso não pode ser uma luta do feminismo? Eu acho que é...*

#### Fazer parte da mudança

As entrevistadas comentaram sobre o engajamento em grupos que apoiam as lutas feministas. Para elas faz parte do papel de uma pessoa que se autodenomina feminista ter uma postura de engajamento para fazer parte da mudança. Uma das entrevistadas disse que se sentia cobrada pelas amigas do mesmo grupo a se engajar mais nos processos do coletivo, *"porque tipo, no brasil, o coletivo, eu não cheguei a entrar*

*ativamente, as vezes eu ia em algum evento mas eu não era... não ia em reuniões semanais e aí eu tinha umas amigas que me cobravam muito isso, de mais engajamento, mas enfim, eu tinha outras prioridades e não queria ficar me comprometendo a horário semanal e por isso não ia. Daí elas sempre reclamavam e reclamavam também quando eu as vezes deixava passar...”.*

Após ser questionada se seu grupo a reconhecia como feminista, a estudante disse que a questão não era o reconhecimento em si. As amigas e companheiras demandavam mais posicionamento, ou seja, pediam para que a entrevistada emitisse opinião diante de uma situação de reprodução patriarcal. *“Não que eu não era... mas falavam, se posiciona!*

*Mas eu pensava, não adianta brigar, olha a merda que você tá brigando, não adianta brigar com ele... briga de Facebook... não adianta você está perdendo o seu tempo. Eu falava umas coisas e tinha uma amiga específica que ficava brava, como se eu não fizesse suficiente pelo movimento. E aqui eu cheguei e eu virei prá s pessoas que viam de fora... porque aqui eu tenho um círculo de amigos extremamente machista, parece que do século 18 e daí eu sou a louca, entendeu? Eu fico sem entender, uma hora não é suficiente e na outra eu sou a louca”.* Depreende-se do trecho que ao mudar de contexto a cobrança para fazer parte da mudança se torna diferente. Diante de contexto com concepções mais enrijecidas sobre o papel e o eu da mulher a entrevistada se mostrou fazer mais parte da mudança.

Perceber a opressão

Outro aspeto levantado pelas entrevistadas como parte de se auto denominar feminista foi o reconhecimento da desigualdade. Para as entrevistadas, perceber que há na sociedade maior valorização de um gênero em detrimento de outro exige mudança de

atitude em prol da igualdade, princípios do movimento feminista. Uma delas disse que perceber de fato a opressão já demonstra alinhamento com o feminismo, *“Eu acho que quem consegue perceber isso, e acho que todo mundo percebe na verdade, já é feminista. As pessoas que dizem que não, acho que no fundo são também”*. Segundo FA, 25 anos, enxergar a opressão lhe gera estranheza, justamente pela normalidade que é encarada na sociedade, *“Acho que foi, primeiro momento, acho que pros meus 18 anos. Bizarro isso, viver 18 anos oprimida, sem saber que tá sendo oprimida”*.

De forma similar a identificação possibilitada pelo contexto universitário, enxergar a opressão valida incômodos de mulheres e viabiliza novas possibilidades de resposta frente a desigualdade. Verifica-se o trecho, *“talvez eu esteja exagerando demais, é só uma brincadeira, mas quando você vê que não é bem assim, você pensa então não é loucura”*, para a entrevistada existe incomodo com brincadeiras e tratamento diferenciado, mas, é somente depois de perceber que este incomodo é fruto de uma determinada configuração social que ela, como mulher, valida seus sentimentos.

Após tomar consciência da opressão as mulheres percebem que é necessário colocarse em ação para promover a igualdade, *“Ai quando eu fui entender melhor... eu vi que tinha muita coisa a ser conquistada”*. Vale ressaltar que reconhecer e vivenciar outras formas de discriminação, por exemplo, a racial, fundamenta o ímpeto para agir em prol da igualdade. Uma das entrevistadas disse ter lutas contra a discriminação somadas, por ser mulher e por ser negra, por isso, reconhece no feminismo possibilidades de mudança, *Então eu acho que o feminismo pra mim é outra guerra que é completamente possível de ser lutada e atingirmos os objetivos que temos para atingir, assim como o racismo também foi. E da minha experiência própria, ao falar de feminismo consigo... acho que falo com mais paixão porque também já sofri a*

*discriminação por ser negra... Mostrar que existe a discriminação, reconhecer que existe a discriminação e dar as ferramentas para lutar contra essa discriminação.*

### *Benefícios*

Ao falar sobre assumir-se feminista as entrevistadas mencionaram aspetos benéficos para o próprio desenvolvimento e para a vida em sociedade no geral. Nesta categoria engloba-se trechos das entrevistas sobre Empatia, Autoconceito positivo, amizades com interesses comuns, conhecimento, liberdade, segurança, realização de sonhos, voz ativa, diferentes objetivos de vida, empoderamento, tratar-se com prioridade e manejo de questões internas.

### *Empatia*

A partir da aproximação ao feminismo, as entrevistadas perceberam que a capacidade de se colocar no lugar de outras pessoas e compreendê-las desse ponto de vista psicológico foi aumentada com o feminismo. Disseram que o feminismo, *“ajudou-me também a ter muito mais empatia por situações alheias”* e que buscar igualdade entre os géneros é superior ao movimento, justamente porque envolve o desenvolvimento de uma habilidade que traz benefícios a toda sociedade, *“Não é nem ensinar o feminismo... mas a ser humano mesmo né... ensinar empatia, aceitar os outros... todos brincarem juntos... se a sociedade fosse mais junta teria muitos menos problema...”*

As entrevistadas refletiram sobre este benefício dizendo que a empatia promove sentimento de união, *“É um sentimento de união... no 8 de maio foi lindo... tá todo mundo lá... muita coisa acontecendo... isso te constrói como uma pessoa mais atenta... quem é aquele ou aquela que está do seu lado..., o que está passando.... É o valor de estar lá mesmo... lutando por causas comuns...”*. DM, 24 anos, diz que a empatia permite

também incluir realidades diferentes ao seu incomodo e conseqüentemente angaria mais pessoas como promotoras de mudança, *“também ajuda a criar empatia com as mulheres brancas... meu olho já tá treinado, porque eu já sofri um determinado tipo de discriminação... ser mulher é tipo a cereja no topo do bolo, percebes? É uma outra discriminação que eu vou ter de lutar e consigo lutar com minhas outras compatriotas brancas, o que ajuda ainda mais na luta contra o racismo, tas a ver? Nós somos todas iguais, nós sofremos os mesmo problemas vamos unir as mãos e lutar juntas”*.

Nota-se ainda, da análise das entrevistas, que a empatia permite a quebra da lógica opressora, pois, com essa habilidade é possível não julgar comportamentos, mas sim acolher e promover união.

*Tem também o sentimento de sororidade que o feminismo traz e é incrível. Quantas vezes eu olhava uma menina que o cara que eu queria tava pegando e eu chingava a menina sabe... esse tipo de coisa, e com o feminismo isso se transformou radicalmente, num nível bizarro. Eu acho lindo ver a união de mulheres.*

*Então antes de julgar uma mulher de um jeito que viria de uma construção social na minha cabeça, naturalmente... tentar me aproximar né... qual a história? de onde veio isso? da onde veio o comportamento que você teve? Feminismo promove um pouco isso.*

#### Autoconceito positivo

Outro benefício reconhecido a partir das entrevistas foi um autoconceito positivo. Identifica-se do discurso das estudantes o feminismo como ferramenta para uma percepção melhor de si. *“Eu não teria certeza da minha capacidade... sem o feminismo eu não teria... vem junto com nosso autoconceito de personalidade também”*

Para as entrevistadas, o feminismo possibilitou mais confiança em si e melhoria da autoimagem:

*Ah sim, eu acho que sim, muito. Eu acho que principalmente nessas crenças de que a mulher é muito formatada naquela coisa. E eu acho que isso vai repercutindo em tudo, por exemplo, os homens só gostam de mulheres de cabelo liso... magras... temos que entrar naquele formato, naquele jeito e quando você descobre que isso é uma exigência social e não é algo seu.... Eu posso ter meu cabelo ondulado, encaracolado e tá tudo bem... acho que nesse sentido....*

*desde imagem física, de aceitação até forma de você se impor, ou saber o que dizer quando alguém falar alguma coisa que você não gosta... não ir embora, quieta...enfim... o jeito de se determinar, acho que influencia.*

Amizades com interesses comuns

De entre as mudanças causadas pela aproximação ao feminismo, as entrevistadas citaram com frequência que passaram a estabelecer relações com pessoas que compartilham as mesmas ideias sobre a temática, “*as minhas amigas me veem como feminista porque a maioria das minhas amigas também são e a gente tá sempre falando sobre isso*”. Assim, nota-se do discurso que estar confortável com as pessoas com quem se relaciona é importante, “*eu não ando com um crachá a dizer sou feminista, que basta pelo meu discurso... se a pessoa se sentir confortável para falar comigo certos assuntos, eu vou me sentir confortável para falar com ela...*”.

Uma das entrevistadas disse sentir-se bem com a mudança das relações, relatou sentir conforto para expressar seus valores com seus pares e disse valorizar relacionamentos afetivos mais saudáveis, “*Isso me dá uma paz, uma liberdade de ser quem*

*eu sou com minhas amigas, me inspiro com muitas delas. Então me inspiro, melhorou muito minhas amizades, melhorou o tipo de homem com quem eu me relaciono”.*

Somado a este relato, evidencia-se dos discursos que ao se reconhecer como feministas, as entrevistadas passam a valorizar relações afetivas com pessoas que compartilhem dos mesmos valores ou que as respeitam por suas escolhas.

*na possibilidade da construção de uma família... quanto é importante estar com um parceiro que também pensa da mesma forma... de educar tanto a menina e o menino pensando nisso também... enfim... de coisas iguais mesmo. Todos podemos fazer melhor juntos.... Nesse sentido.*

*já me livro de muito relacionamento ruim. Inclusive entre mulheres. Me livro de muita amizade competitiva, de mulheres que tentam me colocar pra baixo, porque tentam competir, porque acham que a gente deve competir por causa de homem... me livro de relacionamentos tóxicos com homens também. Não é porque a gente é feminista que não cai em relacionamentos abusivos né... é cada emboscada. Mas eu consigo fazer um belo dum pente fino...*

#### Liberdade e Segurança

De entre os benefícios experienciados pelas entrevistadas através do feminismo estão os da liberdade e da segurança. As estudantes disseram sentir mais liberdade para construir e expressar a identidade dela da forma como sentirem-se melhor, *que eu não tenho que me encaixar num padrão, que eu posso ser quem eu quiser, me dá liberdade.*

*Liberdade! Que é de expressão, de ser...*

*No que eu quero ser, no que eu sou, com quem eu procuro estar envolvida, relacionada.*

*os objetivos de ser feminista são muito bons pra mim. O feminismo me dá uma certa segurança.*

Realizar os próprios sonhos Segundo as entrevistadas, assumir-se feminista e aproximar-se do feminismo permite que mulheres se sintam livres para orientar seu projeto de vida da maneira como julgarem mais adequada. Nos trechos abaixo as entrevistadas reconhecem ganhos em sua trajetória ao comparar as possibilidades de escolha que tem àquelas que suas mães e avós tiveram. ... *sem o feminismo a gente nunca teria saído de casa, não teria desconstruído barreiras... não teria estudado.... A gente estaria vivendo a vida que minha vó viveu... meu avo nunca deixou ela trabalhar... ela fica em casa, cuidando dele... a comida tem que estar na mesa quando ele chegar...*

*A gente constrói nossos valores não a partir do que foi imposto, permite fazer o que a gente quiser. Por exemplo, a minha ambição de vida, o que eu quero... já são completamente diferentes dos da minha mãe, que foram impostos quando eu era pequena., que era crescer, ter um marido e pronto. O feminismo tira uma grade.*

*Sim sim, porque sem o feminismo... acho que a gente não tem dimensão. Como a gente falou anteriormente, como a gente, desde o dia que nasce, até sei lá... já temos condicionantes do que a gente deve ser, ou do que a gente pode ser... sem o feminismo eu nunca teria descoberto quem eu posso realmente ser.*

Além destes destaques, duas outras entrevistadas falaram que o feminismo faz com elas busquem realização pessoal e reconhecimento na área profissional que escolheram para si:

*Hoje eu acho que assim se eu não tivesse conhecido o feminismo, talvez hoje eu valorizasse muito mais minhas relações amorosas, valorizasse encontrar um parceiro, um casamento, filhos, e aquele ritmo de vida que a gente viu muitas vezes né? que falam pra gente ser o certo. hoje eu busco muito mais uma realização pessoal e individual, independente de quem tiver comigo. Hoje me perguntam se eu quero casar? não sei! quer ter filhos? não sei. Se eu encontrar alguém que partilhe das mesmas vontades vai ser maravilhoso, mas também se não, não.*

*Quero ser uma mulher influente. Quero que olhem e falem assim... "nossa! ela é uma engenheira"... e eu sei que assim, que eu preciso fazer bem mais trabalho que os meus amigos homens para ser reconhecida. Eu tenho noção disso. Pra eu ter o mesmo destaque como engenheira eu vou precisar ter... isso uma professora aqui do departamento me falou um dia.... "lembra que para vc ser uma engenheira, pra ter o destaque que o homem tem, você vai precisar dormir bem menos do que um homem dorme". Você tem que ralar mais. Mas quero muito isso, porque quero que olhem e falem, nossa!*

Ressalta-se do trecho acima que a entrevistada reconhece esforço duplicado necessário à mulher para alcançar o sucesso. Contudo, a dificuldade parece motivar a estudante para alcançar seus objetivos.

Dá voz

Outro ganho mencionado pelas entrevistadas foi a capacidade de se posicionar na sociedade, expressando suas opiniões de forma madura e orientada para promoção de bem-estar das suas relações

*Eu sinto que ser feminista deu-me muito mais voz, deu-me mais coragem para falar das minhas opiniões e defender as minhas opiniões e não só, ah tá bem, achas diferente então tu tens razão, não! É minha opinião então eu vou falar assim.*

*acho que também deu-me muita paciência, para educar e falar com pessoas e ajudou-me a construir melhor o meu argumento em vez de ser um argumento baseado em raiva e coisas do género, não, educar a pessoa e falar duma forma calma sem mandar a pessoa pra aquele lado que ela sabe, ou seja, ajudou-me a ser uma mulher mais forte.*

Objetivos de vida são maiores

Através do feminismo, as entrevistadas sentiram-se beneficiadas com a possibilidade de alcançar diferentes metas na vida. DM, disse que, *“por eu ter me tornado uma pessoa mais forte, os objetivos que eu tenho na vida já são bem maiores. Ou seja, é... sinto-me mais capaz de sonhar mais alto e sinto que, sinto mais capaz de conseguir proporcionar educação correta para minhas filhas e meus filhos, e tenho certeza que meus filhos vão lutar pelos direitos deles, pelos problemas deles e que vão ser pessoas fortes como a mãe deles espera ser. Ou seja, abriu muito mais o horizonte. Não me faz sentir tão presa como era antigamente”*. Perceção esta referida em outra entrevista, *“evitaria sofrimento de muitas mulheres e criaria mais possibilidades na vida... em todos os contextos”*.

Valorizando as possibilidades de vida conquistadas pelo movimento feminista, duas entrevistadas disseram orientar seus projetos de vida com princípios de igualdade feministas, afirmando ter vontade de incluir em suas aspirações profissionais a militância do movimento.

*já ganho em mim a vontade, junto com outras, de estar lá e apoiar todo mundo, pra gente tá lá e criar um espaço nessa sociedade*

*Sim né... porque o meu projeto de vida tá todo relacionado com isso. É o que eu estudo... o que eu quero. E eu quero ocupar espaços de liderança que eu possa ter a voz enquanto mulher... e representar*

### Empoderamento

Em seus discursos, as entrevistadas disseram ganhar, com o feminismo, poder, confiança em si mesma, autonomia e determinação, “*A partir do momento que eu me afirmo... eu já ganho poder de estar lutando pra ter espaço...*”; “*tem me dado muito mais poder... Ser feminista me ajudou a ser uma mulher mais forte*”.

Uma das entrevistadas utiliza o termo empoderamento para conceituar este poder proporcionado pelo feminismo, “*é um empoderamento tão grande quando você se assume feminista...*”. É importante ressaltar que este conceito, além de englobar os ganhos já mencionados às mulheres, também promove os mesmo ganhos à comunidade, como consequência do benefício individual. Como verificado no relato de MC, que ao se sentir empoderada, percebeu a possibilidade de atuar de maneira ativa em seu desenvolvimento e conseqüentemente na sociedade, expressando suas convicções em prol da igualdade, “*Sou muito mais empoderada, dona de mim mesmo, com voz. Descobri que se eu quiser ter voz é só eu falar*”.

Outras entrevistadas disseram que ao se unir ao feminismo ganharam condições para mostrar suas potencialidades para alcançar seus objetivos de vida, “*essa questão do poder feminino... não existe essa história de que você não pode fazer isso! E eu acho que é isso, acho que as pessoas ao longo da vida tem que buscar sempre evoluir, não adianta a gente tá sempre no mesmo lugar, na nossa zona de conforto... e você*

*justamente ficar batendo de frente sempre com suas frustrações... te obriga a evoluir!”.*

Para as entrevistadas, empoderar-se significa mostrar-se verdadeiramente para o mundo,

*“Eu era sempre ah... não... tá tudo bem... vou concordar com tudo aquilo e acho que iria continuar assim... ou seja, as pessoas nunca iriam conseguir ver-me toda... todo o meu ser... só iam ver a máscara que eu ponho a frente”.*

#### Escolha de Projeto de Vida

De forma geral, as entrevistadas mencionaram que o feminismo desenvolve nelas domínio sob o curso da própria vida. Elas usam terminações como “prioridade” para comunicar a ideia de que estão tomando decisões e escolhendo caminhos segundo seus valores, suas habilidades e seus prazeres, *“o feminismo me proporcionou saber que eu tenho que estar bem comigo mesma, não preciso depender de outra pessoa, não preciso de um homem, que eu tenho que buscar meus sonhos, se eu quiser mudar pra outro país, se eu não quiser ninguém eu posso, se eu quiser ter alguém tudo bem também. Não é egoísta, é saber o que eu quero pra mim, só”.*

Ilustram o sentimento em torno da autonomia possibilitada pelo feminismo, *“É ter escolha. Antes as pessoas... as pessoas tendem a dizer que você não tem o que escolher, você tem que aceitar... tem um caminho já trilhado pra você”* e entendem que seu projeto de vida precisa ser orientado para o bem-estar delas próprias, *“A minha prioridade sou eu. Eu na minha perspectiva de felicidade, na minha perspectiva de dever profissional, não naquilo que a minha família quer pra mim”.*

Neste sentido, as entrevistadas, ao assumirem uma identidade feminista rompem com o projeto de vida pré-estabelecidos a elas, no caso, com a finalidade principal da procriação e ao cuidado familiar

*“Sim, claro... até porque se eu fosse aceitar o projeto de vida que a minha família queria pra mim, eu já tava casada com dois filhos, seja lá com quem fosse...”*

*“acaba influenciando... no sentido de ai... antes eu pensava que com 18 anos eu ia sair de casa, com 20 estaria casada com filhos, mas hoje eu sei que não é bem assim, tenho outras prioridades, vai demorar pra casar e ter filho, é me estabilizar numa profissão antes... a gente não percebe, mas influencia”.*

Ao se assumir feminista, uma das entrevistadas explicou que o feminismo possibilita a tomada de consciência da opressão, revela sentimentos e emoções relativas a esta opressão e fornece possibilidade de rompimento com esta trama. Deste modo, a ela é dada a liberdade de se identificar com o que lhe parece bom, *“a coisa feliz é justamente você saber... é falar, cara, sai daquele lugar onde eu sofria aquilo... recebia esse tratamento x e me sentia de um jeito y, olha onde eu to hoje, que é um lugar que eu me dou autonomia... eu me dou a liberdade que não queriam me dar.”*

#### *Inconvenientes/ dificuldades*

Partindo da análise das respostas ao quinto bloco do guião de entrevistas, não se verificam prejuízos ou malefícios advindos do feminismo. Notam-se apenas alguns inconvenientes, que surgem pela mudança de perspectiva das mulheres e vão ao encontro do que era encarado como normalidade. As entrevistadas dizem que os feminismos as fazem experienciar dificuldades quando acontecem roturas nos relacionamentos, quando tem os comportamentos julgados pela sociedade, quando tomam consciência da opressão e quando precisam lidar com estereótipos do ser feminista.

#### *Roturas de relacionamentos*

Como já mencionado acima, ao se denominarem feministas, as entrevistadas notaram mudança do ciclo de relacionamentos e disseram se beneficiar de relações acolhedoras. Contudo, reconhecem que também são perdas.

- *Ah, muitas se afastam né... quantas brigas já não tive... amigos do meu ex... nenhum mais olhou na minha cara. Sou taxada de radical, a chata... tudo problematiza. Mas é muito fácil pra um homem branco, rico e hétero apontar isso.*
- *Obvio que você perde umas pessoas, mas que bom, são pessoas que eu não quero pra minha vida, que não me respeitam, que não me querem como eu sou.*
- *tem pessoas que se afastam e vão me chamar de louca, a chata a politicamente correta, mimimi. Mas ai essas pessoas... que bom que vão se afastar. Eu tento pensar por esse lado, senão a gente fica triste mesmo, porque tem amigos que se afastam e é triste quando você vê uma pessoa que você gosta se afastando porque ela te acha muito mimimi, e ela não consegue entender que é uma dor real, que oprime mulheres até hoje. É triste pensar que tem gente que se afasta, mas eu tento pensar que é melhor as pessoas se afastarem mesmo.*

#### Julgamento da sociedade

Ao assumirem uma postura feminista, as mulheres entrevistadas receberam algumas respostas negativas. Uma delas disse se sentir atacada com as opiniões discordantes à dela, *“quando eu digo sou feminista, já me senti muito atacada... porque muita gente tem ideia errada do que é feminismo ou vai contra... acho que esse é o principal”*. Outra disse perceber certo afastamento do recetor, *“Quando falo com rapazes e digo que sou feminista, primeiro eu vejo logo assim, uma retração da pessoa... a postura da*

*pessoa muda voluntária ou involuntariamente, não sei, mas a postura da pessoa muda”.*

Atribuem este fato ao pré-julgamento de seus comportamentos e ideais pela sociedade, apesar de reconhecerem que esta é um consequência normal à expressão de opiniões, *“acho que o inconveniente seria um pré julgamento de alguém externo... acho que isso seria um inconveniente... que também não me interessa... mas, a partir do momento que você afirma alguma coisa... é imposto muita coisa né...”*. Dizem ser taxadas de loucas e exageradas, além de ter a opinião política definida previamente a própria escolha, *“Mas, negativamente, ainda na família, sou vista como a louca, a radical, a de esquerda... e eu nem me defino como de esquerda”*.

Apesar do julgamento e de uma, *“má interpretação dos outros”*. É aceito que está é uma consequência do processo de afirmação de si e de um novo paradigma, *“nem todo mundo vai concordar... mas eu também não tô aqui para agradar a todos né... assim como jesus cristo não agradou... imagina eu...”*

Tomar consciência da opressão

Diante da consciência de uma realidade desigual alguns incómodos também foram comentados. Enxergar a opressão, segundo as entrevistadas gera incomodo e a mulher acaba por enfrentar situações de discussão, como mencionado no trecho, *“Ah... muitas vezes eu escuto uma piadinha machista e eu não deixo passar. Eu não rio igual muita gente faz... ou qualquer tipo de comportamento. Sei lá, meu ex namorado uma vez disse, nossa, essa blusa não tá muito transparente? Eu disse tá e daí? Mas tá aparecendo seu peito... ué, você num sai na rua sem camisa? Porque eu não posso também... ai ele, ah mas o peito é sexualizado. Ai eu disse é sexualizado porque vocês sexualizaram o da mulher e do homem não... é ai, quebrar paradigmas, então*

*incomoda, o feminismo incomoda. Porque é uma ameaça mesmo”. M, 32 anos, complementou a narrativa acima e disse que é necessário aprender a lidar com as frustrações de romper com anos perspectiva agora alterada, “você começa a enxergar as coisas... você tira a quele óculos que te botaram quando você nasceu e você vê tudo que tá errado, você vê as frustrações... e você tem que passar a conviver com isso, saber como mudar e evitar esses problemas”.*

#### Estereótipo da feminista

Outro inconveniente de se assumir como feminista é lidar com os estereótipos relacionados a esta identidade. Uma das entrevistadas relatou que as mulheres com uma identidade feminista são vistas com a imagem de que não se depilam. Para ela isto é um sinônimo de liberdade, mas, destaca que para a sociedade este aspeto recebe uma conotação pejorativa. Abaixo destaca-se trecho do diálogo:

*“Acho que não veem esse aspeto... olham pra mim e pensam essa dai não é... como eu posso dizer de um jeito não pejorativo (pausa)... é um jeito pejorativo, mas é um rotulo das meninas por exemplo das rosas... elas são feministas... tem umas que são visivelmente e outras que não*

*O que seria uma visivelmente feminista?*

*O que seria uma visivelmente feminista? (pausa) uma pessoa desmascarada... você olha pra ela e ela tá pelada na sua frente... ela é ela... tá do jeito que ela quer*

*E você, não é assim?*

*Eu não... eu ainda tenho muitos critérios... elas são livres... peludas e nem ai... eu ainda sou neurótica com pelos, isso me afeta, me deixa mal, me faz me sentir feia... não me veem com feminista nesse ponto do estigma”..*

Outras entrevistadas destacaram igualmente a questão dos pelos e acrescentaram a ideia de que feministas vivem apenas uma orientação sexual homoafetiva, além de lhes serem atribuídas o rótulo de loucas,

- *E tem o ah... "defende a causa deve ser lésbica, não deve estar se depilando" ... "então tá, então para de usar maquiagem". Gente! o que tem uma coisa a ver com a outra? Eu quero a liberdade de passar ou não, usar isso ou não.*
- *Não... porque eu acho que existe o estereotipo da mulher que não se depila, que anda como homem, por que afinal de conta as mulheres querem ser como os homens (tom de ironia). Então como existe esse estereotipo, talvez as pessoas não me enxergam como.*
- *quando você ouve falar do feminismo mais nova, escuta que são as mulheres loucas, que tem pelo debaixo do sôvaco, que queima sutiã e tal.*

Apesar dos estereótipos estarem classificados com inconvenientes, as mulheres entrevistadas não relataram que esta rotulação as afasta da identidade feminista. Entendem o inconveniente a nível do enfraquecimento do movimento feminista e não a nível de um julgamento individual.

## **Discussão**

O presente estudo explorou, a partir do relato de adultas emergentes, a influência do feminismo no processo de construção de suas identidades. Além disto, buscou entender, como o contexto universitário, visto que todas as participantes eram estudantes universitárias, influencia este processo. A análise das entrevistas resultou em cinco diagramas que exploraram diferentes aspectos da relação das estudantes com o feminismo e com a formação de sua identidade.

O primeiro diagrama, denominado, Definição do Feminismo, pretendeu explorar o conhecimento das mulheres sobre o movimento feminista, bem como, entender qual a definição que as estudantes têm dado para este movimento. Quando questionadas sobre a história do feminismo, as estudantes disseram não conhecer os pormenores do movimento, no entanto, apresentaram um discurso coerente com o desenvolvimento do feminismo na sociedade.

Sinalizam em seus discursos causas que motivaram o início do movimento. Para elas o movimento feminista surge pelo reconhecimento do tratamento desigual para os géneros, marcado pelo julgamento do comportamento emitido por mulheres e por condições desiguais no que tange os direitos civis. Entendem que a sociedade está alicerçada em uma lógica patriarcal e que para modificar esta realidade precisam comunicar o incomodo e a violência que as mulheres sofrem neste lugar de opressão.

As entrevistadas deixaram claro que as conquistas do feminismo até à presente época não são suficientes para dar conta da disparidade entre os géneros. Por isso, entendem que a igualdade almejada pelo movimento vai além das conquistas da primeira vaga do feminismo.

Os resultados sugeriram que as participantes compreendem o feminismo como uma forma de alcançar uma Igualdade Existencial, que compõe justamente a luta pela igualdade de direitos e oportunidades, assim como, a luta pela emancipação feminina e reconhecimento da mulher como sujeito ativo tanto na sociocultura e no desenvolvimento a nível individual.

Destaca-se do primeiro diagrama a categoria Autoconhecimento e Empoderamento. Estes dois conceitos parecem cumprir um papel importante de retroalimentar e dar força para o movimento feminista. Isto porque, as conquistas do

movimento possibilitam que mulheres tenham mais consciência de suas potencialidades e de suas aspirações. Este fato parece motivar as mulheres a participar de uma luta cada vez mais consciente e pública por essa igualdade existencial. Nesta lógica retroativa, sugere-se, que o movimento feminista ganha força a partir do desenvolvimento individual das mulheres.

O segundo diagrama tratou do reconhecimento do tratamento diferenciado entre os géneros. As narrativas das estudantes corroboram a ideia de que a submissão das mulheres é resultado de uma compreensão dualista do homem e da mulher. As participantes demonstraram entender que o homem é compreendido na sociocultura como sujeito e a mulher como objeto.

Este entendimento é sustentado pelo discurso hegemónico (Fávero, 2010) que perpetua dois mitos. Um do homem como ser mais capaz, detentor do poder e transformador de sua realidade, e o outro da mulher como ser frágil e reduzido ao seu destino biológico da procriação.

O terceiro diagrama diz respeito às percepções que as estudantes têm das diferenças de género em sua trajetória de vida. Para as mulheres, viver em situação de opressão gera sentimentos e crenças negativas à própria imagem. De entre os sentimentos negativos expostos pelas entrevistadas se encontram a angústia, culpa, ansiedade, cobrança exagerada de si, frustração, ansiedade, medo, ressentimento, receio, entre outros. Todos estes sentimentos acabam por gerar uma imagem desqualificada de si própria.

Além disso, as entrevistadas expressaram se sentir em um contexto de vulnerabilidade, potencializado por esta imagem desqualificada que carregam de si e pela confirmação da sociocultura que a qualifica como objeto. Não obstante, a condição

de objeto permite que os discursos da sociocultura permaneçam manipulando-as da forma como convém, mantendo a superioridade do homem. Esta manipulação, no sentido do uso de um objeto, é feita através de discursos que determinam a maneira como esta mulher deve se comportar, em como deve expressar sua sexualidade e em como deve seguir seu projeto de vida.

Logicamente, esta condição limita a liberdade das mulheres. Mantidas em um contexto privado, ficam muitas vezes sob o comando de uma família reprodutora do discurso machista. De forma mais direta, compreende-se da análise das entrevistas, que a identidade das mulheres é construída alheia a elas próprias, à medida que a sociocultura determina o que é ser mulher.

Contudo, as entrevistadas forneceram dados sobre quais fatores podem ser protetores para o desenvolvimento autônomo da identidade da mulher. Em contrapartida a uma família machista, as entrevistadas citaram de maneira positiva a atuação de uma família encorajadora, mesmo que essa família reproduza em alguns níveis a ideologia patriarcal. A característica mais importante citada por elas neste caso é a de uma família que permita a exploração identitária, por exemplo, ao permitir que esta mulher tenha contato com outras culturas e com vários saberes de seu interesse.

Outros fatores protetores citados permitem, igualmente, uma maior possibilidade de exploração, como é o caso da educação. O conhecimento proporciona às mulheres o desenvolvimento de um pensamento crítico sobre o mundo e sobre si. Neste contexto positivo as mulheres podem encontrar melhores possibilidades para a expressão de quem são.

Entretanto, é importante ressaltar que os fatores protetores ao desenvolvimento atuam em uma imagem negativa já pré-estabelecida. Por isso, na figura gráfica do

diagrama três, os fatores protetores foram adicionados em nível diferente das categorias, sentimentos e crenças negativas, vulnerabilidade e imposições sociais. Buscou-se transmitir a ideia de que mesmo com uma história de vida privilegiada, nutrida por fatores protetivos, as mulheres já estão inseridas em um contexto opressor.

Vale lembrar aqui da transgeracionalidade mencionada pelas entrevistadas como parte da pauta de luta do feminismo. Independente da situação da mulher, suas mães, avós e ancestrais viveram em um contexto em que, muito provavelmente, estes fatores protetivos não estiveram presentes e isto será refletido nas relações que elas estabelecerão. O feminismo, ao ser citado como fator protetor para expressão do ser, surge acompanhando a história destas mulheres e suas gerações, como alternativa para mudar esta realidade.

Quando se diz que as mulheres já estão inseridas em um contexto opressor, entende-se que este contexto engloba as relações familiares assim como outros espaços da sociocultura. Por isso, optou-se por investigar qual está sendo o papel do contexto universitário do desenvolvimento das mulheres. Somado a esta necessidade investigativa está o fato de que em vários momentos das entrevistas as mulheres destacaram a importância da formação e da educação como fatores emancipatórios.

O quarto diagrama é resultado da análise da percepção das diferenças de gênero no contexto universitário. Constatou-se que as entrevistadas percebem o espaço acadêmico como estando marcado por uma dualidade. Se, por um lado, este contexto é percebido como lugar de formação de um pensamento crítico também é identificado como espaço reprodutor e de manutenção do paradigma patriarcal.

A universidade se mostra como reprodutora da opressão a nível de suas relações, exemplificado, pelas estudantes, nos casos de assédio físico e desqualificação moral e

psicológica. Como forma de manutenção deste mesmo paradigma, a universidade tradicional reproduz estereótipos também a nível científico (Nogueira, 2001). e se mostra alheia a mudança quando não produz conhecimento e não promove ações em prol da desconstrução da ideologia hegemónica.

Conquanto, a característica dual do contexto universitário identificada pelas entrevistadas pode dar pistas para mudanças estruturais deste contexto, visando a promoção do bem-estar de suas alunas e da sociedade no geral. De forma contraditória ao que foi antes exposto, a universidade também é identificada como espaço para construção de novos paradigmas.

Assim como é composta por pessoas que reproduzem discursos opressores, a universidade é também um espaço de diversidade. Estão presentes neste contexto, pessoas de diferentes identidades culturais, diferentes raças, sexualidades, credos, capacidades e poder aquisitivo. Estas pessoas, muitas vezes já estão travando lutas pela expressão de outras identidades que não a da mulher, por isso, estabelecer relações com a diversidade, além de favorecer o desenvolvimento da empatia, faz com que outras expressões de luta contra a opressão sejam conhecidas.

A universidade é um contexto público onde muitas mulheres se destacaram. Este fato, além de refletir uma conquista do feminismo, proporciona identificação. As entrevistadas discorreram sobre dois aspetos desta identificação que importa discutir. O primeiro deles é a identificação com figuras em posição de destaque. Muitas entrevistadas disseram se identificar com professoras e com investigadoras. Percebem, ao reconhecer a opressão na própria história de vida, que estas mulheres, provavelmente, passaram por dificuldades semelhantes. Relataram, dado este motivo, que sentem orgulho destas mulheres e que as utilizam como referência para construção

do próprio projeto de vida. A segunda forma de identificação diz respeito aos pares. As entrevistadas disseram que na universidade encontram mulheres com quem podem compartilhar situações semelhantes de vida. A partir deste ponto, a identificação promove sentimento de empatia e encorajamento para lidar com as dificuldades impostas por uma trajetória de vida marcada pela opressão. Neste sentido, o feminismo aparece, novamente, como fator protetor para o desenvolvimento da identidade.

No âmbito do feminismo no contexto universitário, as entrevistadas referiram não ter contato com a temática do feminismo em termos acadêmico. Revelaram que as aspirações e reflexões sobre o movimento feminista são explorados em condições muito específicas, por exemplo, em cursos como relações internacionais, direitos humanos, palestras pontuais e coletivos de estudantes. Considera-se, dada a função protetora do feminismo, que este tema deveria ser mais explorado em sala de aula, em leituras e na própria produção científica.

É importante frisar o conceito de sororidade discutido com frequência pelas entrevistadas. Fizeram menção a este conceito ao falar sobre a necessidade da união de mulheres, apoio, coesão grupal e empatia. A sororidade é o termo feminino para o conceito de fraternidade, diz respeito à aliança entre as mulheres pautada na empatia e no companheirismo. Compreende-se do discurso das entrevistadas que a sororidade é favorecida no contexto universitário.

O quinto e último diagrama foi resultado da análise das narrativas referentes à identidade feminista. Com exceção de uma estudante que não se nomeou feminista por entender que este rótulo cabe apenas as mulheres que estão à frente da militância do movimento, todas as outras se reconheceram como tal. As estudantes entendem que assumir-se feminista implica apoiar as lutas do movimento, rompendo com padrões e

discursos que promovam opressão. Além da necessidade de atenção e reformulação dos próprios comportamentos, as entrevistadas enfatizaram a necessidade de promover o conhecimento dos valores feministas, a fim de educar o olhar de outras pessoas para o reconhecimento da opressão gerada por uma ideologia patriarcal. Afinal, feminista é o homem ou a mulher que diz: “Sim, existe um problema de gênero ainda hoje e temos que resolvê-lo, temos que melhorar” (Adichie, 2015). Esta noção resolução conjunta, coloca em questão, novamente, a identidade do grupo de pessoas ao qual o feminismo luta por. Sontag (2015) lembra o questionamento de Virginia Woolf, no que diz respeito ao sofrimento, nunca se pode considerar, de forma segura, a existência de um “nós”: haverá sempre um nós e os outros. Um público vasto, dividido entre aqueles que têm a certeza de que a razão está de um dos lados e a opressão e a injustiça do outro lado (Sontag, 2015) .

Nas entrevistas, as participantes reconheceram benefícios e inconvenientes em assumir uma identidade feminista. Como benefícios foram elencados fatores que podem ser sintetizados no empoderamento para traçar de forma autônoma seus projetos de vida. Já como inconvenientes, as entrevistadas citaram, por exemplo, os estereótipos da identidade feminista e o julgamento de comportamentos fora do padrão esperado para uma mulher. Entretanto, parecem perceber que isto é uma forma de *Backlash*.

Outros inconvenientes relatados foram as roturas de relacionamentos e o próprio reconhecimento da opressão. Apesar disso, as entrevistadas se mostraram imbuídas da urgência do movimento feminista e relataram não se preocupar tanto com estes incômodos. Isto porque reconhecem que o feminismo as tira de um lugar de submissão. É importante destacar que as entrevistadas não falam em malefícios do feminismo, sentindo-se, pelo contrário, satisfeitas com o resultado da aproximação ao movimento.

Parecem desenvolver um sentimento de gratidão ao movimento, que as impele a se tornarem ativas na desconstrução do paradigma patriarcal. Kristeva (2011) sugere que os seres humanos são formados por sua necessidade de crer, a começar com as primeiras tentativas de discursos seguidas pela busca identitária e de sentido durante a adolescência. A autora diz que é preciso acreditar no destino da humanidade e em possibilidades criativas. Neste sentido, sugere-se que uma identidade pessoal feminista somada a sororidade, resulta em uma espécie de generatividade feminista.

Por fim, este estudo apresenta limitações quanto a amostra. Devido ao caráter bola de neve, as participantes são em sua maioria brasileiras. A participação de estudantes portuguesas enriqueceria a discussão. Isto porque, apesar da proximidade histórica dos países, a cultura portuguesa está alheia a um contexto de país colonizado. Acredita-se que as participantes tenham um olhar diferente para enxergar a opressão, como mencionado por Butler (1990), a suposta universalidade e unidade do sujeito do feminismo é minada por restrições do discurso representacional na qual este sujeito funciona. Ademais, a inclusão de estudantes portuguesas contribuiria muito no sentido de oferecer uma perspectiva mais próxima da cultura do país onde os dados foram coletados. Vale lembrar que o Portugal vivenciou um regime fascista que moldou de forma conservadora a sociedade portuguesa (Azambuja, Nogueira, & Saavedra, 2007).

## **Conclusão**

O resultado da compreensão do feminismo como igualdade existencial, sugere que é percebido pelas mulheres entrevistadas uma possibilidade de expressão do self a partir do movimento feminista. O feminismo funciona como ferramenta para impulsionar a identidade das mulheres. Isso acontece porque o envolvimento com o

movimento possibilita reconhecimento do discurso hegemónico na própria história de vida. Ao mesmo tempo é no movimento que as mulheres se identificam, compartilham as dores do reconhecimento da opressão em sua história e conseguem produzir outro significado para sua subjetividade. Ao mesmo tempo essa mudança de perspectiva e de escolha identitária provoca mudanças na sociocultura, agora composta de novos discursos.

Vale a pena lembrar que as entrevistadas pertenciam a um contexto específico. A nível psicossocial, todas as mulheres eram adultas emergentes. É neste momento do desenvolvimento humano que mulheres e homens estão experimentando opções de identidade, estão reafirmando valores, estão repensando alguns valores da própria família, estão olhando para si e programando caminhos para compromissos a longo prazo.

Nesta fase de desenvolvimento o feminismo pode servir como contexto protetivo, na medida em que oferece recursos como autoconhecimento e promove uma reflexão acerca da própria vida, bem como possibilita identificação com outras mulheres para dar sentido e apoio a conflitos experienciados por elas.

Outro aspeto importante do contexto das entrevistadas é de que todas estão vivenciando o contexto universitário. Este contexto se apresentou como reprodutor do paradigma patriarcal, seja a nível da produção científica seja a nível das relações de autoridade estabelecidas por docentes ou por funcionários homens da universidade.

Entretanto, um contexto universitário que promove o feminismo oferece a suas alunas e em menor escala aos alunos, uma possibilidade de tomar decisões mais assertivas, decisões que promovam um autoconceito positivo e bem-estar.

Ao mesmo tempo, o contexto universitário é lugar de produção científica. É um lugar que pode gerar novos discursos. A ciência, como visto, perpetua vícios de um sistema patriarcal e acaba por replicar a opressão com as mulheres. Alterar esta perspectiva, discutindo sobre as diversas realidades das mulheres, sobre questões relacionadas a raça, a classes, assim como outras realidades de opressão torna o espaço universitário promotor da transformação.

Sugere-se que estudos feministas sejam feitos no futuro. Ademais seria interessante conduzir estudo com enfoque maior no contexto universitário incluindo mais mulheres que ocupem outras funções deste espaço. Faz-se necessário também realizar estudos com uma amostra mais heterogênea, em termos de nacionalidade, orientação sexual, classe e capacidade.

## Referências

- Adichie, C. N. (2015). *Todos devemos ser feministas*. Lisboa: Publicações D. Quixote.
- Arendt, H. (2007). *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Arnett, J. J. (No. 5 de Vol. 55 de 2000). Emerging Adulthood: A Theory of Development From the Late Teens Through the Twenties. *American Psychologist*, 469 - 480.
- Arnett, J. J. (2004). *Emerging Adulthood. The Winding Road from the late teens through the twenties*. London: Oxford University Press.
- Azambuja, M. P., Nogueira, C., & Saavedra, L. (2007). Feminismo(s) e psicologia em Portugal. *Psico*, 207-215.
- Beauvoir, S. d. (1949). *Le Deuxième Sexe*.
- Bronfenbrenner, U. (1977). Toward an experimental ecology of human development. *American Psychologist*, Washington, DC: American Psychological Association, n.32, p. 513-531.
- Brooks, A. (2007). Feminist standpoint epistemology: building knowledge and empowerment through women's lived experiences. In S. Hesse Biber & P. L. Leavy (Eds), *Feminist research practice: a primer* (pp.53-82). Thousand Oaks, CA: Sage
- Butler, J. P. (1990). *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge
- Charmaz, K. (2006). *Constructing Grounded Theory: A Practical Guide Through Qualitative Analysis*. London: SAGE.
- Deschamps, J.-C., & Devos, T. (1998). Regarding the Relationship Between Social Identity and Personal Identity. Em S. Worchel, J. Morales, D. Páez, & J.-C. Deschamps, *Social Identity: Internacional Perspectives* (pp. 1-12). London: Sage.
- Downing, N. E., & Roush, K. L. (1985). From passive acceptance to active commitment: A model of feminist identity development for women. *The Counseling Psychologist*, 13, 695-709
- Fávero, M. H. (2010). *Psicologia do Gênero: Psicobiografia, sociocultura e transformações*. Curitiba: Editora UFPR.

- Faye, C., & Sharpe, D. (2008). Academic Motivation in University: The Role of Basic Psychological Needs and Identity Formation. *Canadian Journal of Behavior Science*, 189-199.
- Glaser, B., & Strauss, A. (1967). *The Discovery of Grounded Theory – Strategies for qualitative research*. London: Weidenfeld and Nicolson.
- Haste, H. (1993). *The sexual metaphor*. London: Havester, Wheatsheaf.
- Hollanda, H. B. (1994). *Tendências e Impasses o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Kristeva, J. (2011). *This Incredible Need to Believe*. New York: Columbia University Press.
- Kroger, J. (2006). *Identity Development Adolescence Through Adulthood*. London: SAGE.
- Layland, E. K., Hill, B., & Nelson, L. (01 de Janeiro de 2018). Freedom to explore the self: How emerging adults use leisure to develop identity. *J Posit Psychol*, pp. 78-91.
- Leaper, C., & Arias, D. (2011). College Women's Feminist Identity: A Multidimensional Analysis with Implications for Coping with Sexism. *Sex Roles*, 475-490.
- Nussbaum, M. (2001). *Women and Human Development – The Capabilities Approach*. New York: Cambridge University Press.
- Sontag, S. (2015). *Olhando o Sofrimento dos Outros*. Lisboa: Quetzal Editores.
- Weil, S. (2017). *Reflexões Sobre as Causas da Liberdade e da Opressão Social*. Lisboa: Antígona.
- Liss, M., & Erchull, M. (2010). Everyone Feels Empowered: Understanding Feminist SelfLabeling. *Psychology of Women Quartely*, 85-96.
- Moradi, B., Subich, L. M., & Phillips, J. C. (2002). Revisiting feminist identity development theory, research, and practice. *The Counseling Psychologist*, 30, 6-43.
- Nogueira, C. (2001). *Um Novo Olhar Sobre as Relações Sociais de Género: Feminsimo e Perspectivas Críticas na Psicologia Social*. Braga: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Strauss, A., & Corbin, J. (1990). *Basics of Qualitative Research: Grounded Theory Procedures and Techniques*. London: Sage.
- Vinuto, J. (2014). A amostragem bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate aberto. *Temáticas*, 203-220.

Watson, L., Flores, M., Grotewiel, M., Brownfield, J., Aslan, S., & Farrell, M. (3 de 42 de 2018). How Do Feminist-Identified Women Cope With Discrimination? A Feminist Standpoint and Grounded Theory Study. *Psychology of Women Quarterly*, pp. 291-312.

## **Anexos**

Anexo 1 – Guião de entrevista

### **Guião de Entrevista**

#### **Bloco 1 - Conhecimento acerca do feminismo**

- 1) O que você entende por feminismo? Conhece a história? O que acha que motivou o início deste movimento?
- 2) Este pensamento/movimento dá voz a todas as mulheres?
- 3) Qual é, na sua opinião, o papel do feminismo para as mulheres de hoje? Encontra algum sentido neste movimento?

#### **Bloco 2 - Reconhecimento das diferenças de gênero**

- 4) Acha que a sociedade atual atribui papéis diferenciados a homens e mulheres? Que diferenças são essas?
- 5) A sociedade cria e dá as mesmas oportunidades a homens e mulheres? 6) Para si, quais são as origens de todas estas diferenças?

#### **Bloco 3 - Influência dos papéis de gênero e da sociedade patriarcal na formação da identidade**

- 7) Considera que estas diferenças exercem influência sobre o comportamento das mulheres e sobre a percepção que elas têm de si próprias?
- 8) Pensando no seu caso em particular e olhando para seu percurso de vida, considera que ele foi, de algum modo, influenciado pelas diferenças que a sociedade estabelece entre homens e mulheres? Por exemplo, sentiu isso na forma como foi educada? 9) Sente, de algum modo, que estas diferenças têm influenciado a pessoa que a \_\_\_\_\_ é? De que modo?
- 10) Em algum momento se sentiu vítima de um tratamento desigual por ser mulher? como foi? pode contar algum episódio? Como estes acontecimentos a marcaram?

#### **Bloco 4 - Presença do feminismo e das diferenças de gênero no contexto universitário**

- 11) Acredita que o espaço da faculdade, seja em sala de aula ou no relacionamento com professores e colegas, também sofre influência das diferenças de gênero? Quais diferenças observa?
- 12) Que expressão tem o feminismo na universidade que frequenta? Este é um tema abordado do ponto de vista científico? É matéria das aulas, palestras e workshops...?
- 13) O que é feito em sua faculdade para diminuir essas diferenças? Ou, caso não haja diferenças, o que permite, em sua opinião, o tratamento igualitário?
- 14) Para si, a entrada na faculdade e a vivência acadêmica alteraram a forma de entender estas diferenças?

#### **Bloco 5 - Identidade feminista e implicações do feminismo para o projeto de vida de jovens adultas**

- 15) Em que momento da sua vida ouviu falar sobre feminismo?
- 16) Considera-se feminista? Porquê? O que é que a define como feminista?
- 17) E os outros veem-na como uma feminista? Porquê?

- 18) Afirma-se perante os outros como uma mulher feminista? Quais os benefícios que retira de se assumir como feminista? Existem inconvenientes em se afirmar como feminista?
- 19) Em que medida a vida na universidade contribuiu para se definir como feminista?
- 20) O feminismo tem influenciado a construção da sua identidade enquanto mulher?
- 21) A discussão sobre feminismo ajuda-a a pensar o seu projeto de vida? o que te proporciona?
- 22) Acha que o feminismo deve estar presente na educação de crianças do sexo feminino? E para as do sexo masculino? O que mudaria?

## Anexo 2 – Termo de consentimento

### **TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO LIVRE E ESCLARECIDO**

Declaro que eu, \_\_\_\_\_, concordo em participar de entrevista para pesquisa no âmbito do projeto "*O papel do feminismo na construção da identidade de adultas emergentes no contexto universitário*". Estou ciente e fui informada que meu relato será gravado, utilizado para apenas análises científicas e minha identidade será preservada.

Participo da pesquisa por vontade própria e fui esclarecida quanto a minha liberdade de desistir da participação caso não seja mais de meu interesse ou sinta-me desconfortável. Atesto ainda que recebi cópia deste termo e possuo contato da pesquisadora para eventuais esclarecimentos.

Coimbra, Portugal, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

---

Assinatura da participante